



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA – PPGSCA



EVERTON DORZANE VIEIRA

TRABALHO E SOCIEDADE: o cotidiano de uma comunidade amazônica

MANAUS-AM

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA – PPGSCA



EVERTON DORZANE VIEIRA

TRABALHO E SOCIEDADE: o cotidiano de uma comunidade amazônica

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de mestre.

ORIENTADORA: PROF. DRA. ARTEMIS DE ARAÚJO SOARES

MANAUS-AM

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

V658t Vieira, Everton Dorzane
Trabalho e sociedade : o cotidiano de uma comunidade
amazônica / Everton Dorzane Vieira . 2022
150 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Artemis de Araújo Soares
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Trabalho. 2. Comunidade da Brasília. 3. Cotidiano. 4. Modo de
vida. 5. Amazônia. I. Soares, Artemis de Araújo. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

TRABALHO E SOCIEDADE: o cotidiano de uma comunidade amazônica

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO DE FILOSOFIA,
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS, COMO REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE DO CURSO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Artemis de Araújo Soares – UFAM (Presidente)

Prof^a. Dra. Gisele Giandoni Wolkoff – UFF (Membro)

Prof. Dr. Adelson da Costa Fernando – UFAM (Membro)

Prof. Dr. Michel Justamand – UFAM (Suplente)

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro – UFAM (Suplente)

MANAUS-AM

2022

*Dedico esta produção a história e a memória dos trabalhadores e das trabalhadoras
da comunidade São Sebastião da Brasília em Parintins no Amazonas*

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grato a todas as pessoas que contribuíram diretamente e indiretamente para a realização deste trabalho, aqui expresso minha enorme gratidão.

RESUMO

Neste trabalho, analisamos os processos históricos e socioculturais do trabalho na Amazônia a partir do cotidiano com base no modo de vida e das memórias de trabalhadores e trabalhadoras da comunidade São Sebastião da Brasília, comunidade rural de várzea do município de Parintins, no estado do Amazonas. Para isto, objetivamos de forma geral e específica nossa produção em três capítulos dos quais estão de acordo com os objetivos propostos iniciais à luz dessa produção. O percurso metodológico deu-se por meio das análises bibliográficas sobre o trabalho na Amazônia, aproximação etnográfica em conjunto da observação participativa, resultante em fontes orais de trabalho de campo, tendo como direção principal os recursos metodológicos trazidos pela perspectiva da história oral. Em consequência as propostas iniciais, tivemos como resultado a identificação do modo de vida dos trabalhadores e trabalhadoras, as práticas verificadas dos trabalhos históricos e atuais que configuram a comunidade, e análises em relação a investigação do cotidiano na divisão social e sexual do trabalho entre homens e mulheres moradores da comunidade São Sebastião da Brasília.

Palavras-chave: Trabalho. Comunidade da Brasília. Cotidiano. Modo de vida. Amazônia.

RESUMEN

En este trabajo, analizamos los procesos históricos y socioculturales del trabajo en la Amazonía a partir de lo cotidiano a partir del modo de vida y las memorias de trabajadores de la comunidad São Sebastião da Brasília, comunidad rural en la llanura aluvial del municipio de Parintins , en el estado de Amazonas. . Para ello, orientamos, de manera general y específica, nuestra producción en tres capítulos que están de acuerdo con los objetivos propuestos a la luz de esta producción. El curso metodológico se desarrolló a través de análisis bibliográficos sobre el trabajo en la Amazonía, un abordaje etnográfico junto con la observación participativa, resultando en fuentes orales de trabajo de campo, teniendo como dirección principal los recursos metodológicos traídos por la perspectiva de la historia oral. Como resultado de las propuestas iniciales, tuvimos como resultado la identificación del modo de vida de los trabajadores, las prácticas verificadas de los trabajos históricos y actuales que configuran la comunidad, y análisis en relación a la investigación de la cotidianidad en lo social. y división sexual del trabajo entre hombres y mujeres que viven en la comunidad de São Sebastião da Brasília.

Palabras clave: Trabajo. Comunidad de Brasília. Diariamente. Modo de vida. Amazonas.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Mapa de Localização da Comunidade São Sebastião da Brasília em Parintins no Amazonas | 19 |
| Figura 2 - Igreja de São Sebastião e sede da comunidade da Brasília..... | 23 |
| Figura 3 - Jogo de futebol na comunidade da Brasília | 25 |
| Figura 4 - Plantação de quiabo na comunidade da Brasília..... | 27 |
| Figura 5 - Casa na comunidade da Brasília | 29 |
| Figura 6 - Mulher pescadora de camarão | 30 |
| Figura 7 - Colheita de melancias na comunidade da Brasília..... | 32 |
| Figura 8 - Aves e plantação de cebolinhas e cheiro-verde | 33 |
| Figura 9 - Melancia: cultivo atual da comunidade | 49 |
| Figura 10 - Plantação de milho..... | 50 |
| Figura 11 - Colheita de melão | 51 |
| Figura 12 - Criação de aves | 53 |
| Figura 13 - Homem pescador em uma embarcação motorizada | 58 |
| Figura 14 - Homem pescador na utilização dos remos/canoa | 59 |
| Figura 15 - Mulher pescadora artesanal de camarão | 63 |
| Figura 16 - Mulheres na preparação da pesca do camarão..... | 65 |
| Figura 17 - Mulher na pesca do camarão | 67 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|-------------------|--|
| ABNT | Associação Brasileira de Normas Técnicas |
| CEB | Comunidade Eclesial de Base |
| CESP | Centro de Estudos Superiores de Parintins |
| CETAM | Centro de Estudo Tecnológico do Amazonas |
| FAPEAM | Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas |
| GT | Grupo Temático |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas |
| PAIC | Projeto de Apoio à Iniciação Científica |
| PPGSCA | Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia |
| SEMPA | Secretaria Municipal de Parintins |
| SEMSA | Secretaria Municipal de Saúde de Parintins |
| SISCULTURA | Seminário Internacional Sociedade e Cultura na Pan-Amazônica |
| UEA | Universidade do Estado do Amazonas |
| UFAM | Universidade Federal do Amazonas |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO 01 – <i>MODUS VIVENDIS</i> NA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BRASÍLIA | 18 |
| 1.1 A comunidade São Sebastião da Brasília | 20 |
| 1.2 As transformações ao longo dos anos | 26 |
| 1.3 O que é ser ribeirinho na comunidade da Brasília | 30 |
| CAPÍTULO 02 – O TRABALHO NA COMUNIDADE DA BRASILIA: das práticas históricas às atuais | 35 |
| 2.1 O percurso da juta até a comunidade da Brasília | 36 |
| 2.2 A comunidade da Brasília após o declínio da juta | 43 |
| 2.3 Práticas atuais de trabalho na comunidade da Brasília | 46 |
| CAPÍTULO 03 – A DIVISÃO SOCIAL E SEXUAL DO TRABALHO: OS HOMENS E AS MULHERES NA COMUNIDADE DA BRASILIA | 55 |
| 3.1 O cotidiano do trabalho dos homens na comunidade da Brasília | 56 |
| 3.2 O cotidiano do trabalho das mulheres na comunidade da Brasília | 62 |
| 3.3 A relação social e sexual do trabalho na comunidade da Brasília | 69 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 76 |
| REFERÊNCIAS | 80 |
| ANEXOS | 88 |

INTRODUÇÃO

Esta produção de pesquisa científica analisou os processos históricos e socioculturais do trabalho na Amazônia a partir das memórias de trabalhadores e trabalhadoras da comunidade de São Sebastião da Brasília, pertencente ao município de Parintins, no estado do Amazonas. Dessa maneira identificamos o modo de vida dos trabalhadores, as atividades de trabalho em que estão inseridos os/as comunitários/as, para investigar as possíveis relações que se formam na comunidade a partir de tal prática. Verificamos quais práticas de trabalho que configuram a comunidade, caracterizando a divisão social do trabalho no processo do cultivo da agricultura familiar, da pesca artesanal, da pesca do camarão, da caça, e da criação de animais de pequeno porte. Todos esses aspectos serão refletidos e analisados etnograficamente e também a partir da perspectiva da história social do trabalho, bem como, na utilização dos recursos metodológicos trazidos pela perspectiva da história oral na Amazônia.

Quando tratamos sobre a Amazônia, logo vemos que esta foi inventada e revelada para o mundo, por meio do contato europeu. Mais do que a descoberta e conquista de uma região, a Amazônia surge como uma narrativa repleta de contradições que a imaginação, a ganância e a razão dos homens do *Velho Continente* trataram de multiplicar inumeravelmente. São discursos onde real e o fantástico se entrecruzam criando outras Amazônias, tão numerosas quanto os viajantes, exploradores que nela navegaram e tão diversas quanto os povos nativos que aqui nela habitavam.

Inicialmente temos a primeira Amazônia que é a *Amazônia do Fantástico*. Uma Amazônia criada a partir dos relatos de cronistas e viajantes que preenchem o espaço deixado pelo desconhecido com narrativas fantásticas, repleta de seres que já povoavam o imaginário medieval e que encontraram novo lar nas selvas úmidas da Amazônia. Dentro desta Amazônia, afirma Gondim (2007), duas temáticas seriam perseguidas pelos primeiros cronistas a saber: o do Paraíso Terrestre - que Colombo acreditava estar localizado em alguma região do rio Orinoco e aonde ninguém conseguiria chegar “a não ser pela vontade divina”; e a das Amazonas, tribo de mulheres guerreiras que Carvajal atestou a existência ao navegar de uma ponta a outra o rio que, por conta de tal encontro, acabou recebendo o nome do mito grego.

Consequentemente, a segunda Amazônia, a *Amazônia do Eldorado*, nasceu tal qual outras tantas regiões fantásticas paridas da imaginação daqueles homens do Velho Mundo, mas foi alimentada de tal forma que acabou ganhando força sobre as demais. Essa Amazônia se revelava para o mundo como uma terra dadivosa, de abundantes riquezas, pronta para ser

explorada e servir aos interesses do mercantilismo europeu em expansão. Essa Amazônia irá atizar a cobiça do homem europeu, fazendo com que franceses, ingleses, holandeses, portugueses e espanhóis se lancem à região para disputar e se apropriar das riquezas destas “Índias Ocidentais”.

A partir do Eldorado, outras Amazônias se bifurcam como resultado de processos históricos e políticos vivenciados pela Região. Entre elas está a terceira, a *Amazônia da Conquista*, que é produto do choque entre as culturas ancestrais dos povos autóctones e do europeu com seu projeto de civilização. Trata-se de uma Amazônia conflituosa, de escravidão indígena, das missões para salvar a alma do selvagem, da convivência nada pacífica entre essas duas personagens antagônicas e do sangue indígena que se revelava ao sentar da fumaça cuspidada dos canos dos arcabuzes. Diferente do que ocorrera nas áreas litorâneas do atlântico e pacífico, onde os povos em conflito foram sumariamente esmagados, na região Amazônica os conflitos entre indígenas e europeus atravessaram os séculos, tornando-se crônicos.

Diante disto, a quarta Amazônia, a *Amazônia dos Viajantes*, nascerá do relato dos homens das ciências. Nela ainda se ouvirá o reverberar das crônicas fantásticas, contudo não será mais o fantástico quem ditará a tônica dos relatos desses novos viajantes. Pois a partir de agora a fábula e o mito serão preteridos como forma de apreensão do real, e a natureza passará a ser medida pela régua da razão, inaugurada pelo Século das Luzes. Os relatos de *La Condamine* dão origem a esta nova Amazônia, que irá utilizar a ciência para inventariar as dádivas providas pela natureza e identificar aquelas que poderiam ser economicamente rentáveis para exploração.

Em continuidade, temos a quinta Amazônia, *Amazônia do Fausto*, se revela após a conclusão do projeto de colonização da Amazônia iniciado pelos portugueses. Manaus e Belém, cidades nascidas de tal projeto e com populações compostas em sua maioria de tapuios e índios destribalizados agora integrados como força produtiva, serão visitadas por estrangeiros e migrantes que virão em busca da seiva branca de preciosa árvore. A borracha será o motor da economia da região, a Amazônia irá se transformar no maior exportador mundial de látex, atendendo a um mercado global e voraz por produtos confeccionados com a matéria-prima proveniente da seiva da seringueira. Manaus vivenciará esse período áureo passando por profundas mudanças que serão capitaneadas por uma elite enriquecida com a borracha e que tentará transformar o antigo lugarejo, o porto de lenha, numa Paris dos Trópicos. Essa Amazônia é a que entrará na modernidade, tomando a forma com que a conhecemos hoje.

Diante desse exposto, sobre as Amazônias, algo está relacionado desde o início dessa invenção que é o trabalho na Amazônia. O trabalho sempre fez parte da vida desde os primeiros

habitantes da terra até os atuais, com o avanço da modernidade, em consequência do capitalismo, o trabalho faz com que seja a marca registrada dos homens, principalmente em regiões invisibilizados ou de difícil acesso, como as comunidades amazônicas. E uma dessas comunidades que faz parte de um cotidiano onde o trabalho é centro da subsistência é a comunidade da Brasília, como mencionado acima.

Na comunidade da Brasília, por meio das entrevistas realizadas, identificamos nas narrativas, as representações do trabalho, as trajetórias dos trabalhadores e trabalhadoras, as práticas de trabalho que configuraram a comunidade, e como se apresenta a divisão social do trabalho, entre homens e mulheres na Comunidade São Sebastião da Brasília, que está localizada à margem esquerda do Rio Amazonas, com cerca de 7 km do Município de Parintins, Estado do Amazonas, região do Baixo Amazonas. E que de acordo com Dom Arcângelo Cerqua (1980). Primeiro Bispo de Parintins, foi criada oficialmente em 28 de março de 1968, pela Igreja Católica, por meio da Comunidade Eclesial de Base (CEB), que tinha como missão, reorganizar as localidades rurais e levar ensinamentos religiosos católicos aos comunitários do interior do município.

Com base nas narrativas dos moradores, nossa intenção é valorizar as vozes, iluminar suas trajetórias, e evidenciar a economia que o trabalho promove na comunidade, que ao longo dos processos culturais do trabalho eram “vistos como os de baixo” (SHARPE, 1992; THOMPSON, 2001). Argumentaremos ainda a importância da oralidade para este tipo de pesquisa, no que tange a elucidação da memória como algo importante para a construção de uma trajetória de vida ou história de um determinado acontecimento como marco positivo ou negativo de quem narra. E através da história e memória dos trabalhadores, temos a possibilidade de identificar a representação do trabalho na comunidade São Sebastião da Brasília.

Nos justificamos na afirmação do aporte teórico-metodológico das ciências humanas e sociais, amparadas no campo da interdisciplinaridade, no qual abordamos algumas categorias que sustentam a representatividade do trabalho na Amazônia, tais como: a necessidade do trabalho como forma de sobrevivência das comunidades tradicionais, a partir da inclusão da juta nas comunidades amazônicas; o surgimento de outros ofícios a partir do declínio da juta na década de 1980, nas comunidades da Amazônia; bem como as representações culturais, sociais e econômicas dadas a partir da representatividade do trabalho nos quais ocorrem nas comunidades ribeirinhas da região amazônica.

O trabalho na Amazônia é constituído em sua maioria pelo âmbito familiar (WAGLEY, 1988). O cultivo da juta, no período de 1950 a 1980, foi constituído familiarmente na

comunidade São Sebastião da Brasília, onde esse tipo de trabalho influenciou as comunidades vizinhas a trabalhar nessa modalidade. No período de seu apogeu, as comunidades parintinenses foram imbuídas a este trabalho pela grande demanda (SAUNIER, 2003).

Nessa direção, fizemos a catalogação das famílias que viveram do cultivo da juta, mapeando as trajetórias desses trabalhadores na comunidade, identificando como estas famílias dividiam-se nas funções do trabalho com a juta, na percepção da divisão social do trabalho. Durante o cultivo da juta na comunidade, quais as outras práticas de trabalho eram feitas por seus moradores? A juta foi o principal ramo de trabalho nas comunidades ribeirinhas da região amazônica. De acordo com as bibliografias sobre a Amazônia há outras formas de sobrevivência nessas comunidades, nas quais situam-se: a agricultura familiar; a pesca profissional; a pesca do camarão, que em sua maioria é executado pelas mulheres da comunidade; a caça; e a criação de animais de pequenos portes, que não são comercializados com muita frequência, demonstrando a multiplicidade do trabalho.

Para a sociedade parintinense, as comunidades que pertencem ao município, são de grande impacto econômico. Trouxemos através desta pesquisa, a importância do trabalho da comunidade para a economia local do município e mostrar a relação entre os comunitários e municitários, ou seja, entre o produtor, o comerciante, e o consumidor. Dentro desta perspectiva, evidenciaremos a contribuição para o comércio que a comunidade da Brasília faz com o Mercado Municipal de Parintins - estabelecimento onde são comercializados vários os produtos de diversas comunidades de Parintins - com destaque para a comunidade em questão.

A importância deste tipo de pesquisa para ciência, ao que remete o uso de biografias, a utilização de jornais, os documentos paroquiais, os documentos cartoriais, e os registros de atas e ofícios, é salientada na perspectiva de coleta desses dados, para que academia contenha esses recursos, na inserção quanto ao conhecimento sobre a Amazônia, numa análise sociocultural da compreensão de como o trabalho é representado nas comunidades tradicionais desta região. Neste aspecto, o uso desses recursos, como a biografia, enriquece os acervos existentes sobre as vozes silenciadas num campo histórico, dos processos socioculturais na Amazônia.

Dentro desse pressuposto, estamos atentos ao fato de que, uma importante crítica, feita ao uso das biografias e trajetórias diz respeito ao papel do sujeito e ao lugar do indivíduo no contexto social. Os estudiosos das biografias enfrentam o desafio de não cair em uma história cronológica e pouco problemática. Vale à pena sublinharmos o alerta dado por Bourdieu (1996), ao lembrar que, enclausurar a existência em busca de uma improvável unidade de sentido e enquadrá-la no sentido de uma mera sucessão de acontecimentos históricos coerentes é uma ingenuidade, o essencial é reconstruir o contexto em que age o indivíduo.

Na representatividade do trabalho, a divisão social do trabalho a partir de Durkheim (2010), aqui não é entendida na centralidade da produção fabril, estilo de investigação que dominou boa parte do século XX, mas no processo de plantio, colheita e armazenamento da juta, que da mesma forma, produzia a solidariedade, dando sentido às ações dos trabalhadores e trabalhadoras, pois a divisão do trabalho “cria entre os homens todo um sistema de direito e deveres que os ligam uns aos outros de maneira duradoura” (p. 429).

Através dos relatos orais dos trabalhadores e trabalhadoras da comunidade da Brasília, recuperamos aspectos das atividades econômicas, iluminando e registrando, para a posteridade, a memória e as histórias desses comunitários. Em relação às transformações das atividades econômicas, e o avanço trabalhista que ocorreu ao longo do tempo, no qual o trabalhador sofria com o descaso de ser explorado sem direitos na qual sua classe não usufruía, a vida social que o trabalhador exercia ao longo de sua jornada trabalhista, com o tempo seus direitos de benefícios com o trabalho foram sendo alcançados com a mudança das leis (CHALHOUB, FONTES, 2009).

Segundo Pizarro (2012), a Amazônia emergiu de um processo que teve como ponto de partida nos inícios dos anos de 1960 e 1970. Ela aborda neste processo o “desenvolvimento da modernização da região” (PIZARRO, 2012, p. 166). Que a partir do golpe de 1964, os militares avançaram a Amazônia, invadindo territórios, inclusive as comunidades, com o objetivo de “reorganizar as áreas de trabalho”, conseqüentemente, houve mudanças catastróficas no trabalho existente dentre as comunidades, tais como, muitos trabalhadores foram expulsos de suas áreas rurais, onde viviam e trabalhavam (IDEM, 2012).

Nesta direção, esta autora aborda quando iniciou a valorização dos silenciados ao percurso sócio histórico, afirmando que se tem início no século XX, a possibilidade de ouvir os silenciados ou vencidos, a fim de obter outra reflexão e a construção de conhecimentos sobre a Amazônia, através dos sujeitos invisibilizados. Diante do exposto, a comunidade da Brasília, foi uma das comunidades Amazônidas, que sofreu com o impacto da exploração do trabalho no período de ditadura militar na qual o país se encontrava. Nisto, analisamos as práticas de trabalho que foram emergindo a partir do trabalho com a juta, na qual resultou em outras práticas a partir do seu declínio dentro do cotidiano dos trabalhadores.

A produção científica sobre o cotidiano a partir do trabalho na comunidade São Sebastião da Brasília, em Parintins-Amazonas, evidencia na perspectiva de valorizar o trabalho na Amazônia em lugares onde ainda persiste invisibilidade social, como as comunidades. Nossa investigação apresentou-se no intuito de uma pesquisa quantitativa, no que se refere a coleta de dados, e qualitativa, para compreensão do trabalho e sociedade do objeto pesquisado. Está

relacionada à teoria e metodologia dos autores que investigam sobre o trabalho. A pesquisa de campo será realizada através do enfoque bibliográfico e documental, na perspectiva de alguns autores. Bem como outros que pesquisam a luz da produção sobre a valorização da memória através da história oral, da identidade, e dos que são registrados historicamente como os “vistos de baixo”.

Em relação a história oral, memória e identidade, tais conteúdos são importantes para este tipo de produção científica. Com a invenção do gravador, segundo Alberti (2005), surge em meados do século XX, a história oral como metodologia de pesquisa e de constituição de fontes. Com seu uso o pesquisador realiza entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de acontecimentos ou conjunturas do passado ou presente a partir da formulação dos projetos de pesquisas.

A história oral consiste em algo primordial para a entrevista, a memória. Mas tem que haver certos cuidados na interpretação e análise dessas memórias, principalmente quando a pesquisa envolve a política (FERREIRA, 2012). Sobre a valorização da memória, Ferreira (2012) afirma que “na história oral, objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes” (p. 172). A memória é valorizada através da narrativa, esta que é “a forma de construção e organização do discurso são valorizadas pelo historiador” (p. 172). Neste caso, a memória é trazida à tona quanto aos questionamentos feitos sobre determinados assuntos. E através dessas memórias verificamos nas narrativas o trabalho que configurou a comunidade São Sebastião da Brasília, na afirmação dos sujeitos.

Neste caso, Motta (2012) afirma sobre a memória e tempo presente como colocações do problema, como o pesquisador deve analisar as questões de memória conforme o tempo presente. E também a compreensão da memória com o passado relaciona-se com a seletividade de quem narra, “quando falamos de memória, devemos levar em conta que ela constrói uma linha reta com o passado, alimentando-se de lembranças vagas, contraditórias e sem nenhuma crítica as fontes que embasariam essa mesma memória” (p. 25).

Para Pollak (1992), o pesquisador pode trabalhar a memória acerca da identidade do indivíduo a ser investigado. Em outra perspectiva, Pollak (1989), ainda sobre memória, instruiu a sua valorização, e como o pesquisador deve fazer para considerar e trabalhar as memórias e as histórias esquecidas, e por muita das vezes, vozes que foram silenciadas, a favor de algo para não operar na história, fazendo a omissão de muitas memórias.

Nessa conjuntura, Pollak (1992) afirma que “a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa” (p. 202). A partir da construção da memória, o indivíduo constrói sua identidade correlacionando-se a outros. Nesse caso Pollak

(1992) aborda que a “construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (p. 203).

A concepção de valorizar os de baixo faz com estes novos personagens estranhem a procura por sua pessoa, e a dificuldade de uma entrevista torna-se notória pelo entrevistador, neste caso, “uma pessoa a quem nunca ninguém perguntou quem ela é, e de repente ser solicitada a relatar como foi a sua vida, tem muita dificuldade para entender esse súbito interesse” (p. 208), fazendo com que haja certa dificuldade no momento das entrevistas, entre o pesquisador e o sujeito.

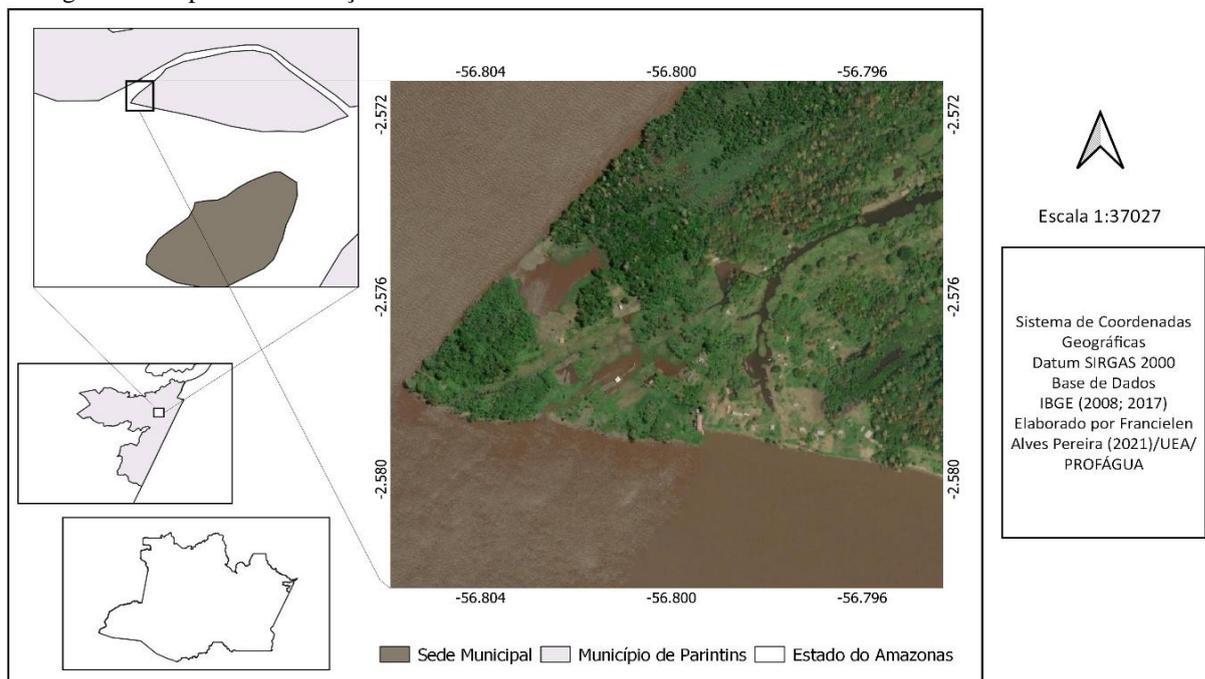
Estas teorias metodológicas são discorridas no decorrer do texto, onde a valorização da memória, das vozes, das narrativas, assim como a identidade do ser ribeirinho, do varzeiro ou varzeira, do pescador, da pescadora, do agricultor, da agricultora, entre outras características os moradores da comunidade da Brasília estão inseridos. A investigação através da análise do cotidiano é fundamental em valorizar estas pessoas invisibilizadas pela sociedade parintinense, nas quais as vozes como recurso imaterial e simbólico torna-se de grande relevância para estudos e produções científicas, cujo campo universal está a Amazônia.

CAPÍTULO 01 – MODUS VIVENDIS NA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BRASÍLIA

A várzea é um dos ecossistemas mais ricos da Bacia Amazônica em termos de produtividade biológica, biodiversidade e recursos naturais. Meio de vida para mais de 1,5 milhão de ribeirinhos, a várzea ocupa 300 mil km², ao longo da calha dos rios Solimões e Amazonas e seus principais tributários, tamanho equivalente a 6% da superfície da Amazônia Legal. Seus rios e lagos, bem como outros corpos d' água da Amazônia, abrigam 25% das espécies de peixes de água doce do mundo. Estima-se que exista cerca de 3 mil tipos de peixes nessas áreas, dos quais 200 têm sido explorados comercialmente. O recurso pesqueiro representa a síntese das interações entre os diversos componentes desse ecossistema, além de ser à base da dieta e principal fonte de renda da população ribeirinha, proporcionando mais de 70 mil empregos diretos na região. A vegetação terrestre é predominantemente florestal, embora em certas áreas ocorram pastagens naturais, como acontece entre lagos e restingas, ou mesmo nas margens de alguns rios. Nos lagos ocorre uma vegetação flutuante formada por macrófitas. A vegetação florestal e as macrófitas influenciam significativamente a vida aquática, fornecendo alimentos (frutos, folhas e sementes) e abrigo, principalmente para os peixes e mamíferos aquáticos. Estes, em troca, realizam a dispersão de sementes, contribuindo para a regeneração da vegetação florestal da várzea. (RIBEIRO, N. V. Atlas da várzea: Amazônia Brasil. Manaus: Ibama, 2007. p. 132).

A comunidade São Sebastião da Brasília, pertencente ao município de Parintins, no estado do Amazonas, é nosso local de pesquisa empírica. Localizado à margem direita do rio Amazonas, cerca de 369 Km distante da capital Manaus, o município tem área territorial de 5.956,47 Km², com sua população estimada em 115.363 habitantes (IBGE, 2020). De acordo com a Secretaria Municipal de Pecuária, Agricultura e Abastecimento, o município de Parintins é formado por 192 comunidades rurais (SEMPA, 2020). Em destaque na figura abaixo, a comunidade São Sebastião da Brasília que fica bem à frente da sede, Parintins.

Figura 1 - Mapa de Localização da Comunidade São Sebastião da Brasília em Parintins no Amazonas



Apoio Técnico: Francielen Alves Pereira, 2021.
Organização: Everton Dorzane Vieira, 2021.

Neste primeiro capítulo, apresentamos a comunidade São Sebastião de Brasília, sua origem e as transformações ao longo dos anos; a representação do local para seus moradores dentro da dinâmica enchente-vazante; e o trabalho realizado como foco principal, para entendermos o modo de vida a partir do cotidiano na comunidade. Com isto, dialogaremos com as produções de Wagley (1988), Bauman (2003), Cerqua (2009), Diógenes (2014), Campos (1995) e Silva (2017). Bem como outras pesquisas que abordam sobre o modo de vida nas comunidades amazônicas.

1.1 A comunidade São Sebastião da Brasília

Sua localização está na margem esquerda do Rio Amazonas, a cerca de 7 km do município de Parintins, região do Baixo Amazonas (IBGE, 2020). De acordo com Dom Arcângelo Cerqua, primeiro bispo de Parintins, esta foi criada oficialmente em 28 de março de 1968, pela Igreja Católica, por meio da Comunidade Eclesial de Base (CEB), que tinha como missão, reorganizar as localidades rurais e levar ensinamentos religiosos católicos aos comunitários do interior (CERQUA, 2009).

Portugal foi o primeiro nome da comunidade; de acordo com Brasil (2015) e Vieira (2021), em suas respectivas pesquisas, as narrativas de alguns moradores afirmam que os primeiros habitantes eram portugueses, e por isso o primeiro nome da comunidade tinha como referência o país europeu. Em uma reportagem sobre a comunidade, exibida no ano de 2013, do programa “Amazônia Agora”, do canal televisivo *Amazon Sat*, mostra o cotidiano dos ribeirinhos, e nas entrevistas também há confirmação por parte dos moradores que o primeiro nome da comunidade foi Portugal.

A capital do Brasil foi a inspiração para a alteração do nome para *Brasília*. Fundada em 21 de abril de 1960, pelo presidente da República Juscelino Kubitschek, a capital brasileira surgia como a principal cidade planejada do Brasil. Como afirma o site do Governo do Distrito Federal,

Em **21 de abril de 1960**, Brasília nascia para o mundo e para a sua gente. Com os projetos urbanístico de Lúcio Costa e o arquitetônico de Oscar Niemeyer, surgia uma cidade sob formas inovadoras, diferente de tudo já feito até então. A data de seu nascimento, não foi coincidência: marcava o dia da morte de Tiradentes, um dos líderes mineiros que defendeu a independência do Brasil no século XVIII. O simbolismo ajudou a fortalecer em Brasília o ideal de liberdade de um povo e a coragem de uma nação, associando a inauguração à ideia de independência e rendendo homenagem aos inconfidentes que haviam sonhado com um Brasil livre.¹

A Comunidade Eclesial de Base, em sua missão de organizar as comunidades amazônicas, exigia um nome para a oficializar cada comunidade e ainda criava uma sede para que houvesse uma relação direta com a CEB (BRASIL, 2015). Ou seja, a partir da fundação oficial a comunidade teria que apresentar um tipo de diretoria que representasse a mesma nesta relação com a Igreja. Foram selecionados entre os comunitários, um presidente, um vice-presidente, um secretário e um tesoureiro. A então diretoria tinha por supervisão responsável a CEB (BRASIL, 2015).

¹ Referenciada no site: <http://www.df.gov.br/historia/> acessada em junho de 2021.

De acordo com Lowy (2016), as CEBs surgiram no Brasil a partir da década de 1960, com ordem do Vaticano, com o objetivo de instituir igrejas em todas as comunidades tanto rurais quanto urbanas no Brasil. Este afirma que,

Com relação à Igreja como estrutura institucional, a grande mudança que ocorreu a partir da década de 1960 foi o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs – sobretudo no Brasil, onde elas reúnem centenas de milhares (talvez milhões) de cristãos, e, em menor escala, em todo o continente. A comunidade de base é um pequeno grupo de vizinhos que pertencem à mesma comunidade, favela, aldeia ou zona rural populares e que se reúnem regularmente para rezar, cantar, comemorar, ler a Bíblia e discuti-la à luz de sua própria existência de vida. É preciso enfatizar que as CEBs são muito mais convencionalmente religiosas do que se imagina geralmente: elas apreciam e praticam uma série de orações e ritos tradicionais (o rosário, vigílias noturnas, adoração, e comemorações como procissões e peregrinações) que pertencem à religião popular. (LOWY, 2016, p 95).

A religião católica expandiu-se para as comunidades ribeirinhas para que houvesse certo controle que firmasse a severidade da religião. Mas com o avanço do protestantismo a partir da década de 1950, a Igreja Católica Romana criou projetos para que o catolicismo chegasse com mais intensidade as comunidades ribeirinhas a fim de conter o avanço do protestantismo nessas localidades; o principal projeto foi oficializar as comunidades, titulando-as com nomes de ‘santos’ e registrando-as em cartórios através dos diretórios formados na época. E uma das comunidades registradas através desse projeto foi a São Sebastião da Brasília (CAMPOS, 1995).

As CEBs eram supervisionadas pelas dioceses locais. Em Parintins, segundo maior município do Estado do Amazonas, as igrejas espalhadas pelas comunidades rurais e urbanas são todas pertencentes a Diocese de Parintins (CAMPOS, 1995).

Antes da oficialização da Igreja Católica em 1968, a comunidade era chamada de “Vila Brasília” pelos antigos moradores, e até hoje, várias s parintinenses, tanto dentro ou fora da comunidade ainda a nomeiam assim. Em Parintins, por exemplo, ainda existe a principal vila do município, conhecida como Vila Amazônia (BITTENCOURT, 2001).

Portugal, Vila Brasília, Igarapé das Ciganas, Brasília, a comunidade é chamada por estes nomes pelos comandantes fluviais de vários tipos de transportes que passam à frente da comunidade (SILVA, 2017). Tomando de acordo a narrativa da Prelazia de Parintins², a comunidade da Brasília tem 54 anos, desde sua oficialização em 1968; contudo, os antigos moradores da comunidade afirmam que ela tem mais de 100 anos de existência.

Neste contexto, Diógenes (2014) afirma que,

² Criada em 1955, tendo como primeiro bispo o italiano Dom Arcangelo Cerqua (CERQUA, 2009).

Os primeiros moradores eram descendentes de portugueses e deu o nome a localidade de Portugal por volta de 1922. Algum tempo depois o nome mudou para Igarapé das Ciganas por haver um grande número de aves dessa espécie. Em razão da paixão dos moradores pelo time de futebol comunitário que se chamava Nova União da Brasília mudaram novamente o nome, passando a se chamar Brasília. Posteriormente, a Diocese de Parintins oficializou o nome da comunidade como São Sebastião da Brasília, nome este que permanece até os dias atuais (DIÓGENES, 2014, p 52).

A principal função da diretoria é organizar as festas que acontecem anualmente na comunidade, principalmente a festa do santo padroeiro São Sebastião. As comunidades dos interiores do estado do Amazonas, em sua maioria abrigam duas religiões, ou seja, em cada comunidade há duas igrejas, uma católica e outra evangélica (OLIVEIRA, 2012). No caso da comunidade de São Sebastião da Brasília, há apenas uma religião oficializada, a católica.

Para Wagley (1988), as comunidades têm sua origem e sua história, elas não se formaram do nada. Infelizmente a diretoria atual da comunidade da Brasília não têm os primeiros registros de: nascimentos, batismos, casamentos ou falecimentos dos comunitários. Historicamente, é uma comunidade organizada inicialmente por portugueses, indígenas e negros, representando a formação do Brasil.

As comunidades amazônicas são organizadas e configuradas a partir de três principais instituições presentes nesses territórios, as quais são: a igreja, a escola e a sede ou centro comunitário. Para Wagley (1988), as comunidades amazônicas têm suas peculiaridades de acordo com suas tradições históricas e culturais, mas estas são praticamente comandadas pelo sistema nacional e internacional. Neste contexto,

Cada qual tem suas próprias tradições, sua história particular, suas variações especiais do modo de vida regional ou nacional. A cultura de uma região ou de uma nação moderna possui uma organização muito maior do que a simples soma das comunidades que a integram. Existem instituições e poderes sociais de âmbito regional, nacional e até mesmo internacional, que determinam a tendência de vida de cada pequena comunidade. (WAGLEY, 1988, p. 43).

Diante disto, podemos entender a formação inicial das comunidades amazônicas, e principalmente a influência que a Igreja tem sobre cada comunidade. Na comunidade da Brasília não é diferente, tendo como padroeiro São Sebastião, sua formação territorial na parte da frente há uma igreja, uma escola e uma sede comunitária. A figura abaixo, mostra à esquerda a pequena igreja de madeira, e na direita a sede da comunidade.

Figura 2 - Igreja de São Sebastião e sede da comunidade da Brasília



Fonte: Pesquisa de Campo (2019).

Atualmente, residem 62 famílias³ na comunidade. As casas são formadas por madeiras em modelos de palafitas, típicas da região amazônica por causa da dinâmica enchente e vazante (SILVA, 2017). As casas são espalhadas por todo o território comunitário, e as demarcações dos terrenos são feitas por estacas fincadas de madeiras, plantações ou árvores que fazem as delimitações de um terreno para outro, pois não existem muros de concretos ou cercas de arames para dividir as propriedades (VIEIRA, 2021).

De acordo com o presidente da comunidade da Brasília, o Sr. Izoque Ribeiro Filho, conhecido como “Brito” pelos comunitários, existem mais de cinquenta casas espalhadas por toda a comunidade, onde chegam a morar três ou mais famílias em uma única residência. Os terrenos, em sua maioria, foram deixados como herança ou comprados por novos moradores que vieram de outras comunidades, muitos terrenos não são documentados em cartórios, pois com a dinâmica das *terras caídas* (SCHERER, 2004), as casas eram modificadas de lugar, ou seja, elas eram refeitas um pouco mais longe das beiradas do rio (DIÓGENES, 2014).

³ Dados atualizados de acordo com a Secretaria Municipal de Saúde de Parintins (SEMSA, 2020).

Durante muitos anos, a dinâmica das *terras caídas* mudava o modo de vida dos ribeirinhos da Brasília. Muitas plantações foram perdidas, árvores grandes, principalmente as plantações de cacau, que na segunda metade de século XX, foi um grande propulsor econômico em Parintins, e a comunidade da Brasília pertencia a este tipo de trabalho (BITTENCOURT, 2001).

A maioria destas casas são próximas a igreja, onde os comunitários têm por costume ir todos os domingos pela manhã, participar da missa, realizada pelas lideranças da comunidade. Os padres responsáveis por visitarem as comunidades rurais de Parintins se fazem presentes apenas quando são requisitados para um evento com maior expressão religiosa, como por exemplo, os batismos em crianças, as aberturas de festas de santo e casamentos, como acontecia antigamente na Brasília. (BRASIL, 2015).

A escola da comunidade, assim como as casas dos moradores, é feita por madeira no modelo de palafita. Sua construção e inauguração foi realizada no ano de 2008, utilizando o mesmo nome do “santo padroeiro” que representa a comunidade, São Sebastião, segundo Diógenes (2014),

Sua infraestrutura é toda de madeira, com cobertura de telhas Brasilit. Dispõe de quatro (04) salas de aula, uma (01) biblioteca formada com um pequeno acervo de livros disponibilizados pela SEMED [Secretaria Municipal de Educação], uma (01) secretaria/coordenadoria e uma (01) cozinha. Não há banheiro, nem refeitório. Os alunos (as) merendam no corredor da escola e para atender suas necessidades fisiológicas, a comunidade construiu um banheiro bem próximo (DIOGENES, 2014, p. 54).

Estes aspectos espaciais da Brasília são encontrados na maioria das comunidades amazônicas, onde encontra-se instituições que formam a base desta sociedade: a família, a igreja e a escola (WAGLEY, 1988).

Para Bauman (2003), viver em comunidade é algo muito significativo e prazeroso de conforto e aconchego onde todos querem estar. Na comunidade da Brasília, eles sempre prezam pela saúde, conforto e moradia uns pelos outros. Quando há necessidade, a diretoria da comunidade reúne-se para projetar uma ação beneficente, no qual eles chamam de “promoção”. Esta ação tem como finalidade arrecadar fundos monetários para contribuir com algum morador que esteja doente ou necessitado de outras coisas pertencentes ao lar.

Muitas das vezes, essa promoção é realizada durante os períodos festivos da comunidade, principalmente no mês de janeiro, mês da festa de São Sebastião. No período da festa é realizado vários eventos no intuito de promover tanto lazer, quanto gerar fundos financeiros para a sede da comunidade ou para ação beneficente.

A festa de São Sebastião acontece no final da semana em que se comemora o dia do santo padroeiro, 20 de janeiro, durante esta semana a comunidade organiza-se em prol da realização da festa. Neste contexto, Wagley (1988, p. 52) afirma que “a devoção por um santo em particular é outra forma de vínculo que une os moradores de um determinado bairro”. Na comunidade da Brasília não é diferente, os moradores juntamente com a diretoria reúnem-se para tratar sobre a programação da festa de santo. “Todos os anos o dia do santo é comemorado na localidade e a organização da festa é uma tarefa importante da irmandade” (WAGLEY, 1988, p. 52).

A programação da festa acontece da seguinte forma na comunidade da Brasília: geralmente a festa ocorre no final da semana do dia 20 de janeiro, sendo que no sábado pela manhã ocorre os eventos de lazer, como jogo de futebol. O futebol na comunidade sempre acontece de forma amistosa aos domingos durante o ano todo, mas em períodos festivos a realização dos jogos é dada a partir de torneios, no qual as equipes participantes são convidadas de outras comunidades para que haja o maior número de times completos, no intuito de arrecadação monetária em prol da comunidade. A figura 3 mostra um jogo de futebol realizado na comunidade da Brasília, o qual aconteceu em um domingo pela manhã, no período da festa de São Sebastião. Durante os jogos, os moradores e convidados prestigiam os jogos, e ficam torcendo a favor da sua comunidade.

Figura 3 - Jogo de futebol na comunidade da Brasília



Fonte: Pesquisa de Campo (2019).

As comunidades amazônicas têm por características a relação entre elas quando há eventos, como as festas de santo, os jogos de futebol, e ações políticas, entre outras. No período da festa de São Sebastião, a comunidade da Brasília, geralmente convida as comunidades vizinhas para participarem da festa, bem como Brasília também é convidada para a festa de outras comunidades. Algo bem comum entre as comunidades tradicionais da Amazônia (WAGLEY, 1988).

Além dos jogos de futebol, também é comum nas festas as vendas de comidas e bebidas. Essas vendas são realizadas não somente durante as festas de santo e do camarão, como também em alguns domingos que são realizadas as “promoções”. A festa do camarão surgiu a partir do trabalho com a pesca do camarão realizada pelas mulheres da comunidade, como trataremos mais adiante nesta produção.

A prática da venda de comida durante a festa de São Sebastião é um trabalho realizado pelas mulheres. A maioria das mulheres moradoras da comunidade reúnem-se para organizar quais pratos serão vendidos durante a festa. Geralmente, os materiais alimentícios para fazer as comidas são doados pelos patrocinadores da festa ou pela prefeitura de Parintins. A direção da comunidade decide, juntamente com as mulheres, quais mulheres irão cozinhar e quais irão vender. Em relação a venda de bebidas, alguns homens juntamente com as mulheres realizam este trabalho. Bebidas alcoólicas e não alcoólicas são vendidas durante as festas, algumas bebidas são também patrocinadas para que o lucro da venda seja em prol da comunidade.

1.2 As transformações ao longo dos anos

A comunidade da Brasília, assim como a maioria das comunidades tradicionais na Amazônia, vive da agricultura e da agropecuária. Por ser uma comunidade de várzea, Brasília está relativizada a pesca, a plantação, a colheita, a caça e a criação de animais de pequeno porte, diferente do modo de vida das comunidades de terra firme. Como afirma Scherer (2004), que

Diferentemente dos caboclos da terra firme, os ribeirinhos vivem em pequenas comunidades em sua maioria à beira dos rios, dos igarapés, dos igapós e dos lagos que compõem o vasto e complexo estuário amazônico. Espacialmente, estão dispersos em vários agrupamentos de 20 a 40 casas de madeira construídas em palafitas, mais adequadas ao sistema de cheias dos rios que estão mais ou menos dispersas, chamadas de comunidades e localizadas próximas aos rios, igarapés, furos e lagos. (SCHERER, 2004, p. 2)

Neste contexto podemos entender que o modo de vida ribeirinha está relacionado aos moradores de comunidades que vivem e trabalham próximos aos rios. No caso da comunidade

da Brasília, o rio Amazonas é a principal referência de vida para estes comunitários. A várzea é sinônimo de vida para os ribeirinhos amazônicos, através de sua fertilidade eles podem plantar e colher todos os anos, como afirma Wagley (1988, p. 14), que “é nas várzeas que estão as terras férteis, pois, anualmente, recebem o limo dos rios, enquanto a terra firme é geralmente pobre para a agricultura”.

A figura abaixo mostra uma plantação de quiabo, plantada após a início da vazante, por uma família de moradores da comunidade da Brasília.

Figura 4 - Plantação de quiabo na comunidade da Brasília



Fonte: Pesquisa de Campo (2021)

Muitas famílias na comunidade da Brasília vivem não somente da pesca, mas também da agricultura. A terra da comunidade é muito fértil, isso facilita nas plantações do cultivo de diversas frutas, verduras e legumes, conseqüentemente, isto só ocorre no período de vazante nas terras da Brasília. O cotidiano dos moradores está relacionado diretamente com a dinâmica da enchente e vazante das águas, fenômeno com o qual os amazônicos estão habituados; o que torna diferente de um ano ao outro é a proporção da subida do nível das águas ou uma forte seca que faz com que lagos, lagoas, igarapés, furos cheguem até a desaparecer.

A partir desta dinâmica, bem como outros aspectos, podemos compreender o modo de vida dos ribeirinhos amazônicos, nos quais estão relacionados, como afirma Wagley (1988),

Eles conhecem os solos, a flora e a fauna, a cheia e a vazante, dos grandes rios, a época das chuvas e os períodos relativamente secos, os perigos dos insetos e das doenças endêmicas, e muitos outros aspectos do seu meio ambiente. E, partir dessa experiência, moldaram sua própria cultura amazônica, com seu próprio sistema social, sua cozinha, suas formas de recreação e sua mitologia. (WAGLEY, 1988, p. 15)

São conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, principalmente pelo desenvolvimento social, cultural e natural. Também chamados de *Povos das Águas*,⁴ os ribeirinhos vivem em sua maioria do trabalho da pesca, tanto para seu próprio consumo, como também para o comércio, pois o peixe é o principal alimento consumido na Amazônia. Na comunidade da Brasília não é diferente, a pesca é a principal renda econômica dos comunitários.

As comunidades tradicionais rurais da Amazônia, são compostas por um modo de vida e constituições que a configuram. Modos de vida que são poucos peculiares de uma comunidade para outra, tratando-se das comunidades rurais pertencentes a região amazônica. No século passado, a maioria delas não continham fornecimento da energia elétrica, o fornecimento passou a acontecer a partir da iniciativa do Programa Luz Para Todos⁵, que contribuiu na mudança do modo vida dos moradores tanto da várzea quanto da terra firme na Amazônia (CAVALCANTE, 2019).

Os ribeirinhos, moradores de várzea, tem suas casas em modelos de palafitas, de madeira, por causa da variação do fenômeno da natureza que ocorre na região amazônica, a enchente e a vazante, denominado pelos ribeirinhos de cheia e seca (WAGLEY, 1988). Esse fenômeno influencia bastante em cada aspecto do modo de vida ribeirinho, pois tempos da cheia, ou seja, a cada ano, os moradores da comunidade ficam atentos no processo de nível das águas. As casas têm aproximadamente dois metros de altura do piso ao chão neste modelo de palafitas, pois a incerteza que ribeirinhos sempre tem, é nível de subida das águas, por isso as casas são altas e seguras no aguardo deste acontecimento natural (RODRIGUES, 2018).

Em alguns anos, ocorre que as enchentes superam as outras de anos passados, ou seja, os recordes de subidas de um ano para o outro. No ano de 2021, tivemos a maior cheia da história da Amazônia⁶, e isto influenciou bastante, principalmente, na vida dos moradores de comunidades de várzea. Na comunidade da Brasília, algumas casas foram invadidas pela força da água, outros moradores tiveram que fazer marombas⁷ para elevar mais um pouco o nível do piso da casa, outros tiveram que mudar para casas de parentes, pelo determinado tempo da enchente das águas. No exemplo da figura 5, aqueles que ficaram em suas casas, tiveram as

⁴ Scherer (2004) afirma que “os ribeirinhos são denominados Povos das Águas em comparação aos Povos da Floresta, sobretudo os castanheiros e seringueiros nos empates realizados por Francisco “Chico” Mendes no Estado do Acre”.

⁵ Criado pelo Governo Federal a partir do decreto 4873/2003.

⁶ Segundo dados do site Portal Amazônia, acessado em julho de 2021. <https://portalamazonia.com/amazonia/relembre-as-quatro-maiores-cheias-nas-capitais-da-regiao-norte>

⁷ Elevação de madeira acima do nível do piso da moradia, utilizada bastante em períodos cheias na região amazônica.

águas nivelando a altura do assoalho. Isso não ocorreu somente na comunidade da Brasília, mas em diversas comunidades da região de várzea da Amazônia.

Figura 5 - Casa na comunidade da Brasília



Fonte: Pesquisa de Campo (2021)

Neste período de enchente, muitas plantações são perdidas, árvores são levadas pela força das águas, os animais ficam sem espaços, até o contato pessoal entre os moradores torna-se difícil, pois a locomoção é feita somente pelos meios de transportes fluviais pequenos, como as canoas (SCHERER, 2004).

No período em que as águas estão baixando, onde algumas partes de terras já começam a aparecer, os comunitários da Brasília iniciam o processo de plantação de sementes de frutas, verduras e legumes, para a venda comercial e o consumo próprio. E principalmente, onde as mulheres iniciam a pesca do camarão (figura 6). Como a pesca do peixe é realizada a todo momento, diferente do camarão que tem um determinado período para se pescar, as mulheres pescadoras da comunidade, já sabem que no mês de agosto, inicia-se a pesca do camarão (SILVA, 2017).

Figura 6 - Mulher pescadora de camarão



Fonte: Pesquisa de Campo (2019)

Além do fenômeno da enchente e vazante que ocorre todos os anos na comunidade, o modo de vida dos moradores também está relacionado a diversas situações. Assim como o trabalho que faz parte do dia a dia dos comunitários da Brasília.

1.3 O que é ser ribeirinho na comunidade da Brasília

Nesta seção, abordaremos sobre o que representa ser ribeirinho numa comunidade tradicional da Amazônia. Com isso, traremos os tipos de trabalho em que fazem parte da vida dos moradores da comunidade da Brasília. Historicamente a comunidade passou por trabalhos que não são mais realizados, como o cultivo da juta e a colheita de cacau, os quais trataremos no próximo capítulo desta pesquisa. Tanto a juta quanto o cacau foram importantes para a economia parintinense, e a comunidade da Brasília participou desta economia de forma direta; na época homens, mulheres e crianças trabalharam de forma árdua e cansativa com estes produtos (BITTENCOURT, 2001).

Com o fim da juta e do cacau na comunidade, a pesca foi o principal ramo de trabalho para a sobrevivência dos ribeirinhos. Mesmo em outros períodos, a pesca sempre esteve presente nas comunidades amazônicas, primeiramente para o consumo próprio e posteriormente para o comércio local. Na Brasília, mesmo no tempo de cultivo e exportação da juta, a pesca sempre foi realizada, mas a juta era prioridade da comunidade devido os negócios realizados entre os moradores e os “patrões” (FERREIRA, 2016).

A pesca do peixe de água doce, na comunidade, é realizada em sua maioria pelos homens. O rio Amazonas é o local mais utilizado pelos pescadores, mas dependendo do período de enchente ou vazante, há certa variação nos locais de pesca. Igarapés, lagos, furos, paranás também são bastante utilizados pelos pescadores da Brasília, cujas espécies de peixes encontrados nestes lugares são: pacu, bodó, jaraqui, apapá, branquinha, piranha, tambaqui, entre outras espécies pertencentes a estes locais (SILVA, 2017).

A agricultura também é um tipo de trabalho que faz parte da vida ribeirinha na Brasília; algumas famílias plantam e colhem diversos produtos alimentícios tanto para o consumo próprio quanto para a comercialização na sede do município. No período de seca ou vazante, onde o solo está fértil, algumas famílias plantam os seguintes produtos: quiabo, macaxeira, maxixe, melancia, tomate, milho, banana, cebolinha, couve, alface, feijão de corda, pimenta de cheiro e ardentes, entre outros legumes ou verduras. No período de cheia, as plantações são feitas em canoas suspensas como canteiros para as pequenas mudas de plantas, com espécies pequenas de verduras e legumes cultivadas nestes locais, tais como: cebolinha, couve, alface, chicória, e demais tipos de espécies pequenas para o consumo (BRASIL, 2015).

O solo fértil da comunidade da Brasília é a principal herança deixada pela natureza, para os moradores que utilizam das terras férteis propiciada da dinâmica enchente e vazante, ou seja, terra de várzea, há significados inexplicáveis deste fenômeno para estes. Pois, como afirmam que “é daqui que a gente vive”, ou “essas terras é tudo que nós temos de melhor”, “aqui a gente planta, aqui a gente, daqui que a gente vive”. São citações retiradas das entrevistas realizadas em 2021. A terra tem um significado muito grande para estes moradores, não somente relacionado a condições monetárias, mas da valoração significativa das vivências neste lugar chamado comunidade da Brasília.

Na figura abaixo, uma colheita de melancias realizada nas terras da comunidade da Brasília. Melancias que serão vendidas nas feiras e mercados de Parintins.

Figura 7 - Colheita de melancias na comunidade da Brasília



Fonte: Pesquisa de Campo (2021)

A criação de animais também é um dos trabalhos que configuram a comunidade da Brasília. Muitas famílias criam animais para o consumo e também para o comércio, a maioria dos animais criados para esta finalidade são as aves. Em terras de várzea, com a Brasília, há uma certa dificuldade na criação dos animais devido à subida das águas; neste caso, os criadores de animais, fazem uma espécie de maromba, abaixo do assoalho de suas casas, para colocarem os animais em gaiolas de madeira até a descida das águas. Quando a cheia é muito grande que chega a passar dos assoalhos das casas, os criadores de animais fazem a locomoção destes para lugares de terra firme, ou fazem a venda para não perder os animais. As galinhas e os patos são os principais animais criados na comunidade. Também há criação de animais domésticos, como cães e gatos (GUERREIRO, 2013).

Na figura abaixo, podemos observar aves, como galinhas e patos, em sua maioria sendo animais que são mais criados na comunidade. Há também na imagem, uma plantação de cebolinhas e cheiro-verde, ambos de uma mesma moradia pertencentes a Brasília.

Figura 8 - Aves e plantação de cebolinhas e cheiro-verde



Fonte: Pesquisa de Campo (2021)

Os peixes, as frutas, verduras e legumes, e as aves, são todos comercializados tanto na comunidade quanto fora dela. No caso dos peixes, os pescadores vendem para os atravessadores, responsáveis por comercializar o peixe até a sede do município. A maioria dos atravessadores são feirantes, que compram o peixe diretamente do pescador por um valor e revendem por um valor maior aos consumidores parintinenses. Alguns pescadores da comunidade fazem a própria venda do seu peixe, nas proximidades de feiras e comércios, bem como no mercado municipal. Os produtos cultivados na comunidade como frutas, verduras e legumes, são comercializados pelas mulheres da Brasília, que além de cultivarem, plantarem e colherem, também são responsáveis pelas vendas desses produtos. A comercialização é realizada no mercado municipal, feiras e nas proximidades dos comércios de frente com rio (VIEIRA *et al*, 2021).

Além destes tipos de trabalho, há uma prática artesanal peculiar na comunidade da Brasília, a pesca do camarão de água doce realizada por mulheres. O trabalho com a pesca artesanal de camarão na comunidade, teve sua origem por uma mulher, nascida na comunidade, que aprendeu a pescar camarão com outras mulheres de outras comunidades (DIÓGENES, 2014). Com a descoberta da presença de camarão nas águas próximas às casas, as mulheres

começaram a praticar a pesca; anteriormente era utilizado um paneiro⁸, com o tempo elas modificaram sua ferramenta de pesca com o intuito de facilitar o trabalho de pescar, pois o paneiro era muito pesado na retirada das águas junto com o camarão (DIÓGENES, 2014).

O cotidiano das mulheres pescadoras, como descrito acima, está também relacionado a dinâmica enchente e vazante na Amazônia. A pesca do camarão é realizada nos meses de julho a novembro, na comunidade da Brasília, durante esses meses, ocorre a vazante das águas nesta região, período em que o camarão é encontrado em abundância nos locais de pesca. O lago do Treme⁹ é onde mais se pesca camarão, onde as mulheres da Brasília se encontram para pescar, em diferentes horários do dia e da noite.

Além dessas práticas de trabalho que mostram o que é ser um ribeirão amazônico, há outros acontecimentos que fazem parte da vida dos moradores da comunidade da Brasília. Como citado acima, sobre as festas, tanto de santo quanto a do Camarão; os momentos de lazer entre as comunidades, como o jogo de futebol, praticamente acontecem em todos os finais de semana durante o período de seca na comunidade, onde há uma relação social entre Brasília e as comunidades vizinhas; as missas que acontecem todos os domingos pela manhã, na capela São Sebastião, que marca uma relação forte entre a igreja católica e os comunitários locais; a escola que faz parte da vida das crianças. Entre outras situações que mostram a realidade dos moradores da comunidade São Sebastião da Brasília.

⁸ Cesto de palha utilizado para levar peixes, frutas, raízes, e demais produtos da região amazônica.

⁹ Pertencente ao município de Parintins, próximo a comunidade da Brasília.

CAPÍTULO 02 – O TRABALHO NA COMUNIDADE DA BRASÍLIA: das práticas históricas às atuais

A força da atividade fluvial na produção do solo varzeano é tão decisiva que condicionará a vida e a morte, por exemplo, do mundo vegetal. As águas ocupam um papel fundamental nos processos de formação dos terrenos aluviais – afetando não só as qualidades diferenciais do próprio solo de várzea, bem como as condições essenciais para a vida de plantas e animais em seu ecossistema. Portanto, o ecossistema da várzea encontra-se circunscrito pela dinâmica das águas. Essa dinâmica se caracteriza por quatro fases distintas e complementares: enchente, cheia, vazante e seca. Esses ciclos representam momentos distintos para o camponês varzeano, assim como pode haver um acréscimo de solo à sua propriedade, pode haver também diminuição. A área de plantio pode ser favorecida ou prejudicada. O rio não é todo o tempo generoso com as populações que habitam suas margens, pois o terreno depositado ciclicamente pelas enchentes, numa certa área, poderá desaparecer, com as vazantes que também são cíclicas. Numa palavra, as terras novas possuem a sua antítese – as terras caídas. (WITKOSKI. Antônio Carlos. Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e a forma de uso de seus recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007, p. 119-122).

2.1 O percurso da juta até a comunidade da Brasília

Nesta seção, abordaremos o fato histórico da presença da juta na Amazônia, de Parintins até a chegada na comunidade da Brasília, e sua inserção por meio da imigração japonesa, bem com os acordos políticos entre Brasil e Japão. A juta foi uma das maiores riquezas econômicas em grande parte do século XX, no Estado do Amazonas. Ela chegou a Parintins por volta da década de 1930, com imigração japonesa, e a partir deste município, a juta foi espalhando-se para outros municípios e outros estados do país.

Na Amazônia, inicialmente houve interesse por partes dos japoneses em algumas terras da região. Segundo Homma (2009), este afirma que

houve o interesse geopolítico dos militares japoneses pela obtenção de 600 mil hectares de terra em Acará, 400 mil hectares em Monte Alegre e três lotes de 10 mil hectares, em Marabá, na zona da Estrada de Ferro de Bragança e até em Conceição do Araguaia, para a imigração japonesa. (p.34)

Neste caso, o autor mostra os esforços políticos entre os dois países, Brasil e Japão, bem com os estados envolvidos nesta imigração política japonesa, no quais são Pará e Amazonas, por parte de seus governadores, Dionísio Bentes e Ephigenio Sales, respectivamente. Os municípios dos estados brasileiros citados que participaram ativamente através de suas terras cedidas para o cultivo da juta, segundo o Benchimol (1974), este afirma que

Em menos de trinta anos a juta asiática, transplantada pelos imigrantes japoneses para a Amazônia, passou a dominar a paisagem econômica do baixo e médio Amazonas. Do município de Parintins, onde a experiência pioneira de Ryota Oyama e Kotaru Tsuji alcançou pleno sucesso em sua adaptação aos varzeados amazônicos, a juta estendeu-se ao baixo Amazonas, alcançando os municípios de Santarém, Alenquer, Óbidos e Oriximiná, para em seguida subir pela calha central abrangendo os municípios de Barreirinha, Urucurituba, Urucará, Maués, Itacoatiara, Careiro, Manaus e Manacapuru (p. 08).

Dessa forma, podemos entender que o município de Parintins foi um dos grandes atuantes entre os demais municípios tanto do Amazonas quanto do Pará. Para os autores Schor e Marinho (2013, p. 241), afirmam que “a história da juta em Parintins inicia-se com a chegada de uma missão, chefiada pelo deputado, Dr. Tsukasa Uetsuka”. Estes também afirmam que a viagem do político tinha por finalidade a escolha de um local em Parintins, cujo objetivo era “destinado à instalação do núcleo de Kotakuseis (como eram chamados os alunos diplomados pela Escola Superior de Colonização do Japão)” (p. 241).

De acordo com Ferreira (2016), a juta foi uma modalidade crescente na década de 1930, afirmando que “a partir do êxito de Ryota Oyama em 1934, essa modalidade agrícola não parou mais de crescer e alcançar novas áreas” (p. 145). O autor ainda afirma que “de Parintins, ela se espalhou por quase todo o Amazonas, Pará, e em algumas localidades dos estados do Amapá e Espírito Santo” (p. 145). Mas no estado do Amazonas, a juta e posteriormente a malva foram por um longo período a “atividade responsável por expressivo percentual na formação da renda do estado” (p. 145).

Neste caso, compreendemos que a juta no município de Parintins foi um propulsor para os demais municípios do estado do Amazonas, e esta proporcionou emprego e renda a esses municípios. Mas para os cultivadores da juta que habitavam em comunidades ribeirinhas, isso foi considerado por eles, um trabalho árduo e difícil, causando doenças e mortes ao longo do tempo de cultivo no período do auge da juta.

A Amazônia tornou-se a principal região para o apogeu da juta no Brasil, pois, além da aclimação da semente no solo fértil, uma série de fatores políticos facilitou a implantação deste produto na região, ultrapassando os demais estados que também utilizavam a juta para crescimento econômico durante o século XX (FERREIRA, 2016).

Nesse contexto político, Ferreira (2016) afirma que

As lideranças políticas dos estados do Amazonas e Pará viam, na chegada desses imigrantes, bem como nas relações comerciais que seriam estabelecidas com as Companhias desse país, uma grande oportunidade de negócios, um caminho auspicioso para reerguer a economia da região, a partir da exploração das riquezas naturais da região (p. 146).

Os acordos políticos feitos nesses dois estados condizem com vasta facilidade da imigração japonesa, como argumentado acima. Ferreira (2016) mostra que “no estado do Pará, um dos maiores entusiastas da imigração japonesa foi o governador Dionísio Ausier Bentes (1881-1947)” (p. 147). No Amazonas, o autor afirma que “o protagonismo das ações ficou a cargo do governador Ephigenio Ferreira de Salles (1926-1930)” (p. 147).

A falta de mão de obra era um problema encontrado pelos dois governadores, e o então presidente Washington Luís decretou na época a solução para este problema, afirmando sobre “sanear para povoar, povoar para prosperar”. Foi através desse mito sobre “terra sem homens”, que os povos ribeirinhos ficaram cada vez mais invisíveis (FERREIRA, 2016). Os autores Ferreira (2016) e Saunier (2003) nos afirmam que o processo de implantação da juta no Amazonas deu-se por dois momentos.

O primeiro momento foi no período de 1927, com a assinatura do governador Ephigenio Salles para conceder terra aos japoneses para cultura da juta no estado do Amazonas (FERREIRA, 2016). O segundo momento, foi o processo de saída dos imigrantes japoneses das terras amazônicas, por conta dos acordos de Vargas com os norte-americanos, obrigando a retirada dos japoneses do Brasil, neste período (SAUNIER, 2003).

Após a retirada dos japoneses, o negócio com a juta ficou nas mãos de empresários brasileiros, que no caso do Amazonas, utilizaram bastante à mão de obra ribeirinha por conta das áreas de várzeas na qual se localizam as comunidades (FERREIRA, 2016). E uma dessas comunidades que participou deste ramo de trabalho foi a comunidade de São Sebastião da Brasília, do município de Parintins no Estado do Amazonas.

Na comunidade da Brasília a inserção da juta deu-se por alguns empresários de Parintins, citados por algumas de nossas narrativas. Estes empresários trabalhavam no sistema de *patronagem*¹⁰ com os trabalhadores da comunidade. Um morador e ex trabalhador da juta na comunidade, nos afirmou por meio de suas memórias, sua experiência e relação com seus patrões. Quando questionado sobre como era esse tipo de relação de trabalho, ele nos disse que,

Aí o senhor fazia o seguinte, o senhor entregava pro seu patrão, vamos dizer, começar de quinhentos quilos, o senhor entregava pro seu patrão, aí se o senhor devesse, naquele tempo era o cruzeiro, se o senhor devesse vamos dizer dois reis, já é o real agora né? naquele tempo era o cruzeiro o dinheiro nosso, aí o senhor pagava a sua dívida pro seu patrão com aquela fibra, aí ele dizia “olha! Ainda ficou? Eu quero a produção tudo que tu me entregue” aí o senhor não tinha como dizer não porque se o senhor dissesse aquilo, o fabrico tudo era pro senhor produzir pra ele, aí ele dizia “olha! Se der dez toneladas eu fico com tudo tua juta” e não era só uma pessoa que fazia isso como eu, eu trabalhava com meu patrão, finado Túlio Melo, finado Didinho, essas coisas assim, finado Chiquito, eu trabalhava com eles assim, eu colhia toda a produção... finado Zé Tavares era um que morava lá, ele chegava “rapaz, tal dia tem juta?” tem! Chegava até doze, quinze fardos de juta, pesava aquela quantidade, uma tonelada, mil e duzentos quilos. Aí o senhor sabia que tinha né? e ele “olha, tu já pagou tuas dívidas mas eu quero que tu me venda o resto da tua produção e para o ano se tu precisar de mim eu tô pronto a te servir” e nosso trabalho era assim. (Pesquisa de Campo, 2020)

A partir desta memória, podemos perceber como funcionava os negócios na comunidade, e principalmente que o tipo de sistema não era tão diferente em relação ao período da borracha na Amazônia. O trabalho com a juta na comunidade era um trabalho familiar, onde todos os moradores de uma residência, com exceção de algumas crianças, trabalhavam com a

¹⁰ É o sistema de aviamento no período da exploração da borracha na Amazônia, também registrado pela literatura da região. Segundo McGrath (1999), “aviar significa fornecer mercadoria a prazo com o entendimento que o pagamento será feito em produtos extrativos dentro de um prazo especificado” (p. 37).

juta junto de seus pais. Algo bastante comum na maioria das comunidades amazônicas durante e século XX (WAGLEY, 1988).

Este novo sistema do trabalho com o cultivo de juta na Amazônia, já na forma do aviamento, iniciou em meados de 1950, praticamente sem a presença total dos japoneses no ramo inicial. Como afirma Ferreira (2016) que,

É, portanto, a partir da década de 1950, que vão ser aprofundadas as relações de aviamento na cadeia produtiva da juta no Amazonas, com a entrada no negócio de grandes comerciantes de Manaus, que passaram a montar redes de fornecimento de fibras, aviando pequenos comerciantes nos municípios produtores, e estes, por sua vez, aviando comerciantes próximos das localidades onde a juta era produzida, a figura do marreteiro, do regatão e do patrão ressurgem de maneira verticalizada em um processo parecido com o que ocorria na exploração da borracha (p. 184).

A juta fez parte do cotidiano de muitos amazônidas em algumas décadas do século XX, na comunidade da Brasília não foi diferente, pois a necessidade financeira e demanda de trabalho faziam com que os moradores praticamente optassem em priorizar a juta do que outros tipos de trabalho. Nas narrativas de um morador e ex trabalhador de juta na comunidade, nos afirmou que o trabalho era familiar e quando faltava mão de obra para finalizar determinada safra, eles contratavam outras pessoas, fora da família para trabalhar. Fiz a seguinte pergunta a ele no momento da entrevista: *Esse trabalho era familiar, todo mundo participava?* Ele foi claro e preciso em responder... *Familiar, a gente pagava gente às vezes né, quando a gente estava aperreado* (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

A partir deste relato, observamos que o trabalho com a juta era de grande demanda para os moradores da Brasília, onde praticamente todo mundo trabalhava neste sistema agrícola. Nosso maior questionamento sobre o trabalho com a juta dentro do cotidiano dos moradores em algumas décadas do século XX, era em saber o processo completo desde a semente entregue pelos patrões nas mãos dos trabalhadores, até a entrega do produto e finalização do negócio. Perguntamos para um de nossos colaboradores, sobre sua iniciação no trabalho do cultivo da juta, este nos afirmou, que o trabalho era familiar, iniciado pelo seus pais repassado aos seus irmãos,

Aí meu irmão, nós era só dois irmãos, aí meu irmão mais velho que foi na frente, nós trabalhava junto, mas o velhos mesmo velho ajudavam nós também, nós brocava o roçado, se fosse uma quitaria, nós faziam assim de trocar dia um com outro pra fazer aquele serviço de cinco, seis ou sete pessoas pra roçar mato, fazer uma quitaria, uma quitaria tem cem metro de comprimento com cem de largura, nós fazia só num dia aí se queimava, a gente fazia o brocamento tudinho só num dia e aí queimava o roçado e aí a gente pegava a semente da juta e ia plantar e aí era só zelar, aí tem aquele que chamam de... mas aqui na várzea só chamam de carieiro, só que o carieiro ele comia

a juta, então o senhor tinha que cuidar assim andando pelo aceiro do roçado pro bicho não coisarem (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

O sistema de trabalho com a juta na comunidade consistia no plantio, no corte, no afogamento, na lavagem, na secagem, no enfardamento, e por fim na entrega dos fardos aos destinados patrões, conforme o negócio entre as partes. Essa linha produtiva do trabalho inicial até o trabalho final fez parte do cotidiano durante muitos anos na vida dos ribeirinhos da comunidade da Brasília. Praticamente todos os moradores estavam envolvidos com este tipo de trabalho, no modo geral, era um sistema que funcionava a todos da comunidade.

O processo de plantação era feito com uma máquina, chamavam de tico-tico, às vezes passava de três dias plantando uma quitaria (100 m²), *“não acabava e no outro dia, dois dias, três dias acabava uma quitaria de plantar”*¹¹. Após o plantio da juta, faziam o processo de corte conforme o tamanho decidido pelo agricultor ou quando fosse o melhor para a colheita. Em nossos relatos, ainda sobre o processo de plantio da juta, o período até a colheita, *“o plantio da juta era em novembro”*¹². Esse período foi um exemplo utilizado por uma de nossas fontes orais, e continuou *“e o senhor contava, dezembro, janeiro, em fevereiro, o senhor cortava por causa da água que vinha”*¹³.

Na Amazônia, como mencionado acima, acontece o período de enchente e vazante das águas, a agricultura, a piscicultura e a agropecuária são organizadas conforme esse período (FERREIRA,2016). Na subida das águas, a juta tinha que ser cortada e passar por vários processos até o momento da entrega, *“a água vinha e a gente ia cortando, ia cortando e afogando”*¹⁴. O processo de “afogar” era a parte mais árdua do trabalho com a juta. Os trabalhadores faziam um sistema para realizar este tipo de afogamento, que mesmo sendo na água não era o processo de lavagem.

Afogar era reunir tudinho os fechos que era amarrado com a mesma fibra da juta, só que a fibra da juta era a juta verde e a gente tirava, e quebrava assim, tah! Tirava aquela envira e atracava um fecho, vamos dizer assim, uma comparação com isso aqui, o senhor cortava e ia amontoando um em cima do outro, aí o senhor pegava a envira e amarrava, aí o senhor fazia a pilha que nós chamamos da juta, pra ela amolecer, o senhor faz de quinze, de vinte, de cinquenta, quarenta fechos, uma da ilharga do outro, mesmo que ser essas tábuas aqui, certo! Que era pra botar o pau em cima pra fazer a pessoa que era pra ela ficar dentro da água assim, mais ou menos no fundo, com mais ou menos um palmo de fundura e com uma semana ela estava mole (Pesquisa de Campo, 2020-2021)

¹¹ Pesquisa de Campo (2020-2021).

¹² *Idem.*

¹³ *Idem.*

¹⁴ *Idem.*

A lavagem da juta era realizada para a retirada de uma película que havia nos feixes de juta, *“a água era suficiente e senhor sacudia ela na água pra lá, pra cá, tirava tudinho aquela pelica que é a casca”*. Segundo as narrativas das mulheres, esse trabalho de lavagem da juta era realizado em grande parte por elas, mas elas também faziam os demais processos da juta. Neste contexto, um ex trabalhador de juta deu referência a sua companheira/esposa, que *“ela ainda me ajudou bem a trabalhar na juta, ela mesmo, ela capinou, ela me ajudava, quando era em terra ela me ajudava a cortar com o terçado e na água lavava mais e também fazia tudo”* (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

Neste caso, em relação as mulheres, estas sempre foram vistas como ajudadora do homem, e não como protagonistas de seu próprio trabalho. A invisibilidade social está muito presente no trabalho das mulheres amazônidas de comunidades rurais de várzea, e as mulheres da comunidade da Brasília pertencem a este tipo de sistema patriarcal (TORRES, 2015).

Em continuidade no processo de trabalho com a juta, a secagem era realizada em uma espécie de madeira com grande comprimento conhecida como “vara” pelos ribeirinhos. Essas varas eram colocadas com ligações feitas por pontos de conexões, e os feixes de juta eram colocados em cima dessas varas e expostos ao sol, como um “grande varal”. Os feixes de juta secavam, após ficarem dias expostos ao sol, e então eles recolhiam os feixes para serem prensados ou enfardados.

O processo de enfardamento da juta era realizado na comunidade, pois tinha que ser entregue em fardos e pronto para a pesagem. Esse sistema era o último processo a ser feito antes da entrega para o patrão. Uma de nossas narrativas, explicou como funcionava tal processo final, com uma prensa manual feita de madeira. *“Enfardar é uma prensa, eram oito paus, afincava quatro aqui, um pau aqui, outro pau aqui e outro pau aqui, essas duas bocas aqui, essa boca daqui era a boca e jogava de lá duas cabeças e de lá ele virava aqui e de lá virava, botava daqui e virava pra lá”* (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

E ainda nos explicava que o tamanho do fardo era feito conforme o instrumento de trabalho, *“o senhor fazia o fardo da juta do tamanho que o senhor quisesse fazer, do peso que o senhor quisesse fazer conforme a prensa”*. E continuou nos explicando esse processo até sua finalização,

No nosso sistema nós chamava prensa e aí o senhor pegava e enfardava aquilo, nós pegava quatro tipo assim de coisa, mas então nós pegava assim na mão, que era pra quando a prensa enchesse o senhor pegava em cima do fardo e ele arreava com seu peso aí eu pegava e chamava essa minha mulher aí. Quando ela não estava pra me ajudar ia só eu, pegava um pedaço de pau e ia enrolando assim, ia enrolando, enrolando, enrolando até que desse assim pra mim acochar, ia acochando,

acochando, e metia lá e tirava o fardo, dava cinquenta quilos, sessenta, quarenta, quarenta e cinco quilos, aí é como eu tô dizendo, o senhor fazia o fardo do tamanho que o senhor quisesse fazer, se o senhor quisesse fazer dez quilos era dez quilos, se quisesse fazer cinco quilos era cinco quilos mas a gente não fazia assim porque o negócio do carreto era coiso, a gente entregava na canoa que era pra levar pro patrão da gente que tinha valido a gente no verão pra se manter, pra fazer o roçado e colher a produção e entregar tudo pra ele (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

O último processo era considerado a parte principal para estes trabalhadores, pois era o momento da entrega conforme o combinado, ou seja, seguir com os acordos. Primeiramente a produção era transportada de canoa para ser entregue ao “patrão” (FERREIRA, 2016). Nas memórias de um dos ex trabalhadores de juta na comunidade, fomos informados que o seu patrão ficava com tudo o que havia produzido, e uma parte da produção era utilizada para pagamento de dívidas já contraídas, “*o senhor pagava a sua dívida pro seu patrão com aquela fibra. Aí ele dizia ‘olha! Ainda ficou? Eu quero a produção tudo que tu me entregue’ aí o senhor não tinha como dizer não*” (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

Essas dívidas, como afirma este ex trabalhador, condiziam no “*servir*” como citado no início desta produção. Naquele período os patrões forneciam alimentos, roupas e demais produtos alimentícios em troca de mão de obra (WAGLEY, 1988). E também faziam pagamentos com o cruzeiro, a moeda da época. Ele nos relatou que os patrões serviam primeiro estes itens para que depois os comunitários “*pagassem*” com produção da juta, e às vezes eles continham um pequeno saldo desta produção.

2.2 A comunidade da Brasília após o declínio da juta

No final do século XX, aproximadamente entre os anos de 1980 a 1990, a produção e o cultivo de juta na Amazônia estavam chegando ao fim. Após a saída dos japoneses, como mencionado acima, e o controle por parte de empresários locais desde a década de 1950, alguns anos depois o país passou por uma conturbação à sua democracia, após o golpe de Estado no dia 31 de março de 1964, que foi o retorno do regime ditatorial militar, iniciado no dia 1º de abril de 1964, com término no dia 15 de março de 1985. A decisão por parte dos militares em explorar Amazônia era unânime devido as riquezas presente nesta região, e principalmente evitar uma nova invasão europeia, e que os recursos locais não fossem explorados pelos estrangeiros (FERREIRA, 2016).

O governo militar neste período tinha vários projetos visando a exploração e ocupação da Amazônia de uma forma tirana. Um desses projetos foi a construção de estradas, como por exemplo, a transamazônica, para que os militares tivessem acesso mais rápido a determinados locais que não fossem de forma fluvial, que no caso, tem um percurso mais demorado. Além das estradas, as construções de pistas de pousos também foi um projeto explorador da Amazônia.

Rodovias, estradas, pistas de pousos, mineradoras, construções de hidrelétricas, entre outros projetos realizados pelos militares, com o discurso de modernização, houve grande exploração, violência, e devastação na Amazônia. E um dos projetos, que de certa forma, influenciou no declínio da juta entre os anos 1960 a 1980, devido à falta de mão de obra, foi a construção da Zona Franca de Manaus (ZFM) e do Polo Industrial de Manaus (PIM). De acordo com os autores Seráfico e Seráfico (2005, p. 99-100), sobre a Zona Franca de Manaus, este afirma que,

A criação da Zona Franca de Manaus foi justificada pela ditadura militar com a necessidade de se ocupar uma região despovoada. Era necessário, portanto, dotar a região de 'condições de meios de vida' e infraestrutura que atraíssem para ela a força de trabalho e o capital, nacional e estrangeiro, vistos como imprescindíveis para a dinamização das forças produtivas locais, objetivando instaurar na região condições de 'rentabilidade econômica global'. De fato, sua criação e desenvolvimento, sempre estiveram atrelados a circunstâncias político-econômicas locais, nacionais e mundiais. Mundialmente, a Guerra Fria forçava a opção nacional entre conservar-se na área de influência norte-americana ou encaminhar-se para a soviética; além disso, avançava o processo de descentralização industrial, impulsionado pelas inovações nas comunicações e transportes, pela indústria eletrônica e pela organização dos trabalhadores nos países industrializados. Nacionalmente, a resolução das tensões relativas ao aprofundamento da democracia burguesa e, no limite, ao socialismo, deu-se nos termos do Golpe de Estado de 1964 e da implantação da ditadura militar, que conduziu a política econômica nacional de modo a privilegiar o capital estrangeiro no processo de apropriação e uso das forças produtivas do país. Localmente, mantinha-

se a estagnação econômica legada pelo fim do 'ciclo da borracha' e apenas brevemente superada pelos Acordos de Washington, de 1942.

Com a construção da ZFM e do PIM, a necessidade de mão de obra para suprir esta demanda, era notável. Neste período, houve um fenômeno de migração de habitantes dos municípios para a capital do estado do Amazonas, o êxodo rural. Como o trabalho com o cultivo da juta era extremamente explorador, muitos ribeirinhos não queriam mais este tipo de trabalho, devido a condição que o trabalho apresenta. Nas palavras de um ex trabalhador de juta da comunidade da Brasília, este nos revela que, “*eu sofri muito na juta, trabalhei na juta desde os meus 11 anos, é um trabalho muito penoso*” (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

O processo de trabalho com a juta era muito exigido fisicamente pelos seus cultivadores, um tipo de trabalho árduo e sofrível que não rendava economicamente pelo tanto de trabalho que tinha que realizar. Os jovens não queriam mais continuar o trabalho iniciado pelos seus pais na maioria das comunidades amazônicas, a comunidade da Brasília foi uma das comunidades que passou pelo êxodo rural de seus jovens. Quando perguntado sobre seus filhos, uma senhora, ex trabalhadora de juta nos respondeu que, “*Tenho onze filhos, um já morreu, três foram para Manaus trabalhar no Distrito e outros tá em Parintins*” (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

A partir desta afirmação, a memória de uma mulher que trabalhou muito com a juta, entendemos que entre os anos 1980 a 1990, muitos jovens comunitários residentes rurais de várzea, partiam para a capital do estado no intuito de trabalhar, devido a demanda de empregos que as indústrias ofereciam para Manaus. Durante todo este processo de migração da zona rural para a zona urbana, a mão de obra estava ficando escassa nos campos de cultivo de juta e este fator culminou para o fim do trabalho com a juta.

Não somente a mão de obra foi determinante para o fim da juta em grande escala na Amazônia, mas também a criação de outro produto que viera substituir a função da juta em sua maioria, no caso produção de sacos plásticos de polietileno e polipropileno. Segundo Ferreira (2016, p. 275) afirma que,

A introdução de sacarias confeccionadas a partir do polipropileno e polietileno para embalar os produtos cerealíferos brasileiros, fundamentalmente, a partir da década de 1970, contribuiu bastante para a redução da demanda de embalagens feitas com as fibras de juta/malva.

Com a redução da produção de juta nas comunidades amazônicas, os ribeirinhos de várzea tiveram que continuar suas vidas com novos tipos de trabalhos ou continuar com trabalhos que eram realizados com pouco demanda devido a mão de obra está totalmente focada

para a juta, no caso, a pesca. No caso da comunidade da Brasília a pesca sempre fez parte do cotidiano de seus habitantes, mesmo no período do auge da juta, havia pesca com finalidades do consumo próprio, ainda não era comercializada em foco principal.

Em conversa com um de nossos colaboradores sobre outras atividades de trabalho praticadas no período do cultivo da juta, perguntamos como era a realização da pesca, se podiam pescar para consumo próprio ou para algum tipo de comercialização do produto pescado. Fiz a seguinte pergunta: “*durante o ano como era situação da pesca como é que era aqui, vocês faziam pesca também?*” Tivemos a seguinte resposta: “*olha nesse tempo, que nós trabalhava em juta ninguém podia pescar, nós comprava*”. E continuamos nosso diálogo quando o perguntei o porquê eles não pescavam e tinham que comprar o peixe para o consumo, “*porque ninguém tinha tempo, porque a juta não dava tempo*” (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

O trabalho com a juta era muito exigido no cotidiano dos moradores da comunidade da Brasília. Visto que o tempo era muito precioso para eles. Mais que isso havia uma relação de poder muito forte entre *patrão* e *juteiro*, no qual este último, não tinham permissão para a realização de outras atividades de trabalho que não fosse a juta. Por isso eles eram “obrigados” a comprar alguns peixes secos em comércios ou tabernas locais, negociando a própria mão de obra com os patrões em troca de alimentos (MCGRATH, 1999).

A transição do fim do cultivo da juta para novas realizações de trabalho na comunidade deu-se gradativamente pelos moradores de Brasília. Em relação a pesca, esta foi quem entrou primeiro na vida dos homens pescadores, para houvesse o sustento familiar, a pesca voltara a ser o trabalho mais praticado após a saída da juta na comunidade. A memória de um ex trabalhador de juta e também ex pescador, nos informou o que fizeram nesta transição.

[...] foi o tempo que nós deixemos a juta, nós vivia na pescaria com eles pra sustentar nossos filhos, pra estudar. Nós passava noite e dia na proa da canoa. Nunca eu fui com esse homem no lago, se nós não trouxesse 3 ou 4 pirarucu, nunca. Eu tinha uma cajila, quando ele pulava na popa da minha canoa podia dizer. Vinha mesmo. Nós botava a astia aqui no ombro, no verão. Botava a astia no ombro... uma traz outra pra frente, a gente ia embora nesse Macuricanã. Em dois dias nos pegava mil, mil e cem [...] (Pesquisa de Campo, 2020).

A pesca foi saída para o sustento de uma comunidade amazônica com o fim do cultivo da juta nas terras dos ribeirinhos. Em São Sebastião da Brasília não foi diferente, os homens em sua maioria tinham como responsabilidade de sustentar a casa dentro do sistema patriarcal, e a pesca foi o trabalho mais visado, mais lucrativo, menos exigido que a juta para estes comunitários.

2.3 Práticas atuais de trabalho na comunidade da Brasília

A comunidade São Sebastião da Brasília, atualmente têm as seguintes práticas de trabalho: a pesca do pescado, a agricultura, a caça, a criação de aves, e a pesca do camarão. Essas práticas fazem parte do cotidiano dos moradores, que dependendo do período de enchente e vazante que acontece todos os anos na região amazônica, tais trabalhos são realizados de forma coletiva entre os comunitários. Neste tópico iniciaremos nossa discussão em mostrar as atividades laborais praticadas dentro do cotidiano dos moradores, começaremos pela pesca, ação de maior demanda entre os moradores cujas participações, em sua maioria, são de cunho masculino, que recentemente tornou-se pesca profissional na comunidade.

Após o fim do cultivo da juta, a pesca foi o principal trabalho pertencente ao modo de vida a ser realizado em maior demanda pelos moradores da comunidade da Brasília. Praticamente, todos os dias é dia de pesca, sempre nas águas tem algum pescador da comunidade em busca de seu sustento por meio da pesca.

A pesca é um dos trabalhos mais realizados nas comunidades amazônicas, principalmente nas comunidades de várzeas. O conhecimento adquirido entre os pescadores é passado de geração em geração, desde os primeiros pescadores da Amazônia, os indígenas até os pescadores atuais, tanto de pesca artesanal quanto profissional. A prática desses saberes está relacionada a pesca familiar, onde os pais ensinam seus filhos métodos e técnicas de pesca cotidianamente, que “através da ampliação e agudeza de um saber sensível, de uma estética pesqueira, cujo contato direto com a natureza aquática exige isso enquanto condição insuprimível do viver nas (e das) águas” (RAMALHO, 2011, p. 316).

A pesca artesanal faz parte do modo de vida dos comunitários de Brasília, a maioria dos homens sabem pescar e tal conhecimento foi adquirido de forma tradicional nos ensinamentos dos mais velhos para os mais novos. Tais conhecimentos são relacionados com a natureza, com o tempo, com as águas, como afirma o Furtado (1993), que

[...] conhecer os pesqueiros ou pontos de pesca; os tipos de peixe que neles habitam; identificar as melhores horas de capturá-los; saber sobre a influência dos ventos e das chuvas nas pescarias, os espaços que podem ou não pescar; a influência da lua no regime das águas pluviais e fluviais [...]; o saber manejar o ambiente; o saber tecer uma tarrafa; arpoar um pirarucu; gapuiar ou tapar um igarapé, etc. (FURTADO, 1993, p. 200).

Na comunidade da Brasília, a pesca artesanal é realizada em diversos lugares nos quais os pescadores conhecem onde há maior presença abundante do peixe. Nas proximidades da

comunidade existe o lago do Treme, um dos lugares mais citados em nossas narrativas de acordo com as memórias dos pescadores. “*Eu gosto de pescar no Treme, dá mais peixe lá, todo mundo aqui vai pra lá, todo mundo pega peixe*” (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

A partir desta narrativa, entendemos que este lago faz parte do cotidiano dos pescadores que moram na comunidade da Brasília. Como praticamente quase todos os homens da comunidade, homens já adultos, realizam a pesca do pescado, observamos alguns desses homens em dia de pesca. Na residência de uma família de pescadores da comunidade, vimos como funciona a preparação para a pesca.

Em uma tarde de sexta feira, reuniam-se alguns pescadores na residência de um senhor que também é pescador. Eram mais ou menos uns seis homens que estavam separando material de pesca, como malhadeira, remos, caixas de isopor, lanternas, facas, terçados, e demais recursos necessários para uma noite de pesca. Pelo que foi observado, a pesca iniciaria às 18h00 e finalizaria pela manhã do dia seguinte. Nas conversas que tivemos com um dos senhores pescadores, pai de filhos pescadores, este nos afirmou que seus três filhos pescam juntos com seus sobrinhos e também outras situações sobre a pesca familiar.

[...] É eles três que pescam, agora eles tenham os parceiros deles de pescar, cada um pesca com um par, é meus sobrinhos, moram pra li, agora quando é pra ir eles venham aqui, olha... [...] Olha são seis. Mais três de lá, meus três sobrinhos, é três sobrinhos meu, e três primo deles, eles pescam junto só numa canoa dois, dois embarca num casco, e um embarca na proa e outro na polpa como chama né, o Lemista é da proa né? e o da polpa é o da máquina vamos dizer assim, ai eles vão fazer a pesca deles, ai eles pegam 200kg, 300kg de peixe, ai eles vão pra cidade vendem pro atravessador, ai eles volta das mesmas coisas.[..] (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

De acordo com essa memória, a pesca coletiva é realizada na comunidade quando há um acordo entre os pescadores para capturarem a maior quantidade de peixe possível, principalmente quando vão a pesca de peixes grandes, exemplo do pirarucu. Conhecido como o gigante das águas doces, o pirarucu, pode chegar na fase adulta entre 2 a 3 metros de comprimento, com o peso equivalente de 100kg a 200kg¹⁵.

Os lagos próximos a comunidade são a fonte de riquezas para os pescadores e pescadoras. Mas além das prosperidades das águas, com abundância de peixes e crustáceos, São Sebastião da Brasília possui uma terra muito fértil para a agricultura. Uma das práticas atuais de trabalho, após a saída da juta, é o cultivo de frutas, verduras, legumes, hortaliças e demais variedades de plantações que ocorrem nas terras férteis da comunidade.

¹⁵ De acordo com o site www.wwf.org.br acessado em junho/2021

A agricultura sempre foi uma prática de trabalho na comunidade que se constitui até o presente, no caso da juta era necessário tanto terra quanto água para que a produção funcionasse. Atualmente, a comunidade ainda utiliza do recurso da terra fértil para o sustento familiar. Não são todas as casas que trabalham com a agricultura, apenas algumas famílias trabalham neste ramo, diferente da pesca em quase toda a comunidade trabalha nisto, a agricultura é realizada familiarmente em pouca escala.

Na comunidade, visitamos algumas famílias que trabalham com a agricultura, e fomos saber quais são os tipos de plantações que cada família realiza no período de vazante ou verão na comunidade. Lembrando que este modo de vida é diferente do cotidiano da vida pesqueira, a agricultura é realizada na descida das águas ou no verão, como eles citam. Devido a esta circunstância, entendemos o porquê poucas pessoas trabalham com plantações na comunidade São Sebastião da Brasília.

Começamos com uma de nossas narrativas, por meio das memórias de um senhor, morador, trabalhador da comunidade, este nos afirmou como funciona o trabalho familiar na agricultura, quem trabalha, quantas pessoas trabalham, com o que trabalham, este nos disse que,

[...] eu ajudo a minha mulher a trabalhar, o senhor está vendo esses matos aqui, mais isso aqui vai ser limpinho, quando a água sair, nós já vamos construindo a planta, ai nós vamos comprar a semente da melancia, custa quarenta e cinco uma lata, de 250g do caroço da melancia, ai nós já tira o lugar da melancia, já planta tudinho, nós faz as muda no copo descartável, ai nós planta tudinho, planta 300 pés, que é no canteiro ai, esse canteiro que nós chama, de tábuas né, igual esse aqui, ai agasalha os copos tudinho na ilharga um do outro, quando ela já tá tudo assim bom de arriar na terra. Agora a macaxeira é plantada assim mesmo a bruto, essas outras plantas, mais a melancia não [...] (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

De acordo com as palavras desse agricultor, algo nos chamou a atenção quando este nos fala que “*eu ajudo a minha mulher*”. Essa narrativa vem em tom de que o trabalho com a agricultura é de prioridade feminino, entraremos nesta discussão no próximo capítulo desta produção. A melancia como mencionada na citação é uma das frutas mais cultivadas na comunidade, devido seu curto período de produção, ou seja, em menos de 6 meses durante o ano desde sua plantação até a colheita, a melancia está pronta para o consumo (RODRIGUES, 2015).

Este modo de vida, remete ao fenômeno enchente e vazante que ocorre todos os anos na Amazônia, e a comunidade da Brasília sofre com esta ação natural. No início da vazante, o trabalho de agricultura no solo inicia para os produtores de melancia, “*quando a água sair, nós já vamos construindo a planta*”. Este relato descrito acima, fica claro como o cotidiano dos agricultores de melancia está por conta do fenômeno anual da natureza amazônica.

Figura 9 - Melancia: cultivo atual da comunidade



Fonte: Pesquisa de Campo (2021)

A figura referente é uma colheita de melancia realizada por uma família de agricultores pertencentes a comunidade São Sebastião da Brasília. Tais produtos são comercializados na sede do município de Parintins, de acordo com estes produtores o negócio realizado na venda das melancias é acordado antes mesmo do início do cultivo, alguns agricultores têm seus próprios clientes, que são revendedores do produto cultivado.

O milho também é um dos produtos cultivados na comunidade, algumas famílias trabalham no cultivo deste cereal. De acordo com nossas narrativas, o milho tem sua relevância financeira para seus cultivadores, como afirma um morador e cultivador de milho na comunidade, *“Deus o livre, tu plantava meio quarto de milho tu tava feito. Tu tava feito. O que tu trazia logo era molizinho pra vender aqui, e dava o lucro, aí tu deixava uma parte pra secar, e ia desbulhar e vender em saca”* (Pesquisa de Campo, 2020).

Os produtores de milho na comunidade, também trabalham de acordo com o período de enchente e vazante, o cultivo do milho faz parte do cotidiano de seus produtores, nos quais

desde o início da plantação, realizada na descida das águas, até o momento da colheita, dura em torno de alguns meses, a produção é rápida e a comercialização também é feita nas feiras e comércios de Parintins.

Figura 10 - Plantação de milho



Fonte: Pesquisa de Campo (2021)

A ilustração em destaque é uma plantação de milho de uma família de agricultores e pescadores da comunidade da Brasília. A plantação de milho é realizada em sua maioria pelas mulheres desta família. Uma delas nos informou sobre seu trabalho com agricultura, quando perguntado o que era plantado por ela e suas terras, nos informou que *“eu planto tudo quanto é planta de fruteira, melancia, melão, jerimum, maxixe, banana, milho meu principal, tudo e as hortaliças também, planta alface tem uns barcão bonitinha”* (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

Além do milho e da melancia, outros produtos são cultivados nas terras da comunidade, como mencionado na memória acima, a presença destes produtos está de acordo com o comércio exigido nas feiras de Parintins, onde muitas comunidades que trabalham tanto com a agricultura quanto a pesca, a comercialização em massa é feita nesses locais na cidade, quando

não há um cliente revendedor dos produtos, as vendas são feitas pelos próprios cultivadores de seu produto, ou seja, as mulheres em sua maioria, são responsáveis pela comercialização dos produtos cultivados em suas terras (ANDRADE, 2015).

Figura 11 - Colheita de melão



Fonte: Pesquisa de Campo (2021)

O melão, como destacado na imagem, e nas narrativas de seus cultivadores, é um dos produtos cultivados na comunidade e comercializado em Parintins. O trabalho com o melão não é feito em grande proporção quanto a melancia e o milho, devido sua derivação da melancia, o melão é pouco comercializado por causa da preferência da melancia. *“A gente vende pouco melão, por isso a gente não planta muito, o povo compra mais melancia lá na cidade”* (Pesquisa de Campo, 2020-2021). Esta narrativa, palavras de uma agricultora de melão na comunidade, deixa claro o porquê a produção em pequena escala do melão.

Mesmo o melão sendo pouco cultivado na comunidade, deixamos aqui registrado um dos frutos saborosos, adocicados que algumas famílias da comunidade cultivam, ou seja, o melão bem como as demais frutas também é consumido pelos próprios cultivadores, são frutas que fazem parte do cardápio do cotidiano desses moradores. A alimentação natural das frutas, verduras e legumes engloba esse modo de vida na qual não há a presença de agrotóxicos, pois seus cultivadores, em sua maioria, não têm problemas com insetos que possam prejudicar a

lavouira, tal ação corresponde ao tratamento da terra pelas águas que sobem e descem vinda dos rios por meio deste fenômeno amazônico.

A agricultura é um símbolo marcante na vida dos moradores da Brasília, no passado por causa da presença abundante da juta, e no presente pelas diversas plantações que a terra concede a estas pessoas. Um dos agricultores, nos relatou sobre suas conquistas com a agricultura, sobre seu trabalho, sobre sua vida pessoal e familiar sem a juta. Este nos informou que,

[...] Eu plantava minha macaxeira, plantar o meu quiabar, eu tenho um quiabar, planta pimenta cheirosa, plantar maxixe, melão, melancia, milho tudo isso, e graças a Deus me dei melhor, olha minha mulher não que outra vida, só senhor tá vendo tudo isso era macaxeiral, a gente ia arrancar uma ou duas saca de macaxeira, quebra cem espiga de milho, ela vai lá pra cidade, ela leva pimenta cheirosa, leva o quiabo e vende tudinho, chega de lá com seus duzentos, trezentos, trezentos e cinquenta contos, de rancho, é assim, dá muito mais, tudo santo dia, ela tira de sexta, ela vende sexta, sábado e domingo, eu me engano segunda ela para, hoje ela não ia vender, ela diz que (pensamento) melhorou grande nossa vida, eu já possui muita coisa, sem ser da juta pra cá, na juta era muito sacrifício [...] (Pesquisa de Campo, 2021-2021).

Através da valorização dessas memórias entendemos que o trabalho sem juta, para eles, foi muito melhor que a fibra dourada, devido excesso de trabalho que a juta consumia aos seus cultivadores. Este relato mostra como também funciona o sistema familiar da agricultura na comunidade, onde homens e mulheres, às vezes crianças, trabalham em prol do sustento de todos da mesma residência.

A pesca e a agricultura não são as únicas práticas atuais de trabalho na comunidade. Alguns moradores trabalham com a caça de animais silvestres, e também com a criação de animais, em sua maioria as aves. Além dessas duas práticas citadas, temos a pesca artesanal do camarão, esta que por sua vez, tem o protagonismo das mulheres da comunidade São Sebastião da Brasília em Parintins (SILVA, 2017).

Em relação a caça, esta é realizada por alguns homens moradores da comunidade, mas com o passar dos anos, a caça foi diminuindo, pois não haveria mais tantos animais devido a presença do homem na natureza (BRASIL, 2015). Em uma de nossas narrativas, quando perguntado sobre a prática da caça na comunidade, fomos informados que “antes a gente caçava muito bicho, muita capivara, pato do mato, paca, a gente matava pra gente comer, capivara dava de muito, agora não dá mais, às vezes, que a gente pega pato com a espingarda” (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

A caça dos animais da Amazônia sempre foi uma prática para alimentação coletiva, desde os povos originários até os grupos associados, como as comunidades (WAGLEY, 1988). No caso da comunidade da Brasília, vimos que não há comércio com o produto caçado, ou seja,

quando há a realização da caça, que atualmente está acontecendo apenas dos patos selvagens, ainda assim em pequena proporção, este animal irá fazer parte do banquete de seu caçador, que no caso, é a alimentação familiar. “*Como é esse pato do mato? Fiz esta pergunta, e tive a seguinte resposta... é que nem um pato desses normal, só que eles são grandes, a carne dele é mais escura e mais boa pra comer*” (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

A criação de animais de pequeno porte é uma prática de trabalho que faz parte do cotidiano de algumas famílias da comunidade. Em algumas residências vimos a presença de aves e animais domésticos. As galinhas e os patos, são aves com maior proporção de criação entre os moradores, em sua maioria para o consumo próprio, mas também é feita a realização da comercialização destes animais. Como nos afirma, uma moradora da comunidade, “*eu crio galinha, pato, pra gente comer e pra vender lá na cidade, eu preparo umas 3 ou 4 galinhas dessas, embalado direitinho e vou vender lá*” (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

A figura abaixo mostra, uma residência de moradores e sua criação de animais, como as aves citadas e também a presença de animais domésticos, os cães. As galinhas são alimentadas, cuidadas para vínculo comercial, ou seja, a todo um sistema que está relacionado na criação destes animais.

Figura 12 - Criação de aves



Fonte: Pesquisa de Campo (2021)

O cotidiano da criação de aves é um pouco complicado para os criadores, principalmente no período da enchente das águas. Durante o verão, as aves ficam dispersas pelos quintais, mas

próximas as casas que as pertencem, as aves mais novas como os pintinhos ou frangos ficam presas em jaulas por causa de possíveis predadores, as aves mais adultas ficam soltas durante o dia, e quando chega à noite, elas vão para as gaiolas grandes, chamadas de galinheiro.

Durante a enchente, as aves ficam presas em gaiolas feitas de madeiras bem abaixo dos pisos de madeira, o assoalho, ficam presas até a descida das águas, quando a enchente é bem grande que chega ao nível do piso da casa de madeira, as aves são transportadas para outras comunidades parentescos, nas quais ficam sob os cuidados outros criadores em locais onde a enchente não está em grande proporção. De acordo com a oralidade de uma mulher, moradora da comunidade e criadora de aves, nos disse que *“quando a cheia tá muito grande, a gente manda as galinhas lá pro meu filho com a mulher dele, eles moram no Mato Grosso, e depois a gente vai lá pegar de volta”* (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

A partir deste relato, repetindo-nos mais uma vez sobre o fenômeno da enchente das águas que está relacionada a quase todo o modo de vida dos ribeirinhos da comunidade da Brasília. A criação dessas aves é um tipo de prática atual de trabalho que requer muito do cotidiano de seus criadores, trabalhar com a natureza, obter tais cuidados, principalmente para que haja avanço das aves as plantações, todo trabalho realizado e muito das vezes invisibilizados e não valorizado no momento da comercialização.

Para encerramos esta seção de práticas atuais de trabalho na comunidade da Brasília, deixamos por último, mas não menos a importante, o trabalho da pesca artesanal de camarão cuja ação tem por protagonismo as mulheres (DIÓGENES, 2014). Algumas mulheres da comunidade realizam a pesca do camarão para contribuir financeiramente ao sustento familiar, essa pesca faz parte do cotidiano de muitas mulheres da comunidade, influenciando totalmente no modo de vida dessas pescadoras.

CAPÍTULO 03 – A DIVISÃO SOCIAL E SEXUAL DO TRABALHO: OS HOMENS E AS MULHERES NA COMUNIDADE DA BRASÍLIA

Em todas as esferas de atuação, tais como a doméstica, a econômica, a religiosa, a política e a ritual, a posição mais importante, de direção podemos dizer assim, cabe sempre ao homem. A mulher surge como elemento de apoio, necessário, mas que parece não contar muito, no cômputo geral de participação dos dois sexos. Essa atuação feminina resume-se, então, à prestação de serviços, em que ela não visa a si própria, mas age totalmente em função dos outros (MAUÉS, Maria Amélia Motta. Trabalhadeiras e camaradas: relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Centro de Filosofia e Ciências Humanas: UFPA, 1993, p 21).

3.1 O cotidiano do trabalho dos homens na comunidade da Brasília

O cotidiano dos homens na comunidade está relacionado ao trabalho, a família, o coletivo, e demais ações ou práticas que corresponde a totalidade da comunidade da Brasília. Relacionaremos o cotidiano de alguns homens que nos permitiram observar seu modo de vida, sobre a maioria dos aspectos possíveis, nos quais, todos os homens agem de forma coletiva em alguns hábitos dentro da comunidade da Brasília.

Os homens mais velhos, ou seja, com idade mais avançada, entre os 60 a 80 anos de idade, ou até mais que isso, são pessoas que praticamente contam as histórias aos mais novos e principalmente transmitem seus conhecimentos para seus filhos netos. Um fator interessante em relação a memória destes homens, como descritos nos capítulos anteriores é que desde cedo, desde a infância, praticamente todos trabalharam com seus pais ou avós, como os trabalhos históricos já trazidos nesta discussão, exemplo da juta que durante décadas no decorrer do século XX, exigia a mão de obra de homens, mulheres e crianças.

Estas crianças hoje são os idosos moradores da comunidade, muitos deles viram seus pais na juta, e continuaram com o mesmo trabalho, até o fim da juta na comunidade. Uma das consequências deixadas para a vida das crianças, que não tiveram tempo para ir à escola, foi a falta da educação escolar. Essa ausência é derivada não apenas pela evasão dessas crianças, mas pela falta de profissionais da educação disponíveis para aquela época, como nos afirma uma de nossas narrativas sobre sua infância.

A minha infância foi, olha... eu não tenho a curiosidade de lhe falar que não sei ler e nem escrever porque nesse tempo as aulas eram difíceis no interior, no interior não existia e na cidade também não tinham as aulas que tem hoje em dia e a facilidade né? até o governo já paga pra criança estudar, tem até merenda, dá a comida, depois da aula dá comida né? Naquele tempo nunca, nunquinha, ainda conheci numa época que os nossos estudantes, quando aparecia uma aulazinha pelo prefeito de Parintins que era o finado Júlio Belém, Gentil Belém. Tinha aquele outro que eu tô esquecido o nome dele, que ele foi prefeito de Parintins... ainda cheguei a ver assim amarrarem a folha da bananeira pra escrever assim na aula que a professora coisava aquela folha assim no fogo e eles iam escrever o que a professora ia ensinar ali. Então foi uma época que eu não alcancei mais, não tinha professores porque os prefeitos não davam a aula pro interior e na cidade que tinha e ninguém se manifestava pra ir, então eu não sei ler e nem sei escrever, eu não tenho vergonha de dizer que na verdade eu vou morrer assim, mas do nosso tempo então o nosso ramo de vida era o trabalho, era ajudar nossos pais pra nós se manter que a vida era mais difícil do que hoje em dia tá né? (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

A partir desta narrativa, exigida da memória de um senhor de mais de 80 anos de idade, nos faz refletir sobre o cotidiano escolar na segunda metade do século XX, nas comunidades amazônicas. As dificuldades para as crianças frequentarem as escolas neste período era

gigantesca, ainda mais crianças moradoras de comunidades de várzea. Este fragmento de memória narrado foi o suficiente para identificarmos as dificuldades do cotidiano escolar daquela época, pois em outras narrativas, principalmente dos senhores de idade de avançada, como citado acima, vimos a ausência na maioria deles o conhecimento básico do saber ler e escrever, alguns sabem apenas escrever o próprio nome, outros nem isso.

No decorrer das análises das entrevistas e das observações diárias, os homens, com mais de 60 anos, já são todos aposentados. O dinheiro da aposentaria é consequente da contribuição dos sindicatos dos pescadores, a prática da pesca como discutida acima, é o trabalho mais realizado pela maioria dos homens da comunidade da Brasília. Uma narrativa encontrada das memórias de um dos senhores da comunidade em relação a aposentadoria por meio da pesca, este nos falou sobre como funciona o sistema de contribuição para se aposentar.

Olha! Quando chega naquela época, tem o seguro. Você se aposenta por pouca idade. Porque se você tem contribuído no INSS, todo tempo pagando o INSS, desde quando... uma comparação, você entra hoje na Copesca. Aí você já vai pagar, nesse outro mês, você já vai pagar o INSS. Naquele tempo a gente pagava R\$ 32,50. Agora tá R\$ 144,00. Do INSS. Ficou alto. Mas tu tem coisa, se tu chega lá, se tu tiver com 15 anos que tu tá contribuindo, aí eles já te aposento, já te aposento (Pesquisa de Campo, 2020).

Os valores trazidos, a instituição mencionada, e demais situações, tudo isso fazia ou faz parte da vida dos pescadores da comunidade da Brasília. A pesca é o que predomina os homens, é a marca registrada deles construída pelo patriarcado do ser homem, praticamente todos os homens já adultos e até mesmo os jovens sabem pescar. Observamos um dia de pesca realizada por alguns homens da comunidade, a pesca entre eles é um trabalho coletivo, no qual a divisão do produto pescado é feita em comum acordo com os pescadores.

A pesca do pirarucu é o que exige mais trabalho dos pescadores, pois ela é realizada durante dias nos lagos próximos a comunidade. Devido ser uma pesca duradoura, esta ação tem sua realização coletiva, nos quais vários pescadores da comunidade reúnem-se para acertar o dia que irão partir a caça do gigante de água doce, geralmente este acordo é feito em poucos minutos onde as conversas se espalham entre os pescadores até o dia de saída da pescaria.

Vimos que a saída é feita em conjunto na data marcada acordada entre todos que irão participar da pescaria. A pesca do pirarucu exige dias de trabalho, nos quais estes chegam a passar entre 4 a 7 dias nos lagos do Treme, Macuricanã e Boto Grande, todos estes lagos ficam na região da comunidade da Brasília, com demarcações para outras comunidades.

A preparação para a pesca é feita da seguinte forma, observamos em uma família de irmãos que todos são pescadores, e vimos todo o ritual inicial para a ida a pesca. Primeiro eles

fazem uma vistoria nas embarcações, nas canoas motorizadas, verificam se estas estão aptas para o transporte para que não haja nenhum acidente de percurso até chegada no local de pesca, também é observado e analisado as máquinas motorizadas responsáveis de conduzir as embarcações, conhecidas como motor rabetas, pois são colocadas na parte de trás das canoas. A figura a seguir, mostra um dos pescadores da comunidade transitando pelas águas da comunidade, com seu produto pescado armazenados durante o transporte em caixas de isopor, algo típico entre os pescadores amazônicos.

Figura 13 - Homem pescador em uma embarcação motorizada



Fonte: Pesquisa de Campo (2021)

Após a revisão dos meios de transporte, também é verificado os acessórios da locomoção, como os remos. Os remos são fundamentais para a movimentação da embarcação enquanto a máquina está desligada, principalmente para que não seja necessário o uso das máquinas nos locais de pesca para que o peixe não se distancie por meio dos ruídos de seus locais de naturais de habitat. A figura abaixo mostra um pescador conduzindo levemente a canoa para não assustar os peixes.

Figura 14 - Homem pescador na utilização dos remos/canoa



Fonte: Pesquisa de Campo (2021)

O material levado pelos pescadores além das embarcações e acessórios, são os recursos de pesca. Tais materiais são conhecidos como *arreio* entre os pescadores, a *malhadeira*, a *tarrafa*, o *espinhel*, o *arpão*, arcos e flechas, linhas, *zagaia*, redes, *caniço* e outros tipos de ferramentas de pesca, eles chamam de *arreio*. Geralmente estas ferramentas ficam espalhadas pelas casas, por cima nas partes de sustentação do telhado, entre outros lugares com fácil acesso ao pescador no momento de saída da pesca.

Identificamos além das ferramentas de pesca utilizada pelos homens, a maneira como estes se vestiam para ir ao lago pescar. Alguns de sandálias nos pés, de bermudas ou calças, camisas com manga longas, ou manga curtas, uns de chapéus de palha e outros de bonés. Esses itens são os mais utilizados pelos pescadores da comunidade, e como recursos necessários, levam mochilas contendo produtos de higiene, alguns alimentos, caixas de fósforos ou isqueiros, facas ou laminas maiores como os *terçados*, lanternas que se encaixam na cabeça, e demais materiais que são necessários para uma de dias de duração.

Outros tipos de peixes além do *pirarucu* são pescados na comunidade, a presença de peixes lisos e de escamas em lagos, rios e lagoas fazem parte do cardápio dos moradores, e principalmente para o comércio local (BRASIL, 2015). *Tucunaré*, *bodó*, *sardinha*, *tambaqui*,

branquinha, dourado, apapá, pacu, jaraqui, jiju, charuto, e demais tipos de peixes são pescados pelos homens em sua maioria, diariamente na comunidade, tais peixes citados são comercializados na sede do município de Parintins (DIÓGENES, 2014).

Estes peixes digamos de menor expressão por causa do seu tamanho e peso, são feitos de forma individual entre os pescadores, às vezes notamos a presença de 2 ou 3 pescadores as margens do rio Amazonas em tentativa de capturar esses peixes através das malhadeiras. A malhadeira é principal instrumento do pescador amazonense (WITKOSKI, 2007). Atualmente na comunidade da Brasília, as malhadeiras são compradas na cidade, devido ao fácil acesso e também por conta do tempo que antes levavam para tecer e construir a malhadeira.

A malhadeira faz parte do cotidiano dos pescadores da comunidade, utilizadas diariamente nas águas com o intuito de pegar o maior número de peixes possíveis. Durante horas estas ficam estiradas por metros dentro das águas, e com o passar das horas e também com o movimento estas produzem em consequência da captura dos peixes, os pescadores vão retirando-as das águas, colocando-as dentro das canoas juntamente com os peixes presos nas malhas, para que depois seja feita a remoção dos peixes das malhas (WITKOSKI, 2007).

A pesca desses peixes “pequenos”, são realizadas de acordo com o horário estabelecido pelo próprio pescador. Uns pescam durante o dia logo bem cedinho no início do dia, outros pescam durante a noite à madrugada a dentro. No final dessas pescas, já com os peixes armazenados em caixas de isopor, alguns pescadores no dia seguinte fazem uma vistoria nas malhadeiras para encontrar algumas avarias causadas pelos peixes durante a captura. Outros pescadores, preparam-se para comercializar os peixes entre os *atravessadores*.

Estes citados acima, são comerciantes que compram os peixes diretamente do pescador, essa compra é realizada na própria comunidade, isto quando é realizado o negócio, caso contrário, as vendas são realizadas nas feiras pelos próprios pescadores da comunidade. Como afirma um dos pescadores da comunidade da Brasília sobre seus negócios realizados na venda do produto pescado.

[...] O peixe nós vendemos, se a venda, nós de primeiro nós vendia no mercado municipal, que tem dois, aqui em baixo, que tem o de cima e o de baixo né, lá no de baixo, mais foram aparecendo atravessador, foi, foi, foi aumentando, que nós chega lá numa bajara dessa, olha eu estava lá ontante, enche duas cuba de peixe, duas cuba que nós chama é aqueles ali, aquelas caixas de isopor ali, nós chamamos cuba, e ai nós chega lá, o senhor vamos dizer, o senhor faz isso, o senhor que levar pra, não tem mais mercado, mercado não vende nada, se não for acarrafa, só tem três nagalefi, o senhor chega lá o atravessador diz, o senhor quanto tu quê no quilo do teu pirarucu, quanto tu quê no quilo do teu tambaqui? Ai o senhor dá o preço, se ele comprar, si não eu não vendo, eu não sou obrigado a vender, ai ele vai, se eu pedir doze, ele diz tu que dez, ai como eu não tô sujeito a ficar lá, ai então eu vendo pra ele, ai ele me paga, ai ele vai lá pra terra fazer a vida dele né, vende pro vinte o quilo do pirarucu,

vende de treze o quilo do tambaqui grande, é assim [...] (Pesquisa de Campo, 2020-2021).

Esse tipo de negócio realizado nas águas do Amazonas, movimenta uma economia entre os comunitários pescadores e os comerciantes *atravessadores*. Durante muitos anos houve esse tipo de acordo entre as comunidades amazônicas, pois nem todos os pescadores podiam vender na cidade seu próprio pescado, devido diversos fatores que hierarquiza esses negócios (WITKOSKI, 2007). Ou seja, procedimento histórico desde os tempos da borracha, que decorreu para a juta, e praticamente continuou com a pesca. Conforme as palavras do pescador da comunidade acima, percebemos que os valores são negociáveis de forma desigual, onde sempre o produtor da matéria prima, que no caso, o pescador tem que submeter-se a diminuir o valor de seu produto pescado para sua própria subsistência (ANDRADE, 2015).

O cotidiano dos pescadores durante a venda do seu produto é a parte principal de seu trabalho, pois onde todos querem que seja valorizado financeiramente a força de sua mão de obra, mas, como identificamos acima, não são fáceis os tipos de negócios. Outro pescador, relatou que é preciso, às vezes, certa audácia por parte deles, se não os *atravessadores* nunca dariam o valor realmente ao que foi pescado.

[...] É por isso que nós semos abusados, nós semos abusado, mais também semo obrigado a vender pra ele, porque a gente também não pode ficar lá, nós temo que voltar pra cá, nós temo que ir e voltar, comprar as coisas pra trazer pra família da gente né. E a gente já pega aquele dinheiro e já vai direito no supermercado fazer a comprinha, o senhor sabe aqui a gente não compra de quilo, porque não adianta comprar um quilo hoje e amanhã não ter, a gente compra assim de quantidade, 15kg de açúcar, 10kg de café, é assim que nós faz nossa compra [...] (Pesquisa de Campo, 2020-2021)

O termo abusado, nas palavras do pescador, é justamente sobre a situação dos negócios com a venda dos peixes a ser feita com os *atravessadores*. E quando está ação audaciosa não tem êxito, a única solução para que não seja perdida a venda é ceder aos atentos dos tais negociantes. Como trazido na citação, sobre a “obrigação” da venda, pois os pescadores precisam retornar à comunidade.

Entre idas e vindas, os pescadores fazem deste ciclo seu cotidiano amazônico, desde a pesca de seus peixes, até a venda e negociação dos produtos pescados. Como mencionados, alguns negócios são feitos na comunidade, outros são realizados na cidade. E quando os pescadores estão presentes na sede do município, estes aproveitam para realizar compras de produtos alimentícios inexistentes na comunidade da Brasília.

3.2 O cotidiano do trabalho das mulheres na comunidade da Brasília

As mulheres da comunidade têm um cotidiano totalmente, diferente dos destacados até aqui pelos homens. Elas por sua vez, trabalham a todo momento tanto fora quanto dentro de casa, o modo de vida em que estão inclusas refere-se no cotidiano dos trabalhos domésticos, dos trabalhos na agricultura, na situação em que a maioria são mães e esposas, e entre outras características das quais estão situadas. Vamos destacar neste tópico o principal trabalho realizado pelas mulheres, onde estas são protagonizadas na ação da função deste trabalho, que é a pesca artesanal do camarão.

Mostraremos o cotidiano das atividades de três pescadoras de camarão da comunidade, cujas identidades serão reveladas em nomes de plantas aquáticas da região amazônica, e também analisamos a diferença no ato da pesca artesanal do camarão entre elas, na perspectiva de análise da observação participativa de acordo com a metodologia trazida nesta produção.

A primeira que observamos foi Vitória-régia, que contava com a idade de 60 anos neste período. Ela tem por costume pescar sempre ao fim do dia, no horário das 16h às 18h. Diferentemente de Ninféia, que com seus 45 anos prefere pescar pela manhã, bem cedo, das 05h até 08h, que para ela é o horário que há bastante camarão na água. Já Mururé, aos seus 34 anos de idade, também tem por preferência pescar no fim do dia, pois algumas vezes tem a companhia de Vitória-régia.

Moradora da comunidade desde a sua adolescência, Vitória-régia aprendeu a pescar camarão para contribuir com o sustento familiar e passou a ensinar outras mulheres da comunidade a praticar o ramo da pesca artesanal. Mururé foi uma das mulheres que aprendeu com Vitória-régia esse ofício. Ninféia nos afirmou que aprendeu observando outras mulheres com mais idade e experiência, e percebeu que o trabalho com a pesca artesanal do camarão tinha como tirar uma renda financeira para a sua família.

No dia da observação, Vitória-régia nos levou ao lago do “Treme”, pertencente à comunidade; Ninféia e Mururé também utilizam a mesma localidade para pescar. De acordo com nossa observação, é o local onde há presença abundante do camarão. Antes de partirmos neste dia, elas nos mostraram as ferramentas utilizadas para a prática da pesca artesanal do camarão.

Na figura abaixo, temos Ninféia iniciando a pesca artesanal do camarão, colocando na água sua principal ferramenta de trabalho, denominada por elas de “camaroeiras”, cujo objeto contém o tecido da fibra da juta, com duas travessas amarrados em forma de “X”.

Figura 15 - Mulher pescadora artesanal de camarão



Fonte: Pesquisa de Campo (2020)

Em sua residência localizada na comunidade, feita de madeira no modelo de palafitas, comum em local onde ocorre o fenômeno da enchente e vazante dos rios da Amazônia, Vitória-régia nos mostrou os instrumentos que utiliza para a prática da pesca artesanal do camarão. Já Ninféia e Mururé nos mostraram seus instrumentos de trabalho na ida para o local da pesca artesanal. O principal instrumento, como citado, é a “camaroeira”, utilizada para pesca artesanal do camarão.

A camaroeira é um instrumental artesanal feito da seguinte forma segundo as narrativas das pescadoras. Elas precisam de alguns materiais para montar a camaroeira, geralmente um metro e meio de tecido de juta, dependendo do tamanho de preferência da pescadora; duas travessas de paus, cilíndricos, parecido com cabo de vassoura; cordas de barbante que são amarrados nas pontas dos paus com o tecido de juta. Não existe um tamanho padrão para a camaroeira, elas fazem conforme seu bio-tipo corporal para realização da pesca.

Além do instrumento, também é feito em casa a “isca” para o camarão, que são peixes levemente cozidos. Uma canoa e um remo são utilizados por elas para transporte da margem

próxima a sua residência, até o local da pesca artesanal. Na popa da canoa, ou seja, na parte traseira do veículo, elas colocam um tronco de árvore, que, conforme nos foi informado tem como finalidade manter o equilíbrio da canoa na hora da pesca, sem o que a parte de trás ficaria elevada, podendo promover o desequilíbrio da pescadora. O tronco utilizado por Vitória-régia pesava um pouco menos que o próprio peso de seu corpo, ou seja, é como se ela estivesse conduzindo outra pessoa, exigindo-lhe grande esforço.

Vimos a técnica utilizada por ela para colocar os instrumentos necessários na canoa. Inicialmente ela coloca o tronco que está à margem do igarapé próximo a canoa, na popa do veículo. O processo que ela utilizou para colocar este tronco na canoa consistiu em portar uma peça de madeira, tipo uma ripa forte, para levantar e lançar o tronco fixando-o na canoa, de forma que ao remar movimentando-se no momento da condução, ele não caia na água. A inclinação para lançar o tronco a canoa feita por Vitória-régia requer certa força corporal, e pelo que foi observado isso exige muito da coluna vertebral de seu corpo neste tipo de ação. Este tronco muitas vezes é utilizado por Ninféia e Mururé, pois essas três mulheres pescam artesanalmente sozinhas, por isso a necessidade do tronco na canoa. Em seguida elas colocam nas canoas, cada uma na sua, de três a cinco camaroeiras, um saco de polietileno que é usado para prender o camarão pescado e por fim os remos.

Assim que a canoa e todos os instrumentos de pesca artesanal estão preparados, Vitória-régia é conduzida por um de seus filhos por uma canoa grande com motor a gasolina na parte de trás, conhecida como motor rabeta. Ninféia também é conduzida por este mesmo transporte nos seus dias de pesca artesanal, bem como Mururé, pois é mais rápido para chegar ao local da pesca artesanal. Elas amarram suas pequenas canoas na canoa motorizada e sendo conduzidas até um dos lagos próximos à comunidade. São as canoas sendo conduzidas por uma embarcação maior e motorizada até o local da pesca. Diariamente, no período da pesca do camarão, é feito este tipo de locomoção. Ao chegar ao local da pesca é desligado o motor rabeta, pois segundo elas o som que produz o motor “espanta” o camarão.

Após o reboque, na chegada ao lago, como citado, os motores são desligados, e neste momento estas remam até o local que será realizado o trabalho. O remar no local da pesca exige muito das mulheres. A figura abaixo comprova a ação das mulheres com remos e canoas, e toda a preparação inicial da pesca artesanal do camarão, a qual exige concentração e habilidades.

Figura 16 - Mulheres na preparação da pesca do camarão



Fonte: Pesquisa de Campo (2020)

Nessa experiência, quando chegamos ao local da pesca, presenciamos os movimentos das remadas feitas por Vitória-régia, mulher de 60 anos de idade; a cada remada escorria o suor em seu rosto e percebemos o quão árduo é este tipo de trabalho. O calor era intenso, mesmo ela utilizando roupas que protegem do sol e, na cabeça, um chapéu de palha. Era por volta das 15h30 quando la chegamos, sol forte, mas como ela mesma dizia “o trabalho tinha que ser feito”.

No local escolhido por Vitória-régia para ser realizada a pesca do camarão ela distribui as camaroeiras não muito próximas umas das outras. Para fazer este tipo de ação, Vitória-régia fica sentada na parte da frente da canoa, utilizando o remo de um lado e outro, para se deslocar, pois o remo é utilizado para conduzir e movimentar a direção da canoa. Ninféia repete a mesma ação feita por Vitória-régia no dia da sua pesca, mas colocou demarcações feitas com gravetos de madeira para prender as camaroeiras. Mururé, nossa terceira colaboradora também utilizou-se do mesmo recurso feito pelas outras.

Vimos então que a técnica da pesca artesanal do camarão tem uma forma padrão entre essas três mulheres. Vitória-régia realiza um esforço muito grande, pois a mesma utiliza os braços para condução do remo e para colocar as camaroeiras na água. As técnicas corporais que

utiliza, mesmo com grande habilidade, com o passar dos anos poderá provocar problemas ergonômicos pela repetição dos movimentos.

Todas elas faziam o mesmo processo, tanto com os remos quanto com as camaroeiras, o que exige bastante de seus membros superiores. Para bom desempenho, o movimento corporal requer a execução de uma técnica que não prejudique muito os segmentos corporais na hora da pesca; com a prática, o corpo se acostuma ao tipo de trabalho realizado, entretanto ao fim do dia elas apresentam como consequência, as dores localizadas nos ombros e pescoço além do cansaço resultante das tarefas do seu trabalho realizadas sob o sol.

Observamos Vitória-régia colocando a camaroeira na água; com o remo em uma de suas mãos, ela senta na frente da canoa para melhor condução. Na sua frente está uma panela contendo as iscas utilizadas para pegar o camarão. A cada camaroeira colocada na água, também é colocada a isca. A isca, como informado, são pedaços de peixe não totalmente cozidos, para atrair a presença do camarão para dentro da camaroeira. Assim que Vitória-régia coloca a camaroeira com a isca, aguarda cerca de três a cinco minutos para retirá-la da água e colocar dentro da canoa.

Este processo requer técnica apurada, pois exige habilidade para a movimentação do corpo de forma correta e econômica. Quando colocada na água, a camaroeira fica em forma de “X”. O centro do “X” é local de manuseio da camaroeira, facilitando a retirada da água e direcionada para parte de trás do corpo da pescadora. Assim que Vitória-régia retira a primeira camaroeira da água, estando sentada na parte da frente da canoa, é necessário rotar seu corpo para trás, para colocar o camarão pescado para dentro da canoa, realizando um movimento, cuja técnica corporal exige bastante de si. Ação como argumentado, exige muito dos braços e principalmente da coluna vertebral. Este movimento é feito repetidamente pelas mulheres; pelo que foi observado, é o movimento mais comum e prático para colocar e retirar as camaroeiras da água. Na figura abaixo, Vitória-régia mostra o procedimento da pesca artesanal do camarão.

Figura 17 - Mulher na pesca do camarão



Fonte: Pesquisa de Campo (2020)

O trabalho feito por Vitória-régia, Ninféia e Mururé se repete várias vezes, exigindo muito da habilidade e esforço corporal. Assim que elas retiram a camaroeira da água e colocam o camarão dentro da canoa, tornam a colocar novamente na água o instrumento de pesca artesanal, com a isca dentro, e em seguida, elas se deslocam remando para a outra camaroeira e fazem novamente o mesmo processo.

O sistema de pesca artesanal utilizado por elas parece ser eficaz. Ao remover a primeira camaroeira e retirar o camarão, é desenvolvido o mesmo processo utilizando as técnicas corporais: elas vão a primeira camaroeira retirar o camarão, colocar na canoa, e devolver para a água a camaroeira com a isca, indo em seguida para a segunda camaroeira fazendo o mesmo processo, bem como nas demais camaroeiras. Vê-se, portanto, que elas executam um processo repetitivo e exaustivo.

Assim que finalizam o processo na última camaroeira, elas retornam para a primeira delas e fazem o mesmo processo várias vezes. No final do trabalho elas primeiramente prendem todo o camarão pescado em um saco grande de polietileno e amarram bem a boca do saco. Em seguida recolhem as camaroeiras, secando-as, sacudindo-as no ar, enrolando-as, prendem todas juntas com uma corda, colocam dentro da canoa, e aguardam pela condução para retornar à

comunidade, ou seja, o mesmo processo na ida para a pesca repete-se na volta para a comunidade, desta vez com a satisfação de missão cumprida, com o trabalho realizado por mulheres que são agentes da pesca artesanal na Amazônia.

Além das dificuldades apresentadas no cotidiano do trabalho das mulheres pescadoras de camarão da comunidade São Sebastião da Brasília, existem outras dificuldades que também são observadas na vida dessas mulheres para além da pesca, que vão da preparação do camarão pescado até o momento da comercialização. A pesca artesanal é um tipo de trabalho que elas protagonizam no seu cotidiano, mesmo com o olhar invisível da sociedade, do governo, do patriarcado, elas se tornam autoras de sua própria história, sendo agentes atuantes e importantes nos múltiplos significados da Amazônia.

3.3 A relação social e sexual do trabalho na comunidade da Brasília

A relação social e sexual do trabalho, cujas determinações são contra as mulheres, possuem múltiplas significações e determinações sócio históricas, tendo como fundamento o patriarcado, um sistema que oprime, humilha, desvaloriza e desiguala as mulheres. Neste tópico discutimos o patriarcado, destacando sua consubstancialidade com o capitalismo, que se reatualiza e garante latente permanência até os dias atuais, fatores que estão inseridos nas comunidades amazônicas, e São Sebastião da Brasília está imbuída neste sistema.

Esse sistema por ser permeado pela exploração da força de trabalho, principalmente das mulheres trabalhadoras de comunidades de várzea é estruturante da totalidade da vida social. Concomitantemente, compreende-se a desigualdade contra a mulher como um fenômeno sócio histórico, tendo o sistema patriarcal e capitalista como alicerce. É só a partir dessa análise consubstanciada que podemos compreender a desigualdade, a exploração e a opressão que rege a sociedade e se expressa em todas as relações sociais, bem como na comunidade da Brasília.

A obra de Engels “*A Origem da Família, da propriedade Privada e do Estado (1884)*”, foi uma das primeiras obras a abordar a temática do patriarcado e a organização da família nas sociedades primordiais retratando minuciosamente as organizações familiares nas sociedades primitivas à civilização. Segundo o autor houve vários modelos de famílias até chegar à família nuclear, mas a partir deste modelo, Engels afirma que o homem passa ter o poder pela direção da casa e da mulher, tratando-a como mera servidora e objeto de reprodução (ENGELS, 1984).

O conceito de patriarcado surge inicialmente elegendo um regime de organização familiar, onde o pai era considerado o chefe da família e tinha o poder absoluto sobre os filhos, e também para caracterizar um sistema de relações de dominação dos donos dos grandes latifundiários sobre as pessoas que habitavam em suas propriedades (ALMEIDA, 2010). Nessa perspectiva, Delphy (2009) corrobora que a família em latim designa um conjunto de terras, escravos, mulheres e crianças, submissos ao poder do pai de família do qual eram considerados propriedades. Assim pode-se dizer que o patriarcado significa a autoridade de pai e designa uma formação social em que os homens detêm o poder.

Nas palavras de Saffioti (2004, p. 136) o patriarcado é um sistema que precede ao capitalismo, “refere-se a milênios da história mais próxima, período no qual se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina”. Nessa direção Stearns (2015), ratifica que a partir dos contatos e das trocas, a agricultura e as civilizações se desenvolveram, foram se estabelecendo as relações entre homens e mulheres, a determinação de papéis e as

definições dos atributos de cada sexo, pondo fim à igualdade entre homens e mulheres existente nas sociedades primitivas comunais.

O autor historiciza que,

Na caça e na coleta, ambos os sexos, trabalhando separados, contribuíam com bens econômicos importantes. As taxas de natalidade eram relativamente baixas e mantidas assim em parte pelo aleitamento prolongado. Em consequência disso, o trabalho das mulheres de juntar grãos e nozes era facilitado, pois nascimentos muito frequentes e cuidados com crianças pequenas seriam uma sobrecarga. A agricultura estabelecida, nos locais em que se espalhou, mudou isso, beneficiando o domínio masculino. À medida que os sistemas culturais, incluindo religiões politeístas, apontavam para a importância de deusas, como geradoras de forças criativas associadas com fecundidade e, portanto, vitais para a agricultura, a nova economia promovia uma hierarquia de gênero maior. Os homens agora eram responsáveis, em geral, pela plantação; a assistência feminina era vital, mas cabia aos homens suprir a maior parte dos alimentos. A taxa de natalidade subiu, em parte porque os suprimentos de alimentos se tornaram um pouco mais seguros, em parte porque havia mais condições de aproveitar o trabalho das crianças. Essa foi provavelmente a razão principal de os homens assumirem a maior parte das funções agrícolas, já que a maternidade consumia mais tempo. Dessa forma, as vidas das mulheres passaram a ser definidas mais em termos de gravidez e cuidados de 120 crianças. Era o cenário para um novo e penetrante patriarcalismo (STEARNS, 2015, p. 7).

O autor levanta algumas questões sobre as mudanças ocorridas com o passar do tempo, apresentando as origens da civilização e do patriarcado através da divisão sexual do trabalho. Stearns (2015) acentua que com a chegada da agricultura, a caça e a coleta deixaram de ser atividades predominantes, logo as atividades desenvolvidas por homens e mulheres não eram mais igualitárias, pois, começou a ser beneficiado o domínio masculino, promovendo desde então, uma hierarquia de gênero, transferindo ao homem o papel de provedor da família, cabendo à mulher as atividades domésticas e o cuidado dos filhos, surgindo então um novo cenário chamado patriarcalismo.

A descendência patrilinear se deu com o matrimônio monogâmico e a família patriarcal, ressaltando que, a partir do momento em que o direito materno é derrotado pelos homens, ao assumir o domínio da casa, transformou a mulher em escrava e instrumento de reprodução, representando o modelo de família patriarcal (TOLEDO, 2017).

Mary Alice Waters (1979) corrobora que o surgimento da família monogâmica ocorreu com a destruição das tradições igualitárias quando os indivíduos começaram a se apropriar do excedente do trabalho realizado coletivamente, passando a conservá-lo como propriedade pessoal ou privada. Nessa perspectiva Lessa (2012, p. 25-26), explica a necessidade de uma nova organização familiar,

Para que a resistência contra a exploração seja controlável, é fundamental que os escravos, servos, proletários, etc. busquem a sua sobrevivência de modo individual,

não coletivo. Era para isso necessária a destruição dos laços primitivos que faziam da sobrevivência de cada indivíduo a condição necessária para a sobrevivência de toda a comunidade.

O autor elucidar que a partir do momento em que surge a exploração do homem pelo homem, as relações passam a ser regidas pela concorrência e as atividades já não são passíveis de serem realizadas coletivamente. Assim a família se desloca do coletivo e se constitui em núcleo privado, dando início à família monogâmica ou nuclear (LESSA, 2012).

A família aparece como locus privilegiado do patriarcado, mas não é o único. Saffioti (1992) analisa o patriarcado como um sistema de dominação-exploração que perpassa o âmbito familiar atingindo todas as esferas sociais e políticas da sociedade. No campo dos estudos, Almeida (2010, p. 24) afirma que o patriarcado está presente em diversas instituições sociais, “desde a família ao Estado, apresentando-se em todos os espaços da sociedade”. Sendo assim, a família é parte dessa estrutura patriarcal, mas não a única, pois o patriarcado se expande em toda a vida social, na produção e reprodução da vida.

Assim como Saffioti e Almeida analisam o patriarcado não apenas limitando-o ao âmbito familiar, mas como um sistema de dominação-exploração que atinge todas as esferas sociais e políticas da sociedade, Morgante e Nader (2014, p. 03) salientam que “o patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais” permitindo visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar.

Embora o patriarcado atinja de forma estrutural a sociedade, este traz implicações diretamente e de forma particular para a vida das mulheres. A lógica que estrutura este sistema é de privilégio e dominação masculina relacionados a subalternização e invisibilidade das mulheres e do que é associado, considerado ou identificado como feminino. Nisto ainda que “o poder patriarcal permeia a construção social do sexo feminino, que o associa ao frágil, ao desvalorizado, ao subalterno, ao subserviente, enquanto o “modelo” patriarcal do homem é o da força, virilidade, poder e dominação” (CISNE; SANTOS, 2018, p. 43).

Saffioti (2004, p. 105), acentua que “o patriarcado transformou as mulheres em objetos de satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras”. Esse controle sobre o corpo e a sexualidade, a opressão e exploração do patriarcado sobre a mulher segundo Cisne e Santos (2018), vieram atender a dois interesses. Em primeiro lugar busca a garantia do controle sobre as (os) filhas (os), para garantir mais força de trabalho e produção de riqueza e, em segundo assegurar aos homens a conservação da propriedade privada por meio da herança.

Delphy (2009), corrobora que o patriarcado significa autoridade de pai, designando uma formação social em que os homens detêm o poder. Mas segundo Saffioti (2004), é preciso entender que o patriarcado funciona como um sistema e, como tal, está presente nas relações sociais, também é reproduzido por mulheres, mesmo sem a presença direta dos homens. Mas ao reproduzir o patriarcado as mulheres não usufruem dos mesmos privilégios que os homens.

A discussão trazida por Cisne e Santos no livro *“Feminismo, Diversidade Sexual e Serviço Social (2018)”*, põe em pauta questões importantes que contribuem com a discussão sobre o patriarcado de Saffioti (2004). Segundo as autoras por ser o patriarcado um sistema, ele está presente nas relações sociais de homens e mulheres, mas não se pode afirmar que as mulheres produzem o patriarcado ou são machistas. O que acontece é que por este ser um sistema, também é reproduzido pelas mulheres, mas que apenas isso não garante os mesmos privilégios que os homens possuem.

Fazer uma análise histórica do patriarcado é de salutar importância para não o naturalizarmos e nem achar que este sistema surgiu espontaneamente no mundo das ideias ou da cultura, mas possui uma base material e sócio histórica. Isso significa que as ideias e a cultura patriarcais são socialmente determinadas, com base em relações concretas (CISNE; SANTOS, 2018). Assim poderemos entender que nem sempre ele existiu, mas foi socialmente construído, e como tal, poderá ser superado.

De acordo com Saffioti (2004), o sistema patriarcal tem cerca de 5.203 anos, mas se mantém vivo e atrelado ao capitalismo até os dias atuais.

Há quem use expressões como capitalismo patriarcal, patriarcado capitalista, capitalismo racial, racismo capitalista. [...] quando se usa um destes sistemas de dominação-exploração na forma substantiva e o outro na forma adjetiva, como por exemplo na expressão capitalista patriarcal, está-se atribuindo maior importância ao capitalismo, deixando em plano secundário o patriarcado. (SAFFIOTI, 1987, p. 60).

Diante do exposto, a autora explicita e enfatiza que os sistemas de dominação-exploração não estão dissociados, uma vez que não se pode falar em patriarcado e negar sua imbricação dentro do capitalismo, na qual as mulheres são as mais prejudicadas.

Segundo Saffioti (2004) as ordens de gênero, de raça/etnia e de classe social estão unificadas por uma estrutura de poder e devem ser analisadas de forma consubstanciada e não separadas. A análise feita pela autora, pondera que, de um lado, o patriarcado, penetrou em todas as esferas da vida social, não se restringindo mais apenas ao âmbito doméstico e de outro lado, o capitalismo também mercantilizou todas as relações sociais.

Da mesma forma, a raça/etnia, com tudo que implica em termos de discriminação, imprimiu sua marca no corpo social por inteiro (IDEM). Essas três relações por serem permeadas pela exploração da força de trabalho, são estruturantes da totalidade da vida social, do sistema *hétero-patriarcal-capitalista* (CISNE; SANTOS, 2018). Nesta direção, Nogueira (2016) defendem que a propagação da ideologia dominante é a base fundamental para a reprodução do sistema patriarcal-capitalista que naturaliza e despercebe a opressão e exploração, fazendo com que a condição das mulheres pareça ser natural ou imutável.

[...] essa sociedade possui várias relações de poder imbricadas, sendo as relações sociais de sexo e raça/etnia indispensáveis para entender a exploração do mundo do trabalho, uma vez que o capitalismo amplia o contingente humano disponível para os mais baixos salários, aumentando a sua capacidade de exploração do trabalho associada a essas apropriações (NOGUEIRA *et al.*, 2016, p. 03).

Para os autores, a exploração do trabalho se dá em detrimento de uma classe menos favorecida – a classe trabalhadora – onde os mais explorados/atingidos são as mulheres pobres e negras, e estas, em sua maioria compõe o coletivo de diversas mulheres presentes nas comunidades amazônicas, e as mulheres da comunidade da Brasília fazem parte deste processo.

Cecília Toledo (2001) destaca sobre a divisão de classes entre as mulheres. Segundo a autora as mulheres estão divididas dentro do sistema capitalista, não porque querem, mas porque seus modos de vida são diferentes. Destaca ainda que a mulher burguesa nada tem a ver com a mulher operária trabalhadora, com a mulher pobre das periferias das grandes cidades, das favelas e do campo e que a cada dia o abismo entre elas se aprofunda devido as suas condições de vida diferenciadas (IDEM).

Essa desigualdade entre as próprias mulheres tem determinação sócio histórica. O Brasil, como um país de história colonial, que sofreu com a dominação de outros povos tem no bojo de sua formação sócio histórica uma substância patriarcal, racista e sexista (CISNE; SANTOS, 2018). O patriarcalismo se estabeleceu no país como estratégia da colonização portuguesa (AGUIAR, 2000), deixando marcas na vida das mulheres nesses períodos históricos, estendendo-se até a contemporaneidade.

No período da colonização brasileira e da escravidão as mulheres indígenas e negras foram as mais penalizadas, sofrendo exploração sexual. Ribeiro (1995, p. 48) nos lembra que durante a colonização brasileira as mulheres indígenas eram tidas como “de sexo bom para fornicar, de braço bom para trabalhar, de ventre fecundo para prenhar”. Quanto às mulheres negras escravizadas Saffioti (2013, p. 237) enfatiza que a exploração econômica sobre elas era “consideravelmente mais elevada do que a do homem escravizado, por ser a negra utilizada

como trabalhadora, como mulher e como reprodutora de força de trabalho”. Assim sobre as mulheres indígenas e negras pesou a exploração sexual, tanto para fins de realização do prazer dos homens, quanto para aumentar a população escravizada ou força de trabalho para acumulação (CISNE; SANTOS, 2018).

Almeida (2010), cita Barbieri (1993) como uma das autoras que defende que “o conceito de patriarcado é vazio de conteúdo do ponto de vista histórico e o situa em um período específico, portanto, deslocado do contexto atual” (Barbieri 1993 apud Almeida 2010, p. 23). De acordo com Barbieri, no sistema patriarcal que já foi ultrapassado, as mulheres não tiveram qualquer direito, ao contrário de hoje na sociedade ‘machista’ em que a mulher tem alguns espaços. Barbieri (1993) acredita que o que existe na sociedade hoje é o machismo, pois na sua concepção, o termo patriarcado se restringe ao sinônimo de dominação masculina sobre as mulheres, sem valor explicativo. Discordamos desta perspectiva por compreendermos que o machismo não pode ser pensando de forma isolada e autônoma, isso significa não reconhecer que essas expressões estão ancoradas em um sistema que as legitima, correndo ao risco de perder a sua totalidade.

A ideia de inexistência do patriarcado, que se encontra muito presente nos estudos de gênero na atualidade se relaciona a noção restrita deste conceito apenas como um sistema de dominação que tem sua centralidade na família, tendo a figura do pai como patriarca e detentor do poder. Saffioti (2004, p. 45) corrobora que:

Em geral, pensa-se ter havido primazia masculina no passado remoto, o que significa, e isto é verbalizado oralmente e por escrito, que as desigualdades atuais entre homens e mulheres são resquícios de um patriarcado não mais existente ou em seus últimos estertores.

De fato, assim como os demais fenômenos sociais, o patriarcado também está em permanente transformação, mas isso não significa que ele tenha sido superado. Ao falar da transformação do patriarcado Saffioti cita um exemplo que constata sua presença na contemporaneidade. Se na Roma antiga, o patriarca detinha o poder de vida e morte sobre sua esposa e seus filhos, hoje tal poder não mais existe, no plano *de jure*. Entretanto, homens continuam matando suas parceiras, às vezes com requintes de crueldade, esquartejando-as, ateando-lhes fogo, nelas atirando e as deixando tetraplégicas etc. (SAFFIOTI, 2004, p. 46).

A partir de Saffioti (2004) podemos concluir que “[...] o patriarcalismo dá sinais no mundo inteiro de que ainda está vivo e passando bem [...]” (CASTELLS, 1999, p. 278). Nesse sentido, defendemos a ideia de que o patriarcado permanece presente nas diferentes formas,

ultrapassando inclusive, o contexto das relações entre homens e mulheres, apresentando-se nas relações diversas (QUEIROZ; FILIPE, 2018).

Esse sistema de dominação é tão intrínseco às relações sociais que “mesmo sem a presença do patriarca, move-se a máquina do patriarcado” (SAFFIOTI, 2004, p. 101) podendo, inclusive, ser acionada por mulheres. Ainda se referindo ao sistema patriarcal Saffioti elenca alguns elementos para a sua caracterização. Dentre eles destacam-se: 1) não trata-se de uma relação apenas privada, mas civil; 2) tem uma base material; 3) corporifica-se; 4) representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia, quanto na dominação.

Como já foi apontado anteriormente, a história *hétero-patriarcal e escravista* (CISNE; SANTOS, 2018) não se encerrou no período colonial. Se expressa através da desigualdade entre homens e mulheres no mundo do trabalho, da divisão social e sexual, das jornadas intensivas, extensivas e intermitentes de trabalho (ÁVILA, 2009). Esses são alguns dos indicadores da incorporação do hétero patriarcado e do racismo na formação do capitalismo no Brasil que perduram até os dias de hoje.

Neste prisma, percebemos que o patriarcado e o racismo se combinam desde a colonização fortalecendo as hierarquias de classe, raça e sexo. Consequência dessa combinação as mulheres negras e indígenas pouco se beneficiaram das conquistas das brasileiras. Segundo a Plataforma Política Feminista (2002) as mulheres negras ainda ocupam a base da pirâmide social, desempenhando profissões consideradas de menor prestígio, apresentando o maior índice de desemprego e recebendo os menores salários dentre a população economicamente ativa. Segundo a Plataforma as mulheres negras atingem ainda um índice de analfabetismo três vezes maior do que mulheres brancas. Quanto as mulheres indígenas, estas permanecem à margem do processo de inclusão social, pois, além de apresentarem um alto índice de analfabetismo, são poucas as que tem acesso a ocupação profissional, com exceção daquelas reconhecidas no interior da aldeia, e alguns resultantes em comunidades amazônicas (IDEM).

Conclui-se que o sistema patriarcal não foi ultrapassado ou desapareceu a partir do momento em que as mulheres conseguem o mínimo de direitos como algumas autoras como Barbieri defendem, pelo contrário, ele se reatualizou sobre novas nuances e se faz presente como Saffioti (2004) já dizia, nas diversas esferas sociais e políticas da sociedade e vem se transformando e se reatualizando em consonância com sistema de exploração capitalista, no caso das mulheres da comunidade da Brasília, todas estão sob comando do patriarcado, mesmo que para elas, seja algo “normal” devido a estrutura que o sistema patriarcal rege.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade parintinense está habituada na compra diária dos produtos cultivados e/ou pescados pelos moradores e moradoras da comunidade da Brasília. Essa comercialização gera uma economia razoável de sobrevivência as famílias brasilienses. O produto que contém uma comercialização mais elevada, e que gera uma maior economia, relacionado aos outros é o camarão, mas somente no período da vazante nos meses de julho a novembro do ano.

O crustáceo é pescado e comercializado pelas mulheres da comunidade da Brasília, sendo esta, a principal comunidade do município de Parintins, que faz a prática desse ofício. No primeiro semestre do ano, já no período de enchente, o peixe é comercializado com maior frequência, das espécies como jaraqui, pirarucu, tambaqui, bodó, pacu, entre outros tipos, tais como os de escamas e os sem escamas.

Ainda neste mesmo período, quando a pesca do camarão fica escassa, as mulheres da Brasília comercializam em Parintins o que foi cultivado com agricultura familiar, como hortaliças e verduras. Maior parte deste cultivo é realizado em caixas grandes de madeiras chamados de canteiros, ou em embarcações pequenas como as canoas, que quando não são mais utilizadas como transporte tem a utilidade desta prática de trabalho.

A agricultura familiar é uma prática de trabalho onde todos da mesma família fazem o cultivo ao redor das casas. Na comunidade da Brasília há uma diversidade de cultivo de hortaliças, verduras, legumes e frutas. Esse cultivo é iniciado no período da vazante na região amazônica. Na comunidade não existe cercas ou muros que separem um terreno do outro. Essas demarcações são conferidas através de árvores ou estacas que são fincadas no ângulo de ponta a ponta. Mas isso não causa certo problema a comunidade. Os produtos cultivados na comunidade são vendidos nos mercados de Parintins, a venda é realizada em sua maioria pelas mulheres, o que nos revela uma peculiaridade do lugar.

A pesca e a caça são ofícios executados pelos homens, em grande escala. A pesca é realizada a todo momento, conforme a demanda da venda do peixe no município. A venda do pescado é realizada pelos homens da comunidade. No período em que as mulheres comercializam o camarão e os demais produtos cultivados, os homens estão comercializando o peixe. A caça é executada também pelos homens, e a comercialização é executada com mais sigilo, devido a ilegalização de alguns animais silvestres. Essas práticas de trabalho correlacionam todos os comunitários. Pois não se denominam como concorrentes no trabalho, mas como cooperadores para o crescimento econômico da comunidade.

Sobre a religião católica esta expandiu-se para as comunidades ribeirinhas para que houvesse certo controle que firmasse a severidade da religião. Mas com o avanço do protestantismo a partir da década de 1950, a Igreja Católica de Roma criou projetos para que o catolicismo chegasse com mais intensidade as comunidades ribeirinhas a fim de conter o avanço do protestantismo nessas localidades. O principal projeto foi oficializar as comunidades, titulando-as com nomes de ‘santos’ e registrando-as em cartórios através dos diretórios formados na época. E uma das comunidades registradas através desse projeto foi a comunidade São Sebastião da Brasília.

A partir da fundação da comunidade e a oficialização decretada pela Igreja Católica em 1968. A instituição religiosa investiu na construção de uma igreja e a escolha de um nome católico a comunidade. Antes desse registro oficial, a comunidade trabalhava em grande demanda com o cultivo da juta, mas havia outras práticas de trabalho que no período em que ela estava no auge, eram feitas em menor escala. Com a inclusão da Igreja Católica, os trabalhadores e trabalhadoras tem um local no qual podem fazer suas crenças e/ou ritos religiosos na própria comunidade.

No período de 1950 a 1980, a juta foi um gênero agrícola de grande relevância econômica e social, influenciando o modo de vida das populações ocupantes das várzeas do Rio Amazonas. Rendendo economia ao município de Parintins, empregando homens e mulheres que trabalharam nas chamadas “prensas”, antigos armazéns, onde principalmente mulheres atuavam no trabalho de prensar a fibra para exportação. Mas antes da juta chegar ao município de Parintins, ela era cultivada e passava por vários processos de trabalho de mão de obra, isso nas comunidades amazônicas. Sendo a comunidade da Brasília, uma das que atuaram em grande proporção por seus moradores no cultivo do vegetal.

A juta proporcionava uma escassa economia a esses comunitários, e conforme seus relatos tinham que entregar certa quantidade conforme o combinado com o “patrão”, e este lhe “servia” com produtos alimentícios e dinheiro. Naquele período, os ribeirinhos usavam o termo “patrão” a pequenos empresários que faziam a compra e venda da juta, ou seja, compravam dos cultivadores nas comunidades, essa compra era feita conforme exigências e regras desses padrões, e depois vendiam aos armazéns que faziam outros serviços derivados da juta para a exportação.

Esse método de “patronagem” é relacionado ao sistema de aviamento no período da exploração da borracha na Amazônia, também registrado pela literatura da região. Segundo McGrath (1999) “aviar significa fornecer mercadoria a prazo com o entendimento que o pagamento será feito em produtos extrativos dentro de um prazo especificado” (p. 37). Sendo

esta, uma das formas que se davam as relações de trabalho nas comunidades da região amazônica.

Esse tipo de sistema fez com que o lucro monetário se concentrasse apenas nas mãos de poucos, ou seja, os patrões e demais empresários que submetiam comunidades em troca de produtos alimentícios. E pela necessidade de obter o alimento e uma razoável economia em um período em que estes comunitários não tinham outro método de sobrevivência, além da mão de obra como ferramenta principal de trabalho.

Assim como a juta, outros trabalhos também eram feitos na comunidade. Como a plantação de cacau, que por muito tempo foi um propulsor econômico no município de Parintins. A pesca do camarão é um ofício realizado em sua maioria pelas mulheres da comunidade, bem como a agricultura familiar, onde homens, mulheres, crianças tem a função de trabalhar nas plantações a fim de obtenção de economia para a família.

A caça e a pesca são realizadas pelos homens da comunidade, onde estes fazem a pesca de grandes variedades de peixes e a caça a animais silvestres. Ambos os ofícios com fins lucrativos. Todas essas práticas de trabalho são realizadas na comunidade, nos quais há envolvimento de todos, de acordo com as famílias residentes.

Para o filósofo húngaro István Mészáros (2007), este tipo de situação fez com que poucos enriquecessem e muitos ficassem cada vez mais na miséria, principalmente pela valorização da propriedade, ou seja, havia fartura para alguns e exploração para outros. No caso do município de Parintins, essa fartura era direcionada aos grandes empresários donos dos armazéns que prensavam juta e faziam exportação do produto para outras regiões do país e do exterior. Mas para isso, segundo Souza (2008), tiveram que explorar a mão de obra ribeirinha, estes que por sua vez, faziam da juta sua pequena fonte de renda, para sustento da família e poucos adquiriam bens no ramo deste trabalho.

Atualmente, na comunidade, são comemoradas duas festas. A primeira é realizada no mês de janeiro com duração de três dias, em homenagem ao padroeiro São Sebastião, festa realizada e organizada pela Igreja Católica e a diretoria da comunidade. A diretoria em sua maioria é composta por homens, e estes são os responsáveis pelas festas, algo tradicional das comunidades ribeirinhas, como afirma Campos (1995) que “a preparação das festas se iniciava com o dono do santo ou rezador e acompanhantes (7 a 10 pessoas), na maioria homens” (p. 112). No último dia da festa é realizado o corte do mastro, algo típico de muitos interiores da Amazônia.

As festas de ‘santo’ nas comunidades é algo tradicional desde a inclusão da igreja católica (CAMPOS, 1995), visto que essas práticas religiosas fazem com que a comunidade se

organize em prol de um evento, cuja igreja católica é uma das instituições que determina o modo de vida dos comunitários.

A segunda festa surgiu a partir do trabalho desses comunitários. A Festa do Camarão, cuja realização acontece, com data móvel, entre os meses de agosto a outubro, com duração de três dias, período em que a pesca do crustáceo é realizada com mais frequência. Segundo a associação de moradores e os registros paróquias e civis, residem atualmente, 69 famílias na comunidade, e suas habitações são construídas no modelo de palafitas, por causa do período de enchente e vazante que ocorre todo ano na Amazônia. A partir do trabalho com a pesca do camarão, as mulheres da comunidade uniam-se e organizavam-se para prepararem a festa na qual dignificava o seu ofício.

Estas informações acima, são novamente remetidas a esta produção para que haja clareza nas práticas de trabalho realizadas, por homens e mulheres da comunidade. Diante disto, os três capítulos foram correspondidos dentro dos objetivos lançados a início deste texto, nos quais cada capítulo nos instigou a analisar o cotidiano baseado no modo de vida de homens e mulheres, moradores e trabalhadores da comunidade da Brasília. Algumas memórias são trazidas nos anexos finais desta produção, memórias resultantes de uma pesquisa cujas narrativas transcritas estão à disposição para a compreensão do trabalho histórico e atual, da qual a comunidade São Sebastião da Brasília marca-se no aspecto de produções científicas, de cunho sócio histórico para os inúmeros significados da Amazônia.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **“Histórias dentro da História”**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2011. pp. 155-201.

ALMEIDA, Janaiky Pereira de. **As multifaces do patriarcado: uma análise das relações de gênero nas famílias homoafetivas/** Janaiky Pereira de Almeida. Recife: O Autor, 2010.

ANDRADE, Gilciandro Prestes de. **Festa de São José Operário na Comunidade de Terra Preta do Rio Mamuru em Parintins**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2016.

ANDRADE, Roberta Ferreira Coelho de. **A composição na vida no beiradão do rio Amazonas: memória e identidade ribeirinha**. Manaus: EDUA, 2015.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** – ensaios sobre a metamorfose e a do mundo do trabalho. 7.ed. Campinas/SP: Cortez, 2000.

BARBOSA, Marialva. **Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades**. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MOREL, Marcos (Org.). História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. Anais do Colóquio. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

BARROS, José D’Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARROS, José D’Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003.

BENCHIMOL, S. *Depressão, Débâcle e Bancarrota. Texto inédito sobre a crise da borracha*. Manaus, 1994. (Texto inédito). Disponível em: <http://modulos.benchimol.com.br/html>. Acesso em 18 jul. 2014. 7p.

BITTENCOURT, Antonio C. R. **Memória do município de Parintins**: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material. Manaus: Edições. Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2ª ed, fac-similado, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). *Uso e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 322p.

BRASIL, João Bosco dos Santos. **Mulheres pescadoras da várzea do município de Parintins-AM**: a pesca do camarão nas comunidades da Brasília e Catispera. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia. Manaus: Universidade Federal do 14 Amazonas, 2015.

CAMPOS, Manuel do Carmo. **A decadência do catolicismo popular na região parintinense (1955-1975)**. Revista de cultura teológica. 1995.

CAVALCANTE, Mário Bentes. **“Varando igarapé, varando canoa, nossa vida é a pesca**: um estudo sobre as pescadoras artesanais no Remanso das águas em Parintins-Am. UFAM: Manaus, 2019.

CERQUA, Arcângelo. **Clarão de fé no médio Amazonas**. Manaus: Imprensa Oficial, 1980.

CHALHOUBE, Sidney. FONTES, Paulo. **História Social do Trabalho – História Pública**. Campinas: Perseu, 2009.

CISNE, Mirla. Direitos humanos e violência contra as mulheres: uma luta contra a sociedade patriarcal-racista-capitalista. **Revista Serviço Social**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 138-154, jul./dez. 2015.

CISNE, Mirla; OLIVEIRA, Giulia Maria Jenelle Cavalcante de. Violência contra a mulher e a lei maria da penha: desafios na sociedade patriarcal-racista-capitalista do estado brasileiro. **Serviço Social Revista**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 77-96, jul./dez. 2017.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Moraes. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.

DELPHY, Christine. L'ennemi principal. **Économie politique de patriarcat**. Paris: Éditions Syllepse, 2009.

DIÓGENES, Antônia Mara Raposo. **As camaroeiras, as pescadeiras e o arreio: pesca artesanal do camarão e conservação ambiental em comunidades de várzea no município de Parintins-AM**. Dissertação de Mestrado. UFAM: Manaus, 2014.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. Tradução Eduardo Brandão. 4 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ENGELS, Friederich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FERREIRA, Aldenor da Silva. **Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)**. Universidade estadual de Campinas, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **“História oral: velhas questões, novos desafios”**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. pp. 169-186.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. **Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**, 2º edição, Manaus: Editora Valer, 2007.

GUERREIRO, Ana Regina Pantoja. **História e memória de mulheres camaroeiras da comunidade de São Sebastião da Brasília, Parintins – AM.** Programa de apoio à iniciação científica – PAIC. Fundação de amparo à pesquisa do estado do Amazonas – FAPEAM. Universidade do Estado do Amazonas – UEA. 2012-2013.

HOMMA, A. K. O. et al. **Imigração japonesa na Amazônia:** contribuição na agricultura e vínculo com o desenvolvimento regional. Manaus: EDUA, 2011. 449p.

LESSA, Sérgio. **Abaixo a família monogâmica.** São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir.** Estudos Avançados 16 (45), 2002.

LUCA, Tânia Regina. **A história dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MAUÉS, Maria Amélia Motta. **Trabalhadeiras e camaradas:** relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Centro de Filosofia e Ciências Humanas: UFPA, 1993, p 21.

MCGRATH, David. **Parceiros no crime:** o regatão e a resistência cabocla na Amazônia Tradicional. Novos Cadernos NAEA, vol. 2, nº 2, dezembro 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; Holanda, Fabiola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2011. MÉSZÁROS, István. “A educação para além do capital”. In: Revista Theomai. Brasil, 2007, nº 15, pp. 107-130.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social.** In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. pp. 9-29.

MONTENEGRO, Antônio Torres; RODEGHERO, Carla Simone; ARAÚJO, Maria Paula. **Marcas da Memória:** história oral da anistia no Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. **O patriarcado nos estudos feministas**. XVI Encontro Regional de História do Anpuh-Rio: saberes e práticas científicas, 2014.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. **“História, memória e tempo presente”**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. pp. 21-36.

OLIVEIRA, Liliansa Costa de. **Vida Religiosa Ribeirinha**: um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. – 1. ed. 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio**: imaginário e modernização. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n 10, 1992. pp. 200-212. POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n 03, 1989. pp. 3-15.

RAMALHO, Cristiano Wellington Norberto. O mundo das águas e seus laços de pertencimento. In: **Raízes**. Campina Grande. Vol. 23, Nºs 01 e 02. Pags 62/72. Jan-dez, 2004.

RAMALHO, Cristiano Wellington Norberto. **O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais**. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 54, n. 1, 2011:315-352.

RIBEIRO, N. V. **Atlas da várzea**: Amazônia Brasil. Manaus: Ibama, 2007. 132p.

RODRIGUES, Christiane Pereira. **Mulheres Pescadoras: os significados do trabalho de pesca do camarão na comunidade da Salvação – Alenquer – PA**. Tese de Doutorado. UFAM: Manaus, 2018.

RODRIGUES, Débora Cristina Bandeira. **Conhecimentos tradicionais e mecanismos de proteção:** estudo de caso nas comunidades de Ebenézer e Mucajá em Maués/AM. Manaus: EDUA, 2015.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: Memórias dos Acontecimentos Históricos.** Manaus, Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Posfácio: Conceituando Gênero.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção polêmica).

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando Gênero e classe social. In: OLIVEIRA, A.; BRUSCINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 183-215.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Violência de gênero:** o lugar da práxis na construção da subjetividade. **Revista Lutas Sociais**, n. 2, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHERER, Elenise. **Mosaico Terra-Água: A Vulnerabilidade Social Ribeirinha na Amazônia – Brasil.** In: VIII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais; Coimbra, POR. Universidade de Coimbra, 2004.

SCHOR, Tatiana; MARINHO, Thiago Pimentel. “Ciclos econômicos e periodização da rede 15 urbana no Amazonas-Brasil: as cidades Parintins e Itacoatiara de 1655 a 2010”. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros.** Brasil, nº 56, p. 229-258, jun. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p229-258>.

SERÁFICO, J.; SERÁFICO, M. A Zona Franca de Manaus e o capitalismo no Brasil. *Revista de Estudos Avançados*, v. 19, n. 54, p. 99-111, maio/ago. 2005.

SHARPE, Jim. “**A história vista de baixo**”. In: Peter Burke (org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 39-62.

SILVA, Júlio Cláudio da; TORRES, Iraildes Caldas. “**Memórias amazônicas nas narrativas de pescadoras de camarão da comunidade São Sebastião da Brasília, Parintins (AM)**”. In: *Dossiê de História Oral*. Manaus, vol. 22, n.1, p. 81-101, jan/jun 2019.

SILVA, Júlio Cláudio da. **História oral, memória e trabalho na Comunidade São Sebastião da Brasília**. Apontamentos de pesquisa de Pós-Doutorado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas. Parintins, 2017.

SOUZA, Narda Margareth Carvalho Gomes. **A Trajetória da Companhia Têxtil de Castanhal**: a mais pura fibra da Amazônia. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programad e Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2008.

STEARNS, Peter N. **As origens das civilizações e do patriarcado**. 2015. Disponível em: <http://www.editoracontexto.com.br/blogas-origens-das-civilizacoes-e-do-patriarcado/>.

THOMPSON, Edward P. **A História Vista de Baixo**. In: THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. São Paulo: UNICAMP, 2001.

TOLEDO, Cecília. **Gênero e Classe**. São Paulo: Sundermann, 2017.

TORRES, Iraildes Caldas (Org.). **O Ethos das Mulheres da Floresta**. Manaus: Editora Valer/Fapeam, 2012.

TORRES, Iraildes Caldas. **As novas Amazônidas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas-EDUA, 2005. TORRES, Iraildes Caldas. *Entrelaçamentos de Gênero na Amazônia - silenciamentos, família, corpo e outras intersecções*. 1. ed. Manaus - AM: Valer, 2015.

VIEIRA, Everton Dorzane. “Eu sofri muito na juta! ”: história e memória dos trabalhadores da juta da comunidade São Sebastião da Brasília, Parintins-AM (1950-1980). In: **Trabalho, cultura e poder: olhares interdisciplinares** / Júlio Claudio da Silva, Iraildes Caldas Torres, João Marinho da Rocha (Orgs.) – Manaus (AM): editora UEA, 2021. pp 120 a 144.

VIEIRA, Everton Dorzane. “O trabalho e sua representação na vida dos moradores da comunidade São Sebastião da Brasília em Parintins-AM”. In: **Um rio de histórias: conexões entre memória, cultura e patrimônio no Baixo Amazonas** / BEZERRA, César Aquino; VIEIRA, Everton Dorzane; OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de (Orgs.) – Curitiba: CRV, 2021. pp. 41 a 53.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WATERS, Mary Alice. **Marxismo y feminism**. 2 ed. Barcelona: Fontamara, 1979.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. Manaus: Edua, 2007.

ANEXOS

ALGUMAS ENTREVISTAS REALIZADAS NA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BRASÍLIA, NO MUNICÍPIO DE PARINTINS, ESTADO DO AMAZONAS

Entrevistador: Everton Dorzane Vieira

Nós estamos na casa de um ex trabalhador de juta, no dia vinte e seis de março aqui na comunidade da Brasília, eu gostaria primeiro que o senhor se apresentasse, dissesse o nome completo do senhor, sua data de nascimento.

/: Olha, eu sou Antônio Soares Ribeiro Filho, a minha data de nascimento é 02/11/1940.

O senhor nasceu onde?

/: Aqui mesmo na comunidade da Brasília.

E os seus pais?

/: Os meu pai era Antônio Soares Ribeiro e a minha mãe era Joaquina Prata Ribeiro.

E eles nasceram onde?

/: É aqui mesmo também, nascido e criado aqui na Brasília.

O senhor sabe me informar como foi sua infância aqui na comunidade?

/: A minha infância foi, olha... eu não a curiosidade de lhe falar que não sei ler e nem escrever porque nesse tempo as aulas eram difíceis no interior, no interior não existia e na cidade também não tinham as aulas que tem hoje em dia e a facilidade né? até o governo já paga pra criança estudar, tem até merenda, dá a comida, depois da aula dá comida né? Naquele tempo nunca, nunquinha, ainda conheci numa época que os nossos estudantes, quando aparecia uma aulazinha pelo prefeito de Parintins que era o finado Júlio Belém, Gentil Belém. Tinha aquele outro que eu tô esquecido o nome dele, que ele foi prefeito de Parintins... ainda cheguei a ver assim amarrarem a folha da bananeira pra escrever assim na aula que a professora coisava aquela folha assim no fogo e eles iam escrever o que a professora ia ensinar ali. Então foi uma época que eu não alcancei mais, não tinha professores porque os prefeitos não davam a aula pro interior e na cidade que tinha e ninguém se manifestava pra ir, então eu não sei ler e nem sei escrever, eu não tenho vergonha de dizer que na verdade eu vou morrer assim, mas do nosso tempo então o nosso ramo de vida era o trabalho, era ajudar nossos pais pra nós se manter que a vida era mais difícil do que hoje em dia tá né?

E seus pais trabalhavam com que aqui?

/: Trabalhavam no ramo da juta, no ramo da juta...

Deixa eu perguntar uma coisa pro senhor, o senhor sabe como é que surgiu essa comunidade? Quem são os primeiros moradores?

/: Os primeiros moradores já morreram todos, todos... já morreram meus pais, já morreram meu tios, já morreram meus avós tudo que construíram aqui, isso já não existe mais nenhum, isso só já os remedidos dos velhos pra cá, tá entendendo?

E como é que veio morar primeiro morador aqui, o senhor sabe?

/: Bom, o primeiro morador, eu não posso lhe dizer quem foi o primeiro morador daqui porque eu já tenho um bom tempo desclassificado deles, aí eu não tenho mais como dizer pro senhor quem foi o primeiro que morou aqui.

Seus pais nasceram aqui?

/: Nasceram aqui e se criaram aqui, nasceram aqui e se criaram aqui todos eles.

E os pais deles?

/: Os pais deles... eles eram portugueses. Aí eles vieram de Portugal e se coisaram aqui através da juta e foram se mudando, se mudando e aí trabalhava e juta e aí foram construindo assim a família, um filho casava com um, outro filho casava com outra e assim ia saindo a comunidade aqui foi aumentando, ainda não era comunidade, não era comunidade era só os moradores a graneio, cada um fazia sua casa.

O senhor conheceu seus avós?

/: Não. Não conheci nenhum mais dos meus avós, nenhum conheci mais, nem meus avós, nem o pai da minha mãe e nem o pai do meu pai não conheci mais.

E por quê que seus avós... o senhor disse que eles vieram de Portugal, o senhor sabe porquê que eles vieram?

/: Olha, eu não sei lhe dizer esse motivo porque que eles vieram, meu pai nunca me falou isso porque eles vieram de lá, isso eu não vou lhe confirmar porque eles vieram, então pra mim não vou falar uma coisa daquilo que eu não sei, eu não posso responder porque o que eu já entendia alguma coisa isso aí eu sei.

Então seus pais trabalhavam na agricultura?

/: Na agricultura da juta.

O senhor nasceu e eles já trabalhavam na...

/: Já eles já eram... pra criar os filhos que eles já estavam tendo, como e os outros meus irmãos, já era no ramo da vida da juta, tinha o patrão era assim como a gente chama, vamos dizer... Aqui, aquela casa lá eles vendem o açúcar, o café, o que o senhor precisar lá, ali eles vendem. Então o senhor ia na cidade arrumar seu patrão como o Elcinho, finado Túlio, finado Dorval do Novo que era o Didinho onde é o canto do Chapão hoje em dia, era garoto assim mas eu já trabalhava na juta desde a idade de dez anos eu já ajudava meus pais na juta. Quando meus pais envelheceram e ele disse “meu filho eu já tô velho e aí? Aí meu irmão, nós era só dois

irmãos, aí meu irmão mais velho que foi na frente, nós trabalhava junto mas os velhos mesmo velho ajudavam nós também, nós brocava o roçado, se fosse uma quitaria, nós faziam assim de trocar dia um com outro pra fazer aquele serviço de cinco, seis ou sete pessoas pra roçar mato, fazer uma quitaria, uma quitaria tem cem metro de comprimento com cem de largura, nós fazia só num dia aí se queimava, a gente fazia o brocamento tudinho só num dia e aí queimava o roçado e aí a gente pegava a semente da juta e ia plantar e aí era só zelar, aí tem aquele que chamam de... mas aqui na várzea só chamam de carieiro, só que o carieiro ele comia a juta, então o senhor tinha que cuidar assim andando pelo aceiro do roçado pro bicho não coisarem.

O carieiro o que é?

/: O carieiro é um bichinho preto igual saúva só que a saúva é da terra firme e o carieiro é da várzea. Aí a gente plantava o roçado tudinho como eu estou lhe explicando, plantava e a juta vinha crescendo, crescendo do fundo da terra. O bico da máquina, o tico-tico que nós chamava era tac tac tac... e ia embora plantando, eu plantava a quantia no dia, não acabava e no outro dia, dois dias, três dias acabava uma quitaria de plantar, aí o senhor esperava a juta crescer, ia crescendo, crescendo... quando ela tivesse assim já de um metro, o senhor ia capinar ela por baixo dela, na terra que era pra ela desenvolver, ela chegava até três metros e meio à quatro metros uma juteira, mas então nós tinha... o senhor deixava a quantia que o senhor queria, quatro, cinco juteira, tá entendendo? Em cada buraco daquele, aí a gente quando estava no tempo de plantar, plantava, o plantio da juta era em novembro e o senhor contava, Dezembro, Janeiro, em Fevereiro o senhor cortava por causa da agua que vinha, a agua vinha e a gente ia cortando, ia cortando ia cortando e afogando, afogar era reunir tudinho os fechos que era amarrado com a mesma fibra da juta, só que a fibra juta era a juta verde a gente tirava, quebrava assim tah! Tirava aquela envira e atracava um fecho, vamos dizer assim, uma comparação com isso aqui, o senhor cortava e ia amontoando um em cima do outro, aí o senhor pegava a envira e amarrava, aí o senhor fazia a pilha que nós chamamos da juta, pra ela amolecer, o senhor faz de quinze, de vinte, de cinquenta, quarenta fechos, uma da ilharga do outro, mesmo que ser essas tabuas aqui, certo! Que era pra botar o pau em cima pra fazer pessoa que era pra ela ficar dentro da agua assim, mais ou menos no fundo, com mais ou menos um palmo de fundura e com uma semana ela estava mole, aí o senhor ia lavar, lavava a juta bem lavadinho. A agua era suficiente e senhor sacudia ela na agua pra lá, pra cá, tirava tudinho aquela pelica que é a casca dela e aí o senhor carregava, fazia o varal, o varal que nós chamamos era uma vara assim, que emendava assim a distância que o senhor queria, ia emendando vara ia fazendo, aí o senhor estendia, jogava por cima daquelas varas assim, o toco pra uma lado e o rabo pro outro que nós chama rabo né? botava assim, o cabo pra cá e p

rabo lá, quando estava seca o senhor ia e tirava e ia agasalhando, agasalhando, agasalhando e quando tinha quantidade assim de cinco, seis fardo a gente tirava por causa do fogo, a gente ia enfardar, enfardar é uma prensa tipo isso aqui, tipo esse pote aqui, o senhor afincava isso aqui, era oito paus, afincava quatro aqui, uma pau aqui, outro pau aqui e outro pau aqui, essas duas bocas aqui, essa boca daqui era a boca e o senhor jogava de lá duas cabeças e de lá ele virava aqui, Voh! E de lá virava, botava daqui e virava pra lá, o senhor fazia o fardo da juta do tamanho que o senhor quisesse fazer, do peso que o senhor quisesse fazer conforme a prensa, nós chamava prensa né? no nosso sistema nós chamava prensa e aí o senhor pegava e enfardava aquilo, nós pegava quatro, nós pegava quatro tipo assim de coisa mas então nós pegava assim na mão, que era pra quando a prensa enchesse o senhor pegava em cima do fardo e ele arreava com seu peso aí eu pegava e chamava essa minha mulher aí. Quando ela não estava pra me ajudar ia só eu, pegava um pedaço de pau e ia enrolando assim, ia enrolando, enrolando, enrolando até que desse assim pra mim acochar, ia acochando, acochando, e metia lá e tirava o fardo, dava cinquenta quilos, sessenta, quarenta, quarenta e cinco quilos, aí é como eu to dizendo, o senhor fazia o fardo do tamanho que o senhor quisesse fazer, se o senhor quisesse fazer dez quilos era dez quilos, se quisesse fazer cinco quilos era cinco quilos mas a gente não fazia assim porque o negócio do carroto era coiso, a gente entregava na canoa que era pra levar pro patrão da gente que tinha valido a gente no verão pra se manter, pra fazer o roçado e colher a produção e entregar tudo pra ele. Aí o senhor fazia o seguinte, o senhor entregava pro seu patrão, vamos dizer, começar de quinhentos quilos, o senhor entregava pro seu patrão, aí se o senhor devesse, naquele tempo era o cruzeiro, se o senhor devesse vamos dizer dois reis, já é o real agora né? naquele tempo era o cruzeiro o dinheiro nosso, aí o senhor pagava a sua dívida pro seu patrão com aquela fibra, aí ele dizia “olha! Ainda ficou? Eu quero a produção tudo que tu me entregue” aí o senhor não tinha como dizer não porque se o senhor dissesse aquilo, o fabrico tudo era pro senhor produzir pra ele, ai ele dizia “olha! Se der dez toneladas eu fico com tudo tua juta” e não era só uma pessoa que fazia isso como eu, eu trabalhava com meu patrão, finado Túlio Melo, finado Didinho, essas coisas assim, finado Chiquito, eu trabalhava com eles assim, eu colhia toda a produção... finado Zé Tavares era um que morava lá, ele chegava “rapaz, tal dia tem juta?” tem! Chegava até doze, quinze fardos de juta, pesava aquela quantidade, uma tonelada, mil e duzentos quilos. Aí o senhor sabia que tinha né? e ele “olha, tu já pagou tuas dividas mas eu quero que tu me venda o resto da tua produção e para o ano se tu precisar de mim eu to pronto a te servir” e nosso trabalho era assim. Com o trabalho da juta eu adquiri muita coisa que eu não tinha na minha vida, eu não tinha um terreno, eu não tinha uma casa, eu não tinha bem dizer quase nem

roupa pra vestir e quando o trabalho da juta era sacrificado mas quando a gente tirava o saldo, que a gente chamava o saldo né? nós tirava o resto do saldo da dívida que sobrava, o patrão vinha cobrava, pagava, conferia o dinheiro e nós ia e comprava aquilo que não tinha e precisava, o senhor tá entendendo bem né?

/: Tô! Tá claro, claríssimo.

/: Então era assim, eles eram francos com a gente, porque se o senhor tirasse do seu patrão pra vender pra outro. Vamos dizer, não servia ele e ele era o seu patrão lá naquela casa e senhor vinha pra cá e não vendesse o resto da sua produção pra ele, ele já ficava lhe marcando, o senhor foi ruim comigo então não vou lhe servir esse ano.

O que é “servir” ele?

/: Servir a ele esse ano? Olha, o negócio de que ele arranjava pra gente é? Era o açúcar, era o café, era farinha, era um dinheiro quando a gente tinha uma necessidade assim, era “olha, eu vim aqui contigo pra ti me arranjar tanto” como eu cansei de ir lá “olha patrão o meu roçado tá entrando na agua e eu preciso de um dinheiro” e ele “ pois não, pra que dia?” eu marcava o dia, eu trabalhava com cinco, seis pessoas por dia, lavando a juta, cortando juta, afogando juta, reunindo fechos de juta e trabalhava, quando chegava de tarde eu tinha o dinheiro que o patrão tinha me arranjado e “ pega teu dinheiro “. Quando era no outro dia “tem serviço?” tem! Tinha dinheiro eu pagava, graças a Deus, meus patrões já morreram mas também nunca fiquei devendo pra eles e eles também nunca ficaram me devendo, eu ficava devendo a eles porque eles tinham a mercadoria e servia a gente.

Agora... o senhor trabalhava com cinco ou seis pessoas, como é que essas pessoas se mantinham? O senhor pagava elas?

/: Eu pagava a diária deles, vamos dizer assim uma hipótese, o senhor tá pagando aqui e nós arranja... eu pago sempre mais, eu to pagando o menino pra trabalhar aqui eu tô dando quarenta reais, eu dou merenda pra ele, dou almoço e dou quarenta reais por dia e naquelas alturas eu acho que era cinco cruzeiro uma diária, mas eu dava merenda e dava almoço pro trabalhador ir pro roçado comigo trabalhar, nós trabalhava até onze horas e depois “ vamos embora almoçar” chegava aqui almoçava, quando era uma hora ia embora e quando era uma hora, quatro e meia abandonava o serviço pra gente vim pra casa, tomava um café e ia embora “amanhã tem serviço?”.

E o senhor cultivava na época da juta por exemplo alguma outra coisa de alimento?

/: Olha, aí a gente plantava, a gente nunca se descuidou de plantar assim sem ser a juta, a gente plantava olha, o maxixe... depois de cansado da juta, que depois que acabou o serviço da juta. O governo federal acabou com a juta, graças ao nosso senhor bom Deus acabou com

esse negócio porque isso era uma agoniação pra nós, porque se chovesse, ventasse ou abrisse sol tinha que tá no seu roçado, não tinha “ não vou hoje porque tô com frio” não tinha isso não, o prejudicado era o senhor mesmo porque a agua enchia e quando fosse a agua já estava passando do seu estomago pra cima e quando não dava na cintura e era assim. Aí nós passamos, depois de passar eu disse pra mulher “olha, nós vamos ficar na agricultura assim” fomos plantando a macaxeira, plantando nosso maxixe, nosso quiabo, nossa pimenta cheirosa e nós vamos plantando no balcão nossa cebola assim e viver de outro jeito, e graças a Deus, nosso milho, tudinho isso, vivemos uma vida mais tranquila que a vida da juta.

Mas na época da juta, o senhor plantava esses produtos?

/: Não, não porque não tinha a venda na cidade, não tinha quem comprasse.

Mas nem pra vocês?

/: Pra nós comer nós plantava.

Agora... o senhor falou que o governo federal acabou com a juta, não entendi.

/: Acabou com o transporte da juta que ia pra Índia, a gente trabalhava aqui no Brasil mas a juta era transportada dessas prensas, como a Coopjuta e essas outras, era ela que comprava a juta dos nossos patrão, que enfardava... naquele tempo nós chamava loide, eles vinham decretadamente e pegavam suas quinhentos fardos e levavam e baixavam pra Índia, aí foi que acabou, acabou a juta e graças a Deus porque se não nós já tinha levado o caramba, tudo o que trabalhou na juta está no estado como eu, ainda tenho uns primos que o senhor ver, a mesma coisa que tô falando eles vão falar. É como eu tô dizendo olha, era um sofrimento, se amanhecesse chovendo o senhor tinha que ir pro roçado e se não amanhecesse chovendo, se o senhor não fosse pro roçado hoje o senhor tinha que tá estendo a juta que estava lavada, enxugar pra lavar pra entregar pra seu patrão porque compromisso era compromisso, tinha que pagar o que já tinha comido né? e era isso aí.

Ai o senhor trabalhou com a juta até quando? Até que tempo?

/: Bom, acho que já nos dez anos que eu nunca mais trabalhei com a juta.

Já tem dez anos?

/: Já, eu acho que já tem até mais de dez anos.

Mas a senhor lembra até que década? Até que ano o senhor trabalhou... os filhos, quando o senhor parou de trabalhar com a juta tinha algum filho que tenha nascido naquele ano?

/: Quando eu comecei a trabalhar na juta, escute aí, eu acho que já tá nos trinta e poucos anos que parei de trabalhar na juta, sabe porquê? Porque quando eu me casei com essa minha mulher, eu ainda tinha que ela ainda me ajudou bem a trabalhar na juta, ela mesmo, ela capinou, ela me ajudava, quando era em terra ela me ajudava a cortar com o terçado e na

agua... porque nós chamava a foice, a foice era então assim no cabo, abraçava ela assim e ia cortando até coisar, fazia o feixe e amarrava, depois de ela ter o primeiro filho nosso, ele tá com quarenta anos, aí a produção da juta acabou, o governo fechou o transporte, acabou a semente que era transportada da Índia pra nós, pro plantio no Brasil. A gente plantava, o negócio era do governo, eles davam a semente, a semente da juta pra nós era dado, o senhor ia lá no Carpão, ali onde é o cás, ali era o Carpão de primeiro, lá eles distribuía a semente da juta. Chegava lá e o senhor dizia assim “eu dez quilos de semente, eu quero cinco quilos, um saco” tinha em quantidade, pra todo mundo vinha, aí quem ia fazer a quantia era o senhor de quantos queria, só que como nós vendia pra nosso patrão, nosso patrão ia e fazia o negócio dele aí na Coopjuta e naquela outra que tem, que lá eles faziam aquelas coisas, cortavam a parte da juta que a gente fazia né, que era pra limpar bem, que era pra poder fazer o embarque da fibra.

E como é que era feito esse transporte da juta, é, porque isso era lá em Parintins, não é isso?

/: É aqui em Parintins

E a do rio, como é que era feito o transporte, ou o senhor levava em uma embarcação do senhor, atravessava o rio Amazonas, ou alguém fazia isso?

/: Não, a gente esperava o patrão vir aqui.

O patrão que vinha aqui?

/: O patrão vinha aqui, quando a cheia era grande encostava perto da casa e a gente só ia pesando aqui, olha dez par de juta, tirava o peso da juta todinho, ele dizia, olha eu venho aqui tal dia justa tua conta, ai ele levava, ele fretava um barco, então ele tinha o barco e ele levava, transportava dez, quinze, vinte toneladas de juta, atrás, pra lá o negócio já era dele né, ai nossa responsabilidade era entregar pro nosso patrão.

Como é que era esse barco?

/: Esse barco, esse barco era grande, não me lembro o nome do barco

Era de madeira ou era de ferro?

/: Não, era de madeira, tudo, agora que já existe de ferro, aqueles tempo não existia de ferro, só era madeira, ele atravessava, ele metia do porão do moto dele até na tolda, aquela quantidade o barco ia no fundo, atravessa o rio Amazonas, chegava lá, ele não tinha aquela obrigação de tá tirando, de lá vinha o pessoal de terra, vinham fazer o desembarque da juta pra prensa.

E o senhor ia pra Parintins nessa época?

/: Não, não, eu ficava, da veze que eu entregasse pro patrão, tava, não tinha preocupação, minha preocupação era em casa, de repente chegar um malandro, que naquele tempo não tinha

como hoje em dia né, ou toca fogo na minha casa, toca fogo na juta, que aquilo é mesmo que pólvora pra pegar fogo, aquilo é rápido, pra pegar fogo, a fibra seca.

Não, mais por que alguém fazia isso?

/: Não, mais não tinha, como estou dizendo como hoje em dia, porque hoje em dia você nem se fia nem de tá dormindo aqui, lhe chamam aqui, o senhor sai e vai morrer, na sua porta, naquele tempo não tinha isto, não existia, não existia isso como agora em Parintins um mata o outro, por brincadeira, naquele tempo o senhor era livre desimpedido, o senhor ia pra onde quisesse, e não dizia, olha o fulano tá esperando o fulano, não tinha, não tinha não.

E o pau rosa o senhor acompanhou esse produção do pau rosa?

/: Não, nunca, nunca, eu tinha uns primos que trabalhavam muito em pau rosa, mais já morreram tudinho hoje.

E eles falavam alguma coisa pro senhor, como é que se fazia?

/: Eles tocavam assim, eu perguntava assim, rapaz e ai como é que tá o negócio do pau rosa? Como é que vocês trabalham? Eles dizia olha rapaz, o cara que, como é que o nome? (Pensativo), o explorador faz, ele entra na mata, ele passa três, quatro dia na mata explorando, procurando a madeira né, ai ele, e eu disse escuta, e ele achando a madeira como ele faz? Ele disse, achou a madeira é dele, ele vai, ele põem o nome dele, coisa o nome dele a madeira, aquela madeira, se entrar outro atrás ele não vai mexer naquela madeira, aquela uma é daquele que chegou primeiro, e como faz? Ele disse, ai o dono da coisa, da usina do pau rosa, ele manda os trabalhador tirar, o caminhão vai, ai tora tudinho, eu disse é grande? Ele disse não, não é grande, é dois palmos, três palmos, é conforme o tamanho do palmo, pra poder ter força de carregar, se não eles partem em rodas pra fazer embarque do caminhão, pra vir pra ursinha, pra tirar o incenso da pau rosa, ai eu disse, e como é isso? Ele disse, olha é assim, eles pegam, eles metem lá nas maquinas, ai o incenso vai caindo lá numa parte e a madeira tá aqui triturando, ai eu digo, marrapaz como tem certa coisa, isso eu não vou lhe falar muito, porque nunca foi, nunca vi né.

Mais é muita gente que o senhor conhecia, que trabalhou no pau rosa?

/: Era mais ou menos, uns dez primos que tinha aqui, eles iam pra lá porquê, tinha uns que gostava de plantar juta, e outros não tinham o trabalho, pra se manter, eles iam embora pro centro trabalhar, mais tinha na épica que eles vinham de lá né.

E a malva?

/: A malva, é a mesma juta, a malva é assim, eu plantei muito, eu plantava a juta e plantava a malva, e colhia um no outro, o senhor tá entendendo? Eu fazia assim o, eu fazia, eu botava

vambora fazer um fardo de juta de trinta cabeça, ai eu botava quinze de malva no lado, e quinze de juta do outro.

Mais só cultivavam os dois, só plantavam os dois aqui?

/: Só plantavam os dois.

E quem comprava a malva?

/: Quem comprava malva, era o finado Chiquito, Túlio Melo, Dindinho, o finado Zé Pedro, o finado Dindinho, o finado Zé Pedro, na cidade, podia chegar, ô Zé Pedro que nós chamava que comprava malva, era bem ai embaixo do mercado central, ai logo na subida, que sobe naquela escada tudo quebrada, era bem na ilharguinha, bem mesmo em baixo, e lá do lado de cima ainda tinha o finado Assis, bem donde desemboca a rampa do mercado, lá ele comprava também, aqui eles compravam, o finado Chiquito, comprava o finado Zé Tavares, comprava o finado Didi, comprava o finado Raimundo, eles compravam, eles saiam assim pela casa, pra gente passa o fardo pra eles assim, mais soque não, pessoa como eu que era certa, eu não vou vender não, eu tenho meu patrão, eu vou entregar só pra ele, quando precisei dele o cara me serviu, e agora tu vem com chove não molha pra mim te vender, não vendo, esses ai eram os compradores de juta.

Mais no caso da malva eles vinham buscar a malva aqui também?

/: Mais vinham eles levavam tudo, a malva era mais querida do que a juta, a malva desulivre uma pimbinha daquela é mesmo que ser um náilon, não arrebenta, não arrebenta não.

Qual era a função da malva então? A malva servia pra fazer o que?

/: O mesmo segredo da juta, só podia ser né, o mesmo né, porque não era construído aqui, o que eles iam fazer da juta, eles iam embora pra baixo.

E no cultivo da malva e da juta, tinha homens, tinha mulheres, como é que era?

/: Trabalhando? Pra trabalhar com o senhor?

Isso! No campo aqui, tinha sim o senhor, mais pra ir ao campo, era só homens ou mulheres também?

/: Não ia tudo misturado, homem, mulher, todo mundo queria trabalhar, então trabalhava, ainda mais se o senhor pagasse, assim aparecia mulher, aparecia homem tudo trabalhava, aparecia pra capinar juta, pra plantar juta, pra cortar juta, todo mundo entendia trabalhar, era mulher e homem entendia.

E eles faziam o mesmo serviço?

/: Eles faziam o mesmo serviço, que o homem fazia, só uma coisa que elas não faziam, era carregar o fecho da juta pra botar lá na água, pra ir acertando um no lado do outro, o fecho, pra fazer a fita.

Porquê?

/: Porque elas tinham medo da sanguessuga, e elas não iam na água e jeito nenhum.

E os trabalhadores no caso da juta, no caso da malva, eles faziam alguma reunião, vocês tinham alguma forma, sei lá, alguma organização dos trabalhadores, por exemplo pra definir o preço do produto na hora de ser vendido, vocês se reunião pra tentar negociar?

/: Não!

Ou o preço era aquele que o patrão dava?

/: O preço era aquele que o patrão dava, não se fazia reunião porque não adiantava atentar o patrão querer dá mais, porque ele sempre botava pra castigar a gente, porque ele sempre dava menos né, se esse ramo desse dez reais, ele só dava oito ou sete, era somente que ele podia dá, já tinha que ser o ganho dele né. Porque além de tudo ele ainda tinha o barco dele né, ele comprava o diesel, ele mesmo transportava, ele fazia o transporte dele, ele passava um dia passando transporte, vamos dizer, daqui na cidade, de viagens por dia, ele vinha enchia barco voltava, vinha enchia barco voltava, e assim o negócio ia, da vez que você entregasse na casa pro seu patrão, o senhor não tinha mais nada a ver com o peixe, era por conta dele, de lá ele dava o jeito dele, se molhasse o fardo de juta molhava, se não molhasse ninguém mais tinha nada que ver.

E sobre essas fabricas de juta que tinha em Parintins né, o senhor tem alguma notícia, tinha a Fabrijuta, não é isso?

/: Tinha a Fabrijuta, tinha ali a Coopjuta, tinha aquela outra que, a mãe dela trabalhava no negócio de plantação,” Rosaria vem ainda aqui (chamando), ela deve saber, eu já estou esquecido, sem ser a Coopjuta, qual era a outra coisa que tua mãe trabalhava? Tinha a Sobral Santo e a Fabriljuta” que recebia do patrão as toneladas as quantidades que ele levava pra lá, eles arrecebiam tudo aquelas quantidades, eles avisavam os financiados, eles financiavam olha tal dia nós vamos fazer a pegação da juta, ai tinha que tá preparado pra fazer o entregue do seu fardo de juta, como estou dizendo, se fosse quinhentos quilos, se fosse uma tonelada, se fosse cem tonelada o senhor entregava em baixo da sua casa, ai no barco dele, ai a responsabilidade era dele.

E quem era o dono dessas empresas, da Coopjuta por exemplo, você sabe quem era o dono?

/: Não, eu não tenho ideia.

O senhor não lembra, não é?

/: Não, não lembro se não lhe dizia.

Então lá se fazia o saco não é?

/: O saco, não a juta baixava pra banda da Índia, da Índia que eles iam fazer, dizem que a estupilha é feito da juta, material da juta, isso que dizem.

E o que então que se fazia na Coopjuta, na Fabriljuta?

/: Eles arrecebiam, compravam a juta do patrão nosso, pra poder ir pra cidade, e eles cortavam tudo em fardo, iam reenxugar aquela juta, iam reenfardar, cada fardo daquele, duma coisa dessa ai era duzentos quilos, ai o navio vinha pra pegar do galpão, onde agora é o cais, lá eles faziam o embarque, os guincho vinham de lá de dentro do navio, que os fardos eram muito pesado, pegava lá fora, de lá os botador de dentro estavam botando aqui, os guincho vinham e botavam pra dentro do navio, para o porão do navio.

E ai o senhor, quando acabou esse período da juta, o senhor passou a trabalhar com a agricultura?

/: Agricultura. Plantava minha macaxeira, plantar o meu quiabar, eu tenho um quiabar, planta pimenta cheirosa, plantar maxixe, melão, melancia, milho tudo isso, e graças a Deus me dei melhor, olha minha mulher não que outra vida, só senhor tá vendo tudo isso era macaxeiral, a gente ia arrancar uma ou duas saca de macaxeira, quebra cem espiga de milho, ela vai lá pra cidade, ela leva pimenta cheirosa, leva o quiabo e vende tudinho, chega de lá com seus duzentos, trezentos, trezentos e cinquenta contos, de rancho, é assim, dá muito mais, tudo santo dia, ela tira de sexta, ela vende sexta, sábado e domingo, eu me engano segunda ela para, hoje ela não ia vender, ela diz que (pensamento) melhorou grande nossa vida, eu já possuí muita coisa, sem ser da juta pra cá, na juta era muito sacrifício.

E quando o senhor parou de produzir juta e passou a produzir a agricultura, pra vender é ela também que vendia na cidade, sempre foi ela que vendeu?

/: É sempre foi ela que vendeu, nunca eu fiz uma venda.

Porquê?

/: Porque eu tenho vergonha, tenho vergonha de vender, sabe a mulher começa a porque a mulher, aqui tem macaxeira, aqui tem milho, ai não tenho essa paciência não, já tive paciência, hoje em dia não tenho mais.

Ai ela, na verdade esses quase e quarenta anos é ela que faz a travessia pra vender os produtos?

/: É ela, ela vai de passagem no barco, numa bajara igual essa aqui, só que é maior, e ela vai, quando chega domingo uma hora com a comida na mesa, que ela tá chegando com dez minutos.

E é ela que vai conduzindo né?

/: Os meninos carregam pra ela aqui, pra fazer o embarque na beira, lá ela paga.

Sim, mais quem é que vai conduzindo, pilotando é ela mesmo?

/: Não, não, é o dono do barco.

Por exemplo aquela bajara ali não é isso?

/: É!

Aquela bajara é de quem?

/: É nossa.

Então quem vai levando?

/: Não ela não viaja nela, ela não gosta de ir na nossa, ela paga a passagem dela.

Há, entende!

/: Entende, ela vai, ela leva o produto dela, só que ele só cobra passagem, ele cobra dez reais, de ida e volta.

Entende! Ai ela vai e volta, e ela traz também?

/: E só vem quando ele traz tudo, ele leva, vamos dizer dez vendedor de macaxeira, de milho de pimenta cheirosa, de quiabo, de macaxeira, tudo isso, quando termina na banda das onze horas lá na frente na ferinha, bancada municipal, ai ele já acabou? Já acabou, aquele que não acabou arruma de novo, bora? Vumbora, naquela hora ele vem embora.

Vem todo mundo?

/: Vem todo mundo, ai volt no outro dia de novo, o dia de amanhã, hoje é domingo, pra amanhã segunda feira, já volta de novo pra inteirar aquele que ficou lá o pouquinho né, aqui o produto já tá pronto pra ela ir.

E lá fica guardado onde?

/: Guarda dentro do mercado municipal.

Há, guardam no mercado municipal!

/: Ai entrega lá pro menino que é responsável lá, e pode chegar lá e entregar, o administrador que a gente chama né?

E eles cobram por isso?

/: Não, não cobram é nada, só fazem guardar.

E vocês vendem também para aquelas barracas lá do mercado municipal?

/: Se eles quiserem comprar vende.

Mais vocês costumam vender?

/: Não, eles não gostam de vender o produto deles, eles gostam de vender pro atravessador, que é vocês que compram, passa lá e que comprar.

Isso!

/: Um milho, que comprar uma macaxeira, o senhor compra deles, eles não gosta de vender, porque eles vendem mais caro, ai o atravessador que nós chama, esse que se vale do pobre, ele

não tem consciência, onde ele vai vender, vende por cinco, olha a pimenta cheirosa, ela vende por dois reais, e vai no atravessador comprar.

Agora, além do produto agrícola, vocês também pescam né?

/: Pesca!

E vocês vendem lá em Parintins?

/: O peixe nós vendemos, se a venda, nós de primeiro nós vendia no mercado municipal, que tem dois, aqui em baixo, que tem o de cima e o de baixo né, lá no de baixo, mais foram aparecendo atravessador, foi, foi, foi aumentando, que nós chega lá numa bajara dessa, olha eu estava lá ontante, enche duas cuba de peixe, duas cuba que nós chama é aqueles ali, aquelas caixas de isopor ali, nós chamamos cuba, e ai nós chega lá, o senhor vamos dizer, o senhor faz isso, o senhor que levar pra, não tem mais mercado, mercado não vende nada, se não for acarrafa, só tem três nagalefi, o senhor chega lá o atravessador diz, o senhor quanto tu quê no quilo do teu pirarucu, quanto tu quê no quilo do teu tambaqui? Ai o senhor dá o preço, se ele comprar, si não eu não vendo, eu não sou obrigado a vender, ai ele vai, se eu pedir doze, ele diz tu que dez, ai como eu não tô sujeito a ficar lá, ai então eu vendo pra ele, ai ele me paga, ai ele vai lá pra terra fazer a vida dele né, vende pro vinte o quilo do pirarucu, vende de treze o quilo do tambaqui grande, é assim.

Entende!

/: É por isso que nós semos abusados, nós semos abusado, mais também semo obrigado a vender pra ele, porque a gente também não pode ficar lá, nós temo que voltar pra cá, nós temo que ir e voltar, comprar as coisas pra trazer pra família da gente né. E a gente já pega aquele dinheiro e já vai direito no supermercado fazer a comprinha, o senhor sabe aqui a gente não compra de quilo, porque não adianta comprar um quilo hoje e amanhã não ter, a gente compra assim de quantidade, 15kg de açúcar, 10kg de café, é assim que nós faz nossa compra.

E quem é que faz a pesca aqui?

/: É meus filhos.

Qual filho?

/: O Amarildo, o Izaildo e o Inaildo, eles três

Eles três que pescam!

/: É eles três que pescam, agora eles tenham os parceiros deles de pescar, cada um pesca com um par, é meus sobrinhos, moram pra li, agora quando é pra ir eles venham aqui, olha...

Ao três cada um, na verdade no total são seis, cada um...?

/: Olha são seis.

São os três daqui com mais os três de lá?

/: Mais três de lá, meus três sobrinhos, é três sobrinhos meu, e três primo deles, eles pescam junto só numa canoa dois, dois embarca num casco, e um embarca na proa e outro na polpa como chama né, o Lemista é da proa né? e o da polpa é o da máquina vamos dizer assim, ai eles vão fazer a pesca deles, ai eles pegam 200kg, 300kg de peixe, ai eles vão pra cidade vendem pro atravessador, ai eles volta das mesmas coisas.

Entende! E o senhor não pesca mais?

/: Não eu pesco, é assim, eu não gosto mais dessa vida, eu já fiz a minha parte pra ajudar a criar eles né, agora chegou a vez deles, mais também, agora chegou a vez deles me ajudarem.

Então o senhor pro cultivo das plantas o senhor também não faz mais né?

/: Não, eu ajudo a minha mulher a trabalhar, o senhor está vendo esses matos aqui, mais isso aqui vai ser limpinho, quando a água sair, nós já vamos construindo a planta, ai nós vamos comprar a semente da melancia, custa quarenta e cinco uma lata, de 250g do caroço da melancia, ai nós já tira o lugar da melancia, já planta tudinho, nós faz as muda no copo descartável, ai nós planta tudinho, planta 300 pés, que é no canteiro ai, esse canteiro que nós chama, de tabuas né, igual esse aqui, ai agasalha os copos tudinho na ilharga um do outro, quando ela já tá tudo assim bom de arriar na terra. Agora a macaxeira é plantada assim mesmo a bruto, essas outras plantas, mais a melancia não.

E essa terra o senhor é da comunidade, o senhor adquiriu outras terras com esse trabalho, ao longo desses anos?

/: Olha aqui essa terra aqui, mais ou menos de lá assim desses paus, extremado com o terreno do finado meu pai é minha, essa terra é minha, essa terra eu construir comprada com dinheiro de juta. Ai eu tinha um gado, comprado também com dinheiro de juta, os saldos que eu tirava né, ai gado me quebrava a cabeça, eu não tinha terra firme, eu não tinha várzea, eu não tinha campo de várzea, então meu gado estava com 32 rezes, da minha parte, que eu dava de sociedade com meu compadre né, entregava pra ele pra lá o negócio era dele, eu não tinha nada a ver, ele sabia que a hora que eu chegasse lá, o meu gado tivesse lá, o casco eu já tinha entregue pra ele né.

Um dia eu chamei ela, tu que saber de uma coisa mulher, bora fazer negócio, é melhor nós vender esse gado, que cada dia que passa sabe que mais velho eu fico, e eu não tenho quem tome conta, ninguém temos pasto, ninguém tem terra firme, ai ela disse, rapaz eu não sei o que tu que fazer, eu digo bora fazer o seguinte, nós vende esse gado, ai eu invisto, eu sempre tive vontade de ter um motor, ai ela disse então bora vender o gado, ai eu fui acertei tudinho o gado, ai eu comprei um terreno lá no Itaúna, aonde esse vizinho dela morava lá perto, e compramos o terreno custou 3mil reais, nós construímos a casa, de lá nós saímos, ai ela disse

agora tu que comprar o teu motor com o resto compra, ai como o dinheiro não dava pra mim comprar a máquina do motor, a bajara dava, o casco da bajara dava, ai eu fui no negócio da exposição, ai negociava né, ai fazia negócio com a gente pra tirar maquina, tirar casco, tirava o que entendesse tirar né, ai eu disse pra ela, olha bora fazer assim, o dinheiro não dá eu mando fazer a bajara, a máquina pela exposição, ai concordemos ai nós tiramos a máquina dessa bajara é um doze, ai tiramos graça ao bom Deus, tá pago, trabalhei muito paguei tudinho, é nosso, a hora e o momento que vocês precisarem tá aí, tenho minha casa na cidade, não moro lá porque não gosto, num tenho paixão nenhuma, a minha paixão é aqui, porque aqui eu como meu peixe a hora que eu quero, eu não como ele gelado, é pego vivo, pra assar na hora, a agua dá jaraqui, tambaqui, pirapitinga, pacu, sardinha.

Agora me diga uma coisa, é, como o senhor fazia a travessia do Amazonas, antes do ter a bajara, o motor, quando o senhor era mais novo por exemplo?

/: Como eu fazia? Era de canoa, emprestava as canoas grandes, e no remo, o remo que nós chamamos, o senhor já viu, sabe o que é? Vou lhe mostrar o que é, o remo é esse aqui o, o senhor senta na canoa e vai no remo, mete ele até aqui conforme sua força.

Pra atravessar o rio Amazonas?

/: Pra atravessar pra lá e pra cá, quantas cem viagens eu não dei dessa aqui

Quem ia com o senhor?

/: Se juntava, dois, três, quatro, aqueles que estavam querendo ir, convidava emprestava uma canoa grande, e atravessava pra lá e atravessa pra cá, e vinha no remo, até chegar aqui no porto, o senhor vê como era o sacrifício da vida.

Demorava quanto tempo essa viagem mais ou menos?

/: Esse sacrifício pra cidade?

Pra fazer essa travessia pra cidade?

/: Mais ou menos uns vinte anos

Não! Há sim, que o senhor fez isso né, mais eu digo a travessia, quanto tempo demorava pra atravessar?

/: Assim! As horas? Mais ou menos, dava de lá a correnteza, mais ou menos uma hora e meia, de lá pra cá era umas quatro horas, de viagem, é porque vem contra correnteza, até que você atravessa aquele lado, pra pegar esse lado, e agora sobe essa costona, de frente da Marina pra cá, olha o senhor preste bem atenção quando o senhor for aqui do porto, abaixo do Catispera, o senhor nunca pegava abaixo do Catispera, pegava lá na última casa onde morreu o gado com o raio, da Maria, bem lá em baixo, da onde é a fazenda do Aderaldo, que fazia a passagem

dos búfalos, lá se pegava no remo, ainda se pegava mais a baixo um pouquinho, é já passei vida, na minha vida, pro senhor vê como é a vida.

E quando o senhor passou a usar o motor?

/: Quando eu passei a usar o motor facilitou.

Não, mais quando foi isso, que época foi isso?

/: Eu não tô nem lembrado

O senhor tinha filho com que idade?

/: Os meus filhos já estavam com, olha eu ainda não tinha nenhum filho casado, estavam tudo curuminzote ainda, ai eles foram crescendo, crescendo.

Mais eles ainda era curuminzote quando o senhor?

/: É, já tinham construído, ai quem dominava era eu, depois de se ajuntarem cada um com a sua mulher entreguei pra eles, meus filhos tomam já conta, tá bom já da vida.

Entrevistador: Everton Dorzane Vieira

No trabalho que a gente faz né, que chama História Oral, que é trabalhar com as lembranças das pessoas, é sobre isso, e aí as informações que a gente tem é que o senhor trabalhou com a juta, queria que o senhor contribuísse com a gente, e queria pedir autorização pra gente poder gravar em áudio né? a sua entrevista, na verdade a gente tem um roteiro de entrevista mais é mais uma conversa, que a gente precisa que o senhor conte pra gente, como é que foi sua experiência de vida na comunidade, sua experiência com o trabalho da juta, como é que a dinâmica do trabalho na juta, envolvendo toda a produção, com é que cuida do terreno pra plantar, como é que se planta, como é que se colhe, como é que se distribui, pra onde distribui, qual sua relações comerciais, quem eram os patrões que passaram por aqui, se vocês iam na cidade levar a juta, ou se a juta eles vinham aqui trazer, como era feito o trabalho. E a nossa conversa vai tomar partido por isso, basicamente em dois momentos, no primeiro momento eu queria que o senhor se apresentasse, falasse seu nome completo, onde é que o senhor nasceu, quantos anos o senhor tem, que o senhor lembrasse um pouco dos seus pais, é de onde é que seus pais são, onde eles nasceram, com que seus pais trabalhavam, pra gente vê se essa cadeia da juta ela vem de muitos anos ou não, é nesse primeiro bloco o senhor se apresenta, quantos filhos o senhor tem, essas questões todas, então quem é o Fadô que todo mundo aqui da comunidade conhece né? mais o nome do Fadô é Valdo né? então nesse primeiro bloco o senhor se apresenta, e no segundo bloco o senhor fala do trabalho do senhor, então o senhor pode começar se apresentando, falando seu nome, sua idade, seus pais...

/: Bom, eu me chamo Valdo Monteiro Gama né, meu apelido é Fadô né, então eu tenho 8 filhos né, e aí eu vivi da juta mesmo, eu comecei a trabalhar na juta com 11 anos de idade, meus pais ficaram cego, aí eu comecei a trabalhar no lugar deles né, que a minha juta era vendido pra patrão né, meu patrão era José Tavares finado que já morreu.

Mora onde o José Tavares?

/: Morava ali na ponta do Paraná né, ele já é morto agora, nós colhia a juta e ficava com a juta, aí pagava a gente quando tinha saldo né, é sim, eu sofri muito na juta que eu trabalhava dès dos 11 anos na juta.

Onde o senhor começou a trabalhar na juta?

/: Comecei aqui mesmo na comunidade, trabalhava aqui nessa ponta, e no terreno que tenho ali né, eu comecei mesmo na terra do zé Tavares né.

Essa terra era dele?

/: Era dele, trabalhei, trabalhei, ai foi o tempo que ele vendeu essa terra dele, vendeu não né, ele entregou por conta de um gado que ele perdeu do Bada né? ai foi, foi ai comprei essa terra ai dele, essa terra ai já é meu né, tenho casa.

Daqui pra cima, perto do Paraná?

/: Entre Paraná e Amazonas, não é longe não

Mais é várzea também ou é terra firme?

/: É várzea, mais tá terra lá

É uma várzea alta né?

/: É, é alta, eu tenho planta lá, eu tenho maxixe, só que já tá dentro da água já

O senhor nasceu onde seu?

/: Eu nasce aqui mesmo, aqui na Brasília chamada, eu morava pra li já te caiu aquela terra, meu pai tinha uma terra aqui que tinha 300 metros de fundo, e já caiu tudo, já caiu da minha sogra não existe mais, já estou na outra terra, caiu tudo pra dentro do rio Amazonas.

Fale um pouco sobre seus pais, seus pais são de onde?

/: Meus pais eram lá do boto, meu pai, agora a minha mãe

Do boto, da beira do rio ou do boto grande?

/: Não, era lá de dentro, igarapé do boto chamado

Eles são ai do boto mesmo?

/: Quem?

Os seus pais?

/: Ele era de lá, agora a minha mãe era daqui

De onde?

/: Daqui da Brasília chamada

Eles falavam da onde os pais deles vieram, os avos, seus avos?

/: Olha meu avô que eu ouvia dizerem né, era de Portugal, era português, meu avô minha avó, meu avô era Luiz Monteiro, não sei qual era o outro nome dele, e minha mãe era Maria Monteiro Gomes, que puxava do finado papai né.

Seu avô paterno era de Portugal? E por parte de mãe era daqui mesmo, dessa área?

/: Era daqui mesmo da várzea

Eles trabalhavam em que?

/: Trabalhavam em juta, cacau quando tinha antigamente né, trabalhava no cacau né, seringa tinha aqui

Nessa área?

/: Nessa área aqui, eu tinha um terreno ali, bem na medida, ai era seringal, mais hoje não existe mais, essa água mataram tudo

Essa seringa era plantada ou ela nasceu aqui?

/: Era seringal, não sei como começou

Seus pais, seus avos que trabalhavam ai?

/: É eles que trabalhavam ai, se cortava seringa ai

Vocês faziam o que com essa seringa?

/: A gente vendia na cidade

Pra quem?

/: Em Parintins

Tinha algum patrão, como é que era o nome dele?

/: Tinha, só que não sei o nome dele mais, não me lembro mais

Como é que era essa venda na cidade de vocês, vocês recebiam dinheiro?

/: Dinheiro, cernambi né

Como é que é?

/: Cernambi

O quê que é cernambi?

/: A gente tira o leite né, deixa qualhar ela e defuma

Me fala sobre o processo do trabalho da borracha, como é que é?

/: A gente cava um buraco na terra né, ai derrama as coisas lá né, ai deixa qualhar né, ai quando qualha a gente tira, tirava no pau né, espeta no pau, esquenta no pau, ai a gente tirava e defumava né.

Pra ficar duro?

/: É pra ficar duro

Então o senhor levava pra cidade a borracha né?

/: A borracha

Em que mediação ficava mais ou menos o lugar onde se vendia?

/: Olha eu não sei, naquele tempo eu era criança ainda

O senhor não ia na cidade?

/: Não ia, era difícil, era só canoa, não tinha outro jeito de ir né, depois que eu me entende mais, eu atravessava de canoa ai já o rio Amazonas pra vender verdura, que a gente plantava muita verdura né, roça tudo a gente plantava

Sempre teve esse comercio daqui da Brasília com a cidade?

/: Sempre teve

Me fale como é que seus pais ficaram cegos, seus pais ficaram cegos né, em decorrência do que, tem alguma relação com o tipo de trabalho?

/: Ficaram cego, não sei como foi, não sei mesmo

Os dois ficaram cegos?

/: Não, só um, outro morreu, tudo aleijada minha mãe morreu, negócio de reumatismo

Eles trabalhavam muito em que seus pais?

/: Juta, verdura tudo a gente fazia, a gente fazia farinha

Aonde?

/: Aqui, nessa frente era alto, antigamente não ia no fundo

Tinha casa de farinha?

/: Tinha, a gente fazia

E agora não faz mais farinha?

/: Não faz mais, não dá mais pra amadurecer, que vai pro fundo, as terra alta já se acabou-se

Porque o senhor acha que a terra cai?

/: Não sei, isso não posso te dizer

E seus pais, que eles falavam sobre a terra caída?

/: Não falavam, nunca ouvi eles dizerem nada, acho que a terra caída porque a água vem né, cheia grande né, passa lancha, passa navio né, aquelas maresias vão revirando aquela terra toda

Queria entrar na questão da juta. Queria que o senhor falasse sobre o cacau, por aqui não tem mais cacau né?

/: Não tem mais, não existe mais, ainda deve ter algum no meio desse mato, deve ter alguma árvore, acho que nem fruta mais dá, que a mata já tá grande

O que era a agricultura do cacau, vocês plantavam cacau?

/: Não, era várzea

Era nativo o cacau?

/: É, era nativo, a gente colhia, a gente secava, e vendia pro comerciante que tinha ali no paraná

Como era o nome dele?

/: O nome dele era Dodó

Ele tinha o quê? Um comercio lá?

/: É ele tinha um comercio, ele vendia tudo pra gente

O que ele vendia?

/: Tudo, negócio de comida, açúcar, café, sal, tudo ele vendia

É no paraná do meio que ficava esse comercio?

/: Não, nesse paraná mesmo aqui bem atrás, bem aqui, o forte é a boca dos Vieira que a gente chama n, bem defronte, bem ai era a casa dele

Ele era patrão de vocês?

/: Ele era patrão também

E ele era são patrão do cacau, ou da juta também?

/: Ele comprava juta também da gente, seringa também

A juta, cacau e seringa eles foram o mesmo tempo, assim o mesmo tempo que tinha cacau tinha seringa?

/: Não, cada um tem seu tempo

Como  que era?

/: O cacau tem o tempo dele

Qual era o tempo do cacau?

/: O cacau era no verão n que ele dá

Como  o trabalho com o cacau?

/: Cacau?

Como  pra vocês chegarem a venda do cacau? Vai lá colhe, faz o que depois, põem pra secar, como  que é?

/: Tinha um dia que secava n

Pois é, como secava?

/: Colocava no tendal n, espremia no tipiti n

O que  tendal?

/: Tendal  uma casa que a gente fazia n, que ficava fechado n, vamos dizer, aqui tinha um negócio n que corria pra fechar n, quando vinha chuva fechava n, era rápido, era igual isso aqui, mais são que essa cobertura andava

Como fazia o tendal, explique pra nós como  que , que material?

/:  de madeira, vamos dizer n, aqui tem pra onde correr n, l em cima daquela viga

De pau rolio?

/:  de pau rolio, tipo viga assim

Tirava onde, no mato?

/: Tirava por aqui, a gente comprava

Ai colocava a semente em cima do...

/: Tendal soalhado n

De que era feito o soalho?

/: De madeira, assoalhava espalhava pronto, ai quando vinha chuva corria fechava e pronto

Quanto tempo levava pra secar a semente do cacau em média assim?

/: Conforme o sol né (risos) uma semana estava bem seco

Como era a unidade de medida que media o cacau, é litro, é quilo, é saco?

/:A gente pesava

Pois é, é litro, é quilo, é saco?

/: Quilo

Quanto equivalia um quilo de cacau naquela época mais ou menos?

/: Não sei nem lhe dizer

Fazer uma comparação com o rancho, 1kg de cacau dava pra comprar quantos quilos de açúcar, de café?

/: Não sei

Por exemplo vocês iam vender lá na taberna do patrão né, é 10kg de cacau dava pra comprar o que mais ou menos?

/: Olha acho que dava pra comprar o rancho de casa, pouco mais dava, açúcar, café né, farinha, assim que a gente fazia, porque lá a gente trocava pra bem dizer né

Pois é!

/: O saldo era pouco que sobrava era pouco, vamos dizer naquele tempo chamavam arrobo pro cacau né, arroba é 15 kg

Um arrobo é 15kg, uma arroba de cacau dava pra trazer o que de lá?

/: Mais ou menos 1kg de arroz, dois de açúcar né, café, óleo, é mais ou menos isso

Ainda ficava devendo alguma coisa?

/: Não, era difícil, ainda ficava um saldinho, comida né? que ele vendia muito pirarucu de primeiro

Pirarucu seco?

/: Sim

Depois quero que o senhor fale sobre a pesca também. O senhor falou que começou a trabalhar com 11 anos?

/: Foi

Agente sabe que o trabalho da juta é muito penoso né?

/: Dezulivre

Quería que o senhor descrevesse aqui pra nós, como era o trabalho da juta, dès da semente, de onde é que vinha a semente, se vocês compravam onde, pegavam onde essa semente, o tratamento, como que se escolhia a área de plantio, como é que eu cuido dessa juta, quando

essa juta cresce, quando a agua vem, qual é a relação com a água, porque também ela se faz com a água não é?

/: Tem que ter água

Qual a relação disso com a situação física do corpo né, que se sabe que a água é o liquido mais universal que tem, tanto ela constrói, como ela destrói também, assim. Descreva pra nós como é que é esse trabalho da juta, que ainda agora o senhor disse pra nós que é um trabalho muito penoso, como é que é, semente, como é que vocês pegavam?

/: Olha a juta, a semente era o patrão que dava pra nós né

O patrão dava pra vocês ou ele vendia?

/: Vendia né, eu quero tantos quilos

Vocês iam lá pegar?

/: Pegava os quilos né

Não precisava pegar naquela hora?

/: Não, naquela hora não, a gente ia né, roçava, plantava ai, queimava né, quando queimava bem né a gente plantava de maquina

Que maquina vocês plantavam?

/: Uma máquina de plantar juta que tinha

Vocês tinham malva?

/: Não, era maquina chamada, era de fecho, tipo aquela de plantar milho, quando não agente cavava terra, semeava na terra ai quando queimava feio né? cavava no chão da terra, que de inchada a juta rende mais né, plantava.

Porquê?

/: Porque é mais semente, ela dá o filho né

O buraco fica maior?

/: Não, porque a gente joga mais semente, ai vela muito né, e na máquina não, só joga três sementes, quatro sementes, é assim graduado pra dá apoio

Vocês usavam mais inchada ou máquina?

/: Máquina e inchada, plantava numa parte da inchada

Essas maquinas, vocês adquiriam onde?

/: Olha a máquina totalmente agente mesmo faz, o problema de ter o bico, porque o bico da máquina é enrolado assim né, ele abre e fecha, tem um arame, é tipo a draga, a gente fazia uma caixa de litro né, de óleo de primeiro era só no litro né, a gente fazia, botava o arame aqui né, fura aqui e bota uma graduação assim né, ai a gente mete o arame pra lá, ai no que a coisa,

o arame puxa, assim que é a juta. Ai a gente plantava né, quando a gente acertava uma terra boa, era bom.

Qual é a terra boa?

/: Ai com forme a planta né, ai agente que a gente plantava aventurada né

Como vocês escolhiam o terreno de plantar juta, era em qualquer baixinho, ou tem que plantar no alto?

/: Não, quando semeado é na baixa né, olha essa baixa aqui

Só pode ser semeado na baixa, se não for na baixa, não pode semear, porque tem movimenta o solo?

/: Humrum. Olha essa baixa aqui tem condição de juta aqui olha, porque de primeiro não tinha água grande, ai a gente colhia, fazia uma pilha de juta desse lado e outro daquele, agora já tá aterrado né, ai agente passava né, seis, sente dias né, pra amolecer a malva né, que a juta é a malva, a juta dez dias, quinze dias né, a gente lavava, tirava o bagaço pra terra, tornava outra pilha, assim que a gente trabalhava aqui, daí dos tempos que deu já água grande né, ai a gente cortava a juta antigamente, não no dia santo né, com dois dias pra pegar a semana santa, ai já estava em terra, quando você ia a água já era aqui, nas cheia grande que já deu, de primeiro não era no ombro que carregava, a gente carregava mais ou menos, daqui pro Valdel, jogava pra lá da baixa, jogava de lá ou daqui né, assim que era o negócio.

Depois a gente continua essa questão da juta tá. Quanto tempo leva a juta da semente até a colheita, pra ficar bom pra colher, em que época também vocês plantava?

/: Olha, porque olha vamos dizer julho, é seis mês a juta, seis mês ela tá no jeito

Então começava a plantar que mês?

/: Vamos dizer vaza né, quando era semeado em junho, julho em agosto a gente já estava semeando, setembro, outubro, novembro, dezembro tinha que colher se não dava aquela queima que emagrecia muito, ai dava queima na fibra, dava umas nodas assim que atora tudinho a fibra lá, a juta é assim, agora quando a gente planta assim, tira com 4, 5, meses tá nova a fibra né, não dá queima.

Ai fazia a pilha da juta que o senhor fala o quê que era, amontoar?

/: Amontoava assim, quando tinha pouca água, a gente fazia um na ilharga do outro

Tinha unidade de medida, 1 metro de altura por exemplo?

/: Não, quando tinha muita água né, a gente só botava de 1 fecho emparelhado né, agora a gente escorava dali e daqui apertava, agora quando tinha pouca água, a gente botava um em cima do outro né, quando a gente não botava pau em cima, pouco pesado, a gente fazia de espeque pra afogar ela.

O que é espeque?

/: Era um pau assim, um pau a gente amarrava bem, e metia a vara em baixo né, empilhava em cima e amarrava lá em baixo.

E esse trabalho dentro da água, quais são os riscos desse trabalho da água, com os bichos, que tipo de bicho, que tipo de risco vocês tinham?

/: Poderia ter risco de qualquer bicho né, mais graças a Deus nunca aconteceu isso, o que pegava muito na gente era sanguessuga, era só, sucuriçu nunca aconteceu, amis é arriscado.

Arraia, poraquê?

/: Mais era arriscado arraia, poraquê a gente pegava uns baques sempre (risos), mais agora não tem mais, é difícil

O que aconteceu com os poraquês?

/: Acabaram, de primeiro quando não tinha malhadeira né, tinha tudo, agora não, o que vai na malhadeira morre logo, a mica é perigoso

A mica é a malha de pesca?

/: É!

Feito as pilhas de juta, como que vocês levavam pro patrão, ou pra cidade?

/: Era o seguinte, a gente ia lá vê né, como ela estava mole né, a gente descascava

Fazia a pilha?

/: É fazia a pilha

Deixa lá quanto tempo lá, de molho?

/: Uns dez dias, quinze dias, trinta dias lá de molho, pra amolecer

E depois?

/: Depois a gente ia lavar ela

Como é que é lavado?

/: Quem é bom de unha lava 50 fecho no dia, 50 fecho o dia inteiro, 25 de manhã e 25 de tarde, tinha gente que não lava, porque o fecho era de quatro palmo né, dava 2kg ou 3kg da fibra né, um fecho.

Um fecho dava?

/: 2kg ou 3kg

Esse trabalho era familiar, todo mundo participava?

/: Familiar, a gente pagava gente as vezes né, quando a gente estava aperreado

E sai da pilha da juta, e começa a lavara a casca da juta, e faz o que depois, ela vai molhada mesmo pra cidade?

/: Não, a gente faz varal assim, a gente finca estaca ne, ai bota a vara, ai a gente estende né, espalha né

Tipo uma roupa?

/: É tipo uma roupa

E reza pra não chover?

/: É reza pra não chover, ai vai lá

Quanto tempo, que o senhor disse que fica de molho na água, na pilha de juta, pra poder amolecer legal, e no varal expecto que senhor fala?

/: Se tiver sol bem, dois dias, três dias tá seco,

Estando seco a fibra lá, o que vocês faziam depois?

/: A gente tira de lá, a gente enfarda como chamava né, imprensa

Como é que é?

/: A gente coisa né, na terra, pega os paus e afinca né, faz viveiro tamanho dessa mesa assim né, muito grande né metade, carrega e faz né, dessa largura assim, finca os paus, 1,2,3, 4, paus ou 5, faz a prensa chamada né, a gente bota, pega o pau né, tchã e queda, ai bota da cabeça lá quebra

Qual era o pau que vocês usavam pra quebrar, porque nem todo pau quebra assim né?

/: Não quebra a fibra né, ai vai, vai, até a altura que a gente queira do fardo né

Que dê pro camarada carregar né?

/: É. Ai o que a gente faz, ai a gente pega os cordões que estão em baixo né, pega os cordão ai amarra um no outro né, ai pega um pau e mete aqui no cordão né, ai a gente pisa, e vai acochando aqui até imprensar, que fica dessa altura né, fardo pra 50kg, 60kg, a juta muito

Esse cordão vocês faziam com que fibra?

/: Com a fibra mesmo da juta

Pensei que era com envira?

/: Não, não, a gente faz dela mesmo, é segura

Tecia?

/: Não a gente só fazia enrolar e dobrava

Quando era arrumado lá no fardinho lá, vocês faziam o que com ela, levava pro patrão, as vezes o patrão mandava barco pegar?

/: Levava pro patrão, mandava, quando não a gente levava de canoa grande

De canoa grande?

/: Era perto aqui

Pra cima?

/: É, um pouco pra cima da ponta

Vocês só levavam pra cima da ponta, pra quem o senhor vendia?

/: É, sim pra cima da ponta, na cidade nós não vendia, finado José Tavares (risos)

Esses Tavares aqui dono de barco agora?

/: É, desses Silvazada agora, dos Carbrás

Dos Carbrás, desse que era prefeito?

/: É, esse que tem terra no paraná,

No paraná?

/: É, ele morava aqui, esses terrenos quase tudo era deles

Essa ponta aqui, até lá no Espírito Santo?

/: Essa ponta todinha

Então eles levavam pra lá a juta, e ajustava a conta, começava a ajustar, o quê? as semente que tinha pego lá no começo né?

/: As despesas também que a gente tirava né, a juta deu tanto desconta né

Essa produção lá era por ano, ou era todo mês?

/: Era por ano

Só tem trabalho da juta uma vez no ano?

/: Só uma vez no ano, que o tempo que a água vem né

Que é acompanhando a água, então tinha que fazer um jutal, é jutal que chamam né?

/: É jutal

Jutal bem grande pra poder ter algum saldo, pra poder ficar o ano todo né?

/: Não, mais meio quadro de juta dá muita juta

Meio quadro, quantas toneladas?

/: Duas toneladas assim

Quanto é que é o quadro de juta, de metros assim, porque a quitaria na verdade 100 quadrado né

/: O quadro que a gente mede, meio quadro mesmo, é 70x70, por que quem for fazer empreita, não vai empreitar meio quadro que é 100x100

Que dá certo?

/: É!

Vocês trabalhavam aqui no jutal de vocês, era familiar ou vocês empreitavam pra alguém?

/: Não era familiar só, só nós mesmo, meus filhos

E o senhor trabalhou no quintal de alguém também?

/: Não, era difícil, faltava algum fecho as vezes por cento, mais era muito difícil, trabalhava no meu mesmo

Aonde?

/: Cortava ali pra baixo, no finado Manoel morcego, é morto já

O senhor cortava pra ele?

/: É!

E ele pagava o senhor no ato do trabalho, ou só depois que ele vendesse a juta?

/: Não ele pagava, que naquele tempo o cento de juta eu nem me lembro quanto saia

Era bom o preço?

/: Era bom porque naquele tempo, cinco reais que a gente pegasse era dinheiro né

E agora?

/: E agora que não vale nada, agora se o cara for cortar, porque olha hoje em dia, vamos dizer o cara é 100, 100,00 reais o cento né, e não tem quem corte 100 fecho, não é qualquer um não, tem gente que corta, 100 fecho no dia

Hoje aqui na comunidade, alguém planta juta ainda?

/: Não, não tem mais, ali na cabeceira que ainda tem um que planta, deixemos só deu doença já

Como é que foi, esse processo de deixar de plantar juta, porque que deixaram de plantar juta?

/: Porque nós vimos que não dava mais, nós anos só pegamos reumatismo, mais dá, pra mim graças a Deus deu, até hoje de juta eu tenho um gadinho

Quantas rezas o senhor tem aí?

/: Eu tenho umas 20 rezas, por causa que vão acabando assim, nós de sociedade é pino...

De sociedade sempre os urubus comem tudinho né? (Risos)

/: Nós resolvemos tudo na justiça agora (risos) eu na justiça com um esperando a chamada até hoje

Os bezerros que nascem sempre morrem por último?

/: Mais esse aí, estava acabando com o gado graúdo

Estava acabando!

/: A novilha tudo ele matou, Thiago não sei se você conhece? Não conhece né?

Não! (Risos)

/: Thiago lá da cidade, esperando o juiz me chamar até hoje, estou esperando

O senhor falou que lá na casa do seu patrão lá no paraná, vendia muito pirarucu seco n, logicamente que não era todo tempo que vocês tinham pra ir lá comprar pirarucu n, e durante o ano como era situação da pesca como  que era aqui, vocês faziam pesca também?

/: Olha nesse tempo, que nós trabalhava em juta ninguém podia pescar, por isso que nós comprava.

Porquê?

/: Porque ninguém tinha tempo, porque a juta não dava tempo

No trabalho com a juta, o tempo sempre  pra juta, ela toma muito espaço?

/: , ninguém pescava, olha quando trabalhava com a juta, eu cansei de vir almoçar sete horas da noite, oito horas

O dia inteiro?

/: É o dia inteiro, mais sabe porquê? Não tinha o arreio pra pegar peixe, ai nós ia pegar, porque nós ia por cima do p de juta

Como  porongar?

/:  carboreteira como tinha de primeiro.

Como  que constrói a poronga?

/: Eu não sei, tem, eu acho que ainda existe n, agora era uma lata de pilha, colocava na cabeça, uma zagaia, tem até uma ali (risos)

A poronga também se colocava na cabeça?

/: Na cabeça. Não!

O senhor sabe fazer poronga? Não tinha malhadeira?

/: Não! porque essas porongas de primeiro a gente comprava, era tudo metal n, não tinha malhadeira

Em qual loja vocês compravam, em qual casa?

/: Deixa eu ver se eu lembro, era difícil, Desulivre, carboreteira era coisa de, parece que nem mais vende carboreto na cidade, é mais lanterna, de primeiro era carboreto, atingia um metro no fundo ai,  senhor a gente não tinha tempo pra pescar mais quando já.

É por isso que tinha que comprar então?

/: Tinha que comprar, se não quisesse passar fome tinha que comprar, não tinha malhadeira, e olhe quem inventou malhadeira aqui pra essa nossa comunidade, até hoje eu falo, foi esse finado Z Tavares, ele trouxe um paraense, um trabalhador.

Que sabia fazer?

/: Trouxe de l de Belém, sei lá da onde, duas malhadeira, uma mica, até me deu uma, eu mete até no olho queimado que não pegava era nada, foi o começo.

Porquê?

/: Porque eu mete no olho queimado que era branco né, abestado a gente não sabia naquele tempo né, era água preta né, tinha que ser preta a malhadeira, toquei no olho queimado, pode botar na água nenhum galho, de jeito nenhum não pegava peixe.

Porque os peixes enxergavam a malhadeira?

/: Eu não sei dizer o porquê senhor, porque tem o óleo

Por causa do cheiro né?

/: Porque solta aquela rezina na água

(Risos) Espanta né, a vinda dos peixes?

/: É, basta dizer que o óleo queimado até pra sucuriju é bom, pode botar um rói, pinga assim para as galinhas que lá eles não mechem, eles não roem não, vai embora

O senhor fala que sua juta não ia direto pra cidade?

/: Não!

Os patrões que compravam aqui?

/: Os patrões que compravam e levavam

O senhor sabe pra onde os seus patrões levavam essa?

/: Ficava ai na Fabril, no Caçapava

Fabril e Caçapava?

/: Eles fiavam lá e fiavam pra nós era assim o negócio deles

Eles deviam pro dono da Caçapava?

/: Eles deviam lá e nós devia pra eles

Um devia o outro então na cadeia né, na cadeia produtiva?

/: É

Nunca vocês conseguiam, porque aqui é mais direto né, nunca vocês conseguiam atravessar pra vender juta na cidade então?

/: Não, nunca nós vendemos, na cidade nunca nós vendemos.

Ninguém aqui da Brasília vendia?

/: Não, ninguém!

Todos daqui era vice patrão?

/: Todos era vice patrão, mesmo quem estava ali o Dodó, chamado.

E dá um tempo na juta agora, queria que o senhor falasse um pouco aqui sobre a Brasília, sobre quais são as famílias mais antigas aqui da Brasília, assim que são descendente, que estão vivas por aqui, os Pererazadas, Pedrenozadas, quem são as famílias mais velha da comunidade, que depois vai chegando uns né?

/: Dos mais velhos, dos velhos já se foi que eu conheço, tem o compadre careca

Pois é os descendentes dos mais velhos

/: Pois é, tem o compadre careca ali né

Careca, como é o nome dele?

/: É, como é o nome do compadre careca então meu bem? “Faustino Jacauna”, Faustino Jacauna, tem ali o João Ribeiro, o pai do Arildo não sei se o senhor conhece?

Já ouvi falar. Jacauna, Pinheiro.

/: Tem ali a minha cunhada ali a Juzefa

Juzefa, qual o sobrenome da Juzefa?

/: Como é o nome da família dela? “de quem?” da Juzefa? “é a família Costa”, família Costa

Quem mais?

/: Dos velhos mesmo, velho

Dos descendentes deles!

/: Tem ali meu sogro, que mora em Parintins também

Qual o sobrenome dele?

/: É o Rivaldo

Pois é mais qual é o sobrenome dele?

/: O nome do teu pai Oziane? “ Rivaldo Ribeiro da Silva”, tem a mãe dela, todos os dois são velhos idosos, idoso mesmo, 80,90 anos. Que ali do paraná ainda conheço a comadre Conceição que tá na cidade né

Esse Jacauna que o senhor fala, é mesmo pessoa do paraná do meio?

/: Jacauna?

É.

/: Jacauna é meu compadre

Pois que fica no paraná do meio né?

/: Não, do paraná do meio é pra li

Os pais do Zizildo?

/: É aqui no meio, quase defronte aqui da nossa casa

Os jacaunas são os mesmos, do Zizildo?

/: É

Eles tem parente por aqui então né?

/: Tem o Valdino Jacauna, Valdino é esse aí,

Ele é irmão da senhora, mãe do Zildo né?

/:Não, ele é sobrinho a modo.

Já fui na casa dela, lá ela ainda tem muito cacau ainda

/: De quem?

De uma senhora que mãe desse...

/: É da Nilza, velinha também, é mãe do Zildo também tem um cacauzinho.

Assim essas famílias sempre moraram dispersa uma da outra, como é que foi pra comunidade fez pra se juntar, construção de igreja, e todas essas outras coisas ai, o que o senhor sabe sobre essa chegada da igreja ai?

/: De primeiro, a primeira igreja não era aqui não, ali no nosso terreno que nós tinha, onde já caiu tudo

Lá onde tem um campo agora?

/: É mais é muito pra fora

Tem um campo e uma sede?

/: Isso

Naquela direção era a comunidade lá, a comunidade que eu digo, o centro comunitário é mais pra baixo, onde tem um campo, tem um centro lá que fazem festa

/: É tem um campo lá, lá já é outra coisa já, São Sebastião de mastro que chamam, que já é comunidade já, ai veio de lá que o meu finado irmão botou bem atrás daquele grupo que esta ai

Qual era o nome do seu irmão?

/: Valdino

O Valdinho mora aqui?

/: Não, ele já é morto já, é marido deixa eu ver, esse meu irmão, ele é esposo da dona Juzefa

Dessa que foi entrevistada?

/: É,

Como é que foi pra fazerem essa igreja aqui São Sebastião?

/: Como é que foi, é que nós viemos de lá né, nós já estava pro lado de lá né, ai nós fizemos, ele fez aquela dali, daí foi, foi, ai escangaralharam né, ai mudaram mais pra trás ela, ai foi, foi, tornou chegar onde está limpo agora né, ai nós tiremos, foi que entrou a comadre Rosário né, com ela né, que era coisa do camarão, ai fizeram aqui, ai mandaram ela trouxe lá da cidade né, e fizeram essa igreja aqui.

De madeira né?

/: É de madeira aqui

E o santo, a imagem do santo São Sebastião, quem foi que trouxe?

/: Foi esse Zé Tavares finado

O patrão de lá?

/: Foi ele que deu, foi assim que foi fundada a comunidade, ele deu esse santo ai, era dali ai veio pra cá, foi ele que deu dado mesmo o santo, só que não é mais aquele santo

O primeiro santo foi lá pra baixo né?

/: É mais era o mesmo

Que depois, como é que foi esse processo da igreja vir pra cá, com o mesmo santo, mais não ficou lá, ficou aqui, você lembra de algum padre que veio nessa época por ai?

/: Padre?

É!

/: E Tinha muito padre, um padre que vinha por aqui, padre Virgíneo, tem até padre morto que vinha aqui e tudo

O senhor já falou dos mortos, eu quero que o senhor fale desse pessoal aqui. E santo particular tem algum santo? Santo particular é aquele que não é da igreja?

/: Santo particular tem aquele dali que tô dizendo

São Sebastião do mastro?

/: São Sebastião de mastro que chamam

São Sebastião de mastro, qual a diferença do Sebastião de mastro, pro São Sebastião que é da igreja?

/: Eu não sei, olha essa festa lá, o finado meu irmão era presidente dessa comunidade, e fazia festa dele lá né, e assim

Então ele era presidente desse católico daqui?

/: É fazia, nós se juntava que era católico também, ai foi, foi que ele

Qual é a diferença dessa festa daqui pra aquela que, tem arraial aqui?

/: A diferença é que lá dão comida, então dá mais povo né, é assim né

Descreva como é a festa do mastro lá?

/: A festa dos mastros é que eles enfeitam os mastros né, dois mastros, ai eles aficam.

Porquê são dois mastros o senhor sabe?

/: Porque acho que é pra querer mais dinheiro, porque assim, as vezes botavam bandeira né

Qual é a cor da bandeira?

/: Eu não sei, já faz tempo que to sem ir lá, não vou não, nunca fui

O senhor não gosta?

/: Porque não amo, não aparece a comunidade, tudo que arrumam não se sabe, entendeu? Esse negócio

O que acontece na festa do mastro, o pessoal acorda cedo solta foguete?

/: É fazem a alvorada ai fazem a festa

Como é que é essa festa?

/: Passa o dia no torneio né, e a noite de festa, quando é de manhã assim duas horas, vão derruba o mastro, ai os mordomes que assinam lá que dão o dinheiro, ai chamam né, cada um dá o nome né, vai, vai até cair né, quando cai, ai o povo invade né, pra tirar as frutas outas coisas né

O que coloca no mastro?

/: Tudo, fruta é tudo quanto é fruta

Que tipo de frutas vocês colocam?

/: Pupunha, tudo, tudo, tudo

Vocês que compram essas frutas, ou alguém que dá?

/: Não, é que dão, ai quem pega aquela bandeira lá, vai ter que dá, ou a comida ou coisa, o musico entendeu?

Pro próximo ano já?

/: Pro próximo ano, ai pedem pra assinarem né, quanto a pessoa vai dá

Na mesma hora?

/: Ai tem aqueles otários né, que falam eu dou tanto, eu dou um boi, eu não vou lá senhor, eu nunca fui

Porque o senhor acha que as pessoas dão um boi?

/: Não sei

Esse santo lá do mastro ele tem promessa, você acha?

/: Não, é porque ele está chamando pra trocar diretoria né, é do meu sobrinho, filho desse finado Vardino, agora faz a festa, já tem uma associação lá né

Separada dessa aqui?

/: É, tem essa e tem aquela lá, tão chamando era ontem, ou era hoje

Que época que é essa festa do mastro lá?

/: Quando foi a festa de lá? “, foi em fevereiro” foi depois dessa né, “foi final de fevereiro” é foi final de ferreiro mesmo

E essa daqui é no que época é?

/: Essa aqui dia 3 de fevereiro

Dia 3 de fevereiro. Em fevereiro foi do mastro, essa aqui foi em janeiro eu acho né, dia 20?

/: É em janeiro mesmo, não fizeram dia 20, fizeram antes, teve que fazer antes, dia 20 tivemos que ir pra cá pro Divino, tem muito santo ai

Onde?

/: Ai tem o Divino e o Sebastião de mastro também lá

Também lá perto do mastro, vocês já foram na festa do Divino lá?

/: Passamos a festa do Divino lá

Como fazem a festa do Divino e do Mastro?

/: Quando era o finado Brasileiro que era dono de lá, era muito bom a festa lá, a sedia é bonita lá, mais depois já não prestou mais, que já pegou o Evaristo, ele só que pra ele, essas festas ai, é pra ganhar dinheiro, é essas festas assim, o senhor não viu o São Lazaro?

São Lazaro era do Aduacá?

/: Os Tavares só não tem Deus, tudo eles tem, só falta avião pra eles, mais lancha, barcos, essas festas assim que ele coisa, o mesmo tipo

Porque o senhor acha que eles distribuem comida para as pessoas, nestas festas assim, na outra daqui não tem comida?

/: Pra recuperar o que ganha

Mais eles cobram essa comida?

/: Não, é dada, mais não são eles que dão, não é a festa que dá, é o povo que dá, o povo dá, o povo comi

O quê que o senhor acha que o povo dá?

/: Não sei, eu no meu ver, são otário

Como é essa festa do Divino, a última vez que o senhor foi lá?

/: Era boa a festa, muito boa, tudo que ia lá comia bem, e aparecia naquele tempo, que o primeiro presidente de lá deixou uma sedia bonita, agora...

Pois é quantos dias são a festa do Divino?

/: Era três dias de festas

Como é que é, começava como com alvorada?

/: É alvorada, rezava, essas ladainhas ai

Como é que era a ladainha, quem é que rezava?

/: É eles, o finado Brasileiro que coisava, agora daqui tinha uma ladainha todo sempre

Quem era que rezava a ladainha daqui?

/: Daqui nem posso lhe dizer, que não vou lá (risos), eu não vou senhor, nunca eu fui depois, de primeiro que era meu irmão, que era pra lá eu ia, a gente via o que dava, mais depois entrou filho rumm... o meu irmão que era meu irmão não apresentava tudo.

O senhor falou que o trabalho da juta era família né? homens e mulheres tinham o mesmo tipo de trabalho?

/: Tinham, tinha mulher que era boa de unha pra lavar juta, pra cortar

Tanto de derruba quanto de cortar, qual era o trabalho de mulher?

/: *Elas faziam o mesmo que a gente fazia, cavavam terra, plantavam de máquina, é antigamente eram trabalhadeira, mais hoje em dia não tem mais*

É hoje em dia não tem mais mulher trabalhadeira?

/: *É não tem mais, é difícil*

Sobre esse trabalho na juta o que mais o senhor gostaria de falar pra gente, o que marcou seu trabalho na juta, começou falando das dificuldades né, que mais que o senhor colocaria pra gente, o que mais o senhor lembra do trabalho da juta de bom e de ruim?

/: *Que eu fiquei com um gadinho né, não é muito, mais deu pra comprar, minha casa que eu comprei*

Essa casa aqui?

/: *Tenho um terreno na cidade*

Onde fica essa sua casa na cidade?

/: *Não tem casa, só tem uma casinha velha, tenho só o terreno, que vou nadar fazer agora*

Onde é?

/: *Ai no Paulo Correia, rua 2, tem a casa bem na ponta, tem uma goiabeira é meu, to comprando tijolo pra mandar fazer, é isso só, bajara*

Tudo isso é trabalho da juta, e as coisas ruins da juta, quais são?

/: *Não achei ruim, pra mi não foi ruim não*

O senhor já é aposentado hoje?

/: *Já senhor, faz cinco anos que me aposentei, me aposentei com 60 anos, estou com 65*

E a sua relação com a cidade de Parintins, o senhor fala que não é muito de tá na comunidade né, que não gosta de participar das festas, e na cidade como é sua relação com a cidade?

/: *A cidade é o seguinte, eu só vou mesmo quando é pra fazer as coisas, que eu não amo muito tá lá não*

Porquê?

/: *Porque não gosto de demorar, quando vou com a mulher, ela fica é brava, que pra sair de lá, pra chegar aqui é quase 1 hora né, eu vou na cidade e rápido, só demoro quando é pra vender, isso até meio dia, que esse ano ninguém vendeu, ela operou a vista né, ai nós demos nosso produto pra comunidade, pro meu cunhado, pra minha cunhada até hoje ainda estão vendendo*

Eles tiram da roça de vocês?

/: *É*

Além da juta do trabalho do cacau lá, eu queria que o senhor falasse um pouco dessa agricultura também família, como é que, o que vocês já plantaram na vida de vocês, além da juta, desses produtos que levam pra cidade?

/: planto tudo quanto é planta de fruteira, melancia, melão, jerimum, maxixe, banana, milho meu principal, tudo e as hortaliças também, planta alface tem uns barcão bonitinha

Quem é que ajuda quem aqui?

/: Nós dois aqui

O senhor ajuda a sua esposa, não mais qual é o trabalho mais forte aqui, o do senhor é mais forte que o dela?

/: Não, ela só não cuida dos animais né

O senhor tem máquina?

/: Tenho máquina, tenho veneno, meu trabalho é assim né, no terçado é difícil eu pegar

Terçado o pessoal estava de manhã né?

/: Só ela que pega pra capinar

Tao usando mais máquina também até por causa de cobra.

/: Eu já teve três máquinas, uma ainda tá aguentando, uma está jogada pra li, essa STIL ta demorando mais

Eu sei a marca STIL é melhorzinha.

/: Tem hora que ela me dá uma raiva, mais vira e pega, é assim senhor, é mais no veneno

No paraná, assim, sabe que na várzea, é tem essa época da cheia por exemplo, tem muita gente que tem outros terrenos em outros lugares né, o senhor falou que tem gado, e sempre dá pra fazer maromba pro gado, quase todas as pessoas da várzea tem terreno na terra firme, vocês tem esse terreno?

/: Não, a gente não tem, a gente dá de sociedade

Vocês dão de sociedade pra alguém levar o gado, nunca tiveram terreno na terra firme?

/: Não, não

Mais parentes vocês tem na terra firme?

/: Tem

Qual é a terra firme dos parentes de vocês?

/: No Mampurú, Jará, primeiro meu gado dei pro meu compadre que tava lá no Jará.

Qual é a comunidade, é a comunidade logo abaixo?

/: São Sebastião

Que já faz fronteira ali com Barreirinha né?

/: É

No fundo já é Barreirinha, do Mamuru qual é a comunidade?

/: Eu não sei o nome da comunidade

O gado de vocês vai pra lá, quando tá cheio?

/: Não, não, agora tá pra cá, pro Tracajá, tá no Tracajá agora

O senhor falou que teve dois patrão, um daqui da ponta do José Tavares né, e o Dodó, fale um pouco deles assim o quê que o senhor lembra, como é que eles eram assim, eles tinham muita gente que trabalhava pra eles?

/: Eles tinham, pagavam gente

Eles pagavam as pessoas?

/: Pagavam

Eles criavam gado também ou não?

/: Criavam, eles tinham gado aqui

/: Era campo deles ali, onde está minha terra, minha casa, onde eu estou trabalhando, era campo de gado, mais já faz muitos anos, já ficou até agoiro, era deles agora não é mais

Mais eles eram patrão de toda essa região?

/: Toda, pra bem dizer todo

Tinha outros patrões pra cima pra banda da Vila Bentes pra li

/: Tudo, não, não era só eles mesmo

Eles compravam todo tipo de produto?

/: Tudo

O quê que o senhor aprendeu na sua vida aqui na Brasília, o senhor fala que não gosta de tá na cidade né?

/: Não gosto

Em todos esses anos vivendo na Brasília, o que o senhor aprendeu o que é viver na várzea aqui na Brasília, que o pessoal de outras regiões, olha pra várzea como uma vida muito dificultosa né, ruim né, o senhor que nasceu e viveu aqui na várzea o quê que significa viver aqui na Brasília pro senhor?

/: Eu acho é bom, pra mim significa que eu acho muito bom mesmo né, que me criei aqui né, tenho fé em Deus em morrer aqui

Quais são as coisas boas da várzea, o que dificulta mais?

/: Boa porque eu planto

A várzea é fértil né?

/: Gosto da várzea, é mesmo que andar na cidade, primeiro não que eu conhecia a cidade só tinha duas ruas, tinha só a cathedral, mais ainda não estava pronta, tinha só o são benedito

Me fale da sua ida pra cidade? Com quem o senhor foi? Fazer o quê?

/: Eu ia com o finado papai vender verdura, ai tinha essa família ai que é da minha cunhada, ai tinha lá no São Benedito a venda deles, ai eu ia pra lá né, de primeiro eu caçava pra lá, que eu era solteiro, namorado ai eu ia embora (risos), é eu ia me embora passava semana pra lá, mais depois de uns tempo eu já não gostei mais, aumentou a cidade né, mais quando esse tempo não tinha, mais podia sair qualquer hora da noite, não tinha perigo, caboco arrumava um maço de cigarro dessa ia embora, essa é minha ida na cidade.

Ai depois o senhor passou a não ir mais?

/: A não ir mais, não gostei mais, com medo já

Nem vender os produtos mais?

/: Não vende eu ia, eu vou acompanhar a mulher

Vocês vendem onde?

/: Eu vendo ali no lado do mercado

Qual a sua função na venda, o senhor fica lá no lado da sua esposa vendendo?

/: Fico, vou ver o esquema do motor lá na beira

Que horas vocês saem daqui pra lá?

/: Sai 5 horas da manhã, chega cedo lá

Vocês vão de quê?

/: De bajara

Qual é a força da bajara de vocês?

/: 18

Mais é coberta ou não?

/: É coberta, 12 metro ela é grande, tinha uma pequena mais eu fiz negócio com meu filho, já tive muita bajara, já teve motor, já vende, vou vendendo, não dá certo, eu fiquei com essa de 12 metros.

Bom seu Fadô, a gente agradece a sua disposição em conversar com a gente, suas memórias serão juntadas com outras memórias da comunidade e como nós conversava ali no baile de manhã, esse trabalho é um trabalho de pesquisa né, não é só trabalho como a senhora estava falando que passa tanto por aqui que pegam né, então esses trabalhos de pesquisa são pra da melhor conhecimento pra gente da comunidade, sobre as comunidades, nossa função não é trazer água encanada, não é trazer matérias pra vocês. É porque nossa função é fazer pesquisa, é produzir conhecimento, usando o conhecimento de vocês, com o pensamento de vocês, a comunidade de vocês ela se torna conhecida em outros espaços.

Entrevistador: Everton Dorzane Vieira

Eu vou... perguntar do senhor, da sua identificação, identificação seu nome, sua naturalidade, data de nascimento, escolaridade, a profissão que o senhor exercia ou que o senhor exerce ainda, estado civil, o senhor pode se identificar normal, fale seu nome completo, sua idade?

Eu nasci em 1940.

Em 1940?

É. Dia 31 de março, estou com 77 anos já vou pra 78, esse mês que vem agora já vou fazer 78.

Março?

É.

Qual seu nome completo?

Meu nome completo é Valdino Jacaúna Franco. Valdino Jacaúna Franco.

França?

Franco!

Franco?

É! E... Mas meu nome, só nos meus documentos, que tudo por ai só me conhecem como Careca, até no Belém do Pará, onde eu tive por lá me chamavam assim. Careca.

Onde o senhor nasceu?

Eu nasci aqui em Parintins.

Parintins?

É.

Em Parintins em 1940?

É. Ali na... me esqueço o nome da rua... que sobe do... do... do Cais (gesticulando) direto, sobe 3 ruas só, eu nasci aí.

E a sua família, nasceram aí?

A minha família?

Seus filhos, suas filhas, sua esposa?

Um bocado nasceu no interior, no Paraná do Espírito Santo.

E o seu pai, qual origem dos seus pais?

Ah, meu pai, rapaz, meu pai era... ele... não era daqui meu pai, meus avôs também não eram daqui.

De onde eles eram?

Meu... meu bisavô, era maranhense, minha vó era portuguesa, portuguesa mesmo daquela de falar feio, braba, um cão.

Sua vó?

É, minha vó. Minha mãe já puxava, já era, cruzava o sangue sabe? Português com maranhense. Entendeu como é?

E os seus pais nasceram aqui?

Nasceram aqui

Seus pais né, seu avô maranhense, sua vó portuguesa, aí vieram morar no Amazonas?

É vieram morar no Amazonas, aí no Paraná do Espírito Santo.

Eles eram pais de sua mãe?

É sim.

E do seu pai?

O do meu pai, era ali do Boto, do igarapé do Boto chamado, lá onde o pai dessa (aponta pra Raissa) foi nascido e criado.

Quantos filhos o senhor têm seu Valdino?

Só 11, diz que o mentiroso (risos), só com essa primeira mulher 11. Com essa segunda. Só com essa primeira, segunda, terceira mulher... 11. Agora que uma lá em Terra Santa tem uma menina, e com um que eu casei com ela ali no Caburi eu tenho só um filho.

Então são 13 no total?

É, 13.

E netos?

Bom rapaz...

Tem muito neto desses 13?

Tem muito.

E qual o seu tempo? O senhor sempre morou em Parintins? Nunca mudou de Cidade ou de Estado?

Sempre, sempre. Daqui dessa rua (gesticulando), dessa travessa, nós compramos, nós vendemos nosso terreno lá do interior, meu pai vendeu, e comprou aqui no São Benedito (bairro na cidade de Parintins), não tem aquele mercadinho ali do São Benedito, pro lado daqui assim (gesticulando), era nosso terreno, divide com meus irmãos ali, era porção, nós era pouco, nós era 18, aí né, depois do velho morrer, nós dividimos, nós dividimos, cada qual, aquele que pôde comprar uma parte comprou, só ficou dois, no terreno só, uma irmã e um irmão.

O senhor sempre morou em Parintins e no interior?

Sempre, sempre.

E lá na Brasília, o senhor mora há quantos anos na Brasília?

Lá na Brasília, estou com 54 anos.

Com 54 anos? A sua juventude era aqui na cidade?

Era aqui na cidade, quer dizer eu... os meus pais paravam aqui, eu andava rebolando.

O senhor estudou até quando?

Eu fui pro Careiro, quando eu fui pro Careiro, pro... é... tive no Careiro... eu estava com 19 anos, eu estava com 19 anos.

O senhor foi trabalhar?

Eu fui trabalhar pra lá. Trabalhei no Porto Velho, num município de Porto Velho, eu trabalhei já com 22 anos. Caracarái também, nessa época eu trabalhei em Caracarái.

Caracarái é lá em Roraima?

É... lá em cima... lá em cima.

E sua escolaridade, o senhor estudou?

Não, nessas partes assim que eu andava, eu não estudei não.

Não?

Não.

Era difícil o acesso à escola?

Era difícil... Naquele tempo tudo era difícil... Eu vim aprender um bocadinho, logo quando nós morava aí no Paranazinho, e isso a professora aí, morava numa distância que era de uma hora, nós só ia a cavalo, pra aula. Hoje em dia não, o camarada não aprende hoje em dia, se ele não prestar, o Governo dá é tudo, com perdão da palavra, só falta arrumar onde ele cagar. É que outra coisa o Governo dá, é transporte, é comida, é tudo. Naquele tempo não, pra você estudar, você assava um pedaço de pirarucu, sua mãe assava um pedaço de pirarucu, botava um bocadinho de farinha, e você ia pra aula, só pra vim 3 horas. Agora não. Agora.

Quando o senhor viajou, quando o senhor voltou para Caracarái, e quando o senhor voltou que o senhor foi pra Brasília?

Foi!

Lá pelos seus 25 anos por aí?

É... eu estava... quando fui pra ali, eu estava com 29 anos.

29?

29.

E de lá até hoje o senhor praticamente mora na Brasília?

É... eu casei com a “mulher” do Totonho (Antônio Ribeiro), a velha me deu esse pedaço de terra, aí... nós...

Bom. E o seu trabalho, o senhor falou que trabalhou viajando, como foi o seu ramo, quando o senhor começou a trabalhar? Senhor tinha quantos anos quando começou a trabalhar?

Quando eu estava com 10 anos, a minha mãe me botou com seu Cláudio Brandão, colhendo cacau aí no Boto. Carapanã mano, carapanã, carapanã, que tua fazia assim (gesticulando), quando tu olhava aqui tua mão tava negra, olhava assim pra trás da tua costa aquilo tava assim (gesticulando), pra te trabalhar tu tava. E nessa época seu Cláudio Brandão, ele fez nós fumar, e nós fumava que era pra nós enxergar, soltava a fumaça do tabaco né, a fumaça do tabaco, ele comprava um tabaco fraco, não sei se ainda existe, num coisazinho assim fraco, chamado onça. Ele fazia aquele cigarro antes de nós sai da casa né, pra nós ir colher o cacau, nós ia colher o cacau, até... ai... Lá no barracão, um barracão grande assim, onde nós amontoava o cacau, lá tinha fumaça nesse canto, aqui, lá, lá, lá (gestos), tinha fumaça, aquela fumaça afastava os carapanãs.

O senhor trabalhou quanto tempo com ele?

Eu trabalhei com ele 8 anos.

Dos 10 aos 18 anos mais ou menos?

É, mais ou menos. Foi o tempo que a mulher dele morreu.

Só com cacau?

Só com cacau, foi tempo que a mulher dele morreu, e esse Santo Agostinho, que tá o gado da Loura, lá era dele. Ele tinha muito gado ali. Um casarão que era uma beleza. Aí a mulher morreu, ele pegou e vendeu. E foi embora pra Belém, de lá eu não sei mais a vida dele. Os filhos dele, não sei mais. Moravam pra lá pra Belém.

E depois daí, de lá o senhor foi trabalhar onde?

Ai eu fui trabalhar na juta já, entrei na juta com meu pai.

Aos seus 18 anos por aí?

É, por aí. Naquele tempo, mais quando. Naquele tempo até avião botava nós pra correr. O primeiro avião que apareceu, nós fomos pro aningal, fomos pro aningal, com medo, ele veio assim meio baixo. Aquele barulho, naquele tempo tinha o tal de pega-pega (risos), e nós era tudo assim, o menor era como essa aqui (aponta pra uma criança). Papai trabalhava com gado, mamãe trabalhava na roça ai na frente, ela vinha de longe e parava lá atrás, ela vinha por terra a cavalo, na terra da minha finada avó, a cavalo, e vinha plantar roça ai nessa frente, ai onde tá caindo, ai no São José, tá caindo tudo. Aí minha mãe vinha trabalhar aí, pra ter o que comer e o que beber pra nós. E naquele tempo, o cara que trabalhava, suava a camisa, ganhava 2 mil réis, 2 mil réis. E ainda tinha mais isso o patrão tava em cima, se ele arriasse um terçado fora do horário ou pra beber uma água, ele só ganhava 10 contos.

Não podia parar?

Não podia parar (risos)

Então o senhor começou na juta trabalhando com seu pai?

Com meu pai.

Ele já trabalhava?

Já.

Depois o senhor largou o seu primeiro trabalho e foi com ele?

É, primeiro meu pai, ele trabalhava com gado e depois, acho que ele entrava no Paraná pra pegar lenha né, lá na casa do meu avô, com minha vó, lá era depósito de lenha, e as lanchas era Barão do Amazonas, Barão de Cameté, A Onça, e Guina. Eles pegavam, lá era paradia deles pegarem a lenha, porque naquele tempo as máquinas só era na lenha. Daí eles varavam ai e entrevam no Paraná, e dai varavam lá em cima. Daí eles iam pegar do Caburi, pra lá que eles iam pegar bera do Amazonas.

E a partir daí, como foi o seu trabalho na juta?

Foi um japonês, esse japonês, o Ryota Oyama. O pai dele, quando veio pro Brasil, trouxe a juta aqui (mãos), a semente, nas unhas, a semente. Ai ele semeou, e começou a plantar, tomate, cebola, essas coisas, cheiro-verde, feijão, macaxeira, jerimum. Aí ele trouxe, e fiz um balcão, e semeou a juta, a semente. La ele deixou amadurecer, ele apanhou tudinho. Aí ele foi fazer o

roçado para plantar, era na enxada. Semeava assim, era na enxada e outro já vinha com garizinho, espalhando aquela terra, pra ficar, pra semente ficar em baixo. Depois inventaram a máquina, depois de inventarem a máquina, ele mesmo inventou o japonês, depois dele inventar a máquina, ele parava aqui na Vila Amazônia, até hoje ainda tá o retrato dele lá na Vila Amazônia. E ele inventou aquela máquina, ela jogava assim, pra ela, 4 sementes, 3 sementes, pra ficar na terra, fazia uma lera daqui assim de largura (gestos). Aí eu batia um quadro, cansei de bater um quadro no dia. Das 6 horas da manhã até 5 da tarde eu plantava um quadro. Depois dele se favorecer na máquina, você tinha ligeireza de plantar, era aí depois teve máquina pra plantar arroz, milho, feijão, tudo ele inventou as máquinas. Inventado todo esse trabalho foi o japonês, não foi nada por brasileiro daqui dessa terra não.

Naquele tempo que o senhor começou a trabalhar com o seu pai, quem que lhe pagava, era ele? Senhor trabalhava pro seu pai ou o pro patrão mesmo?

Não tinha pagamento, o pagamento era boia (risos).

Era boia é?

É (risos)

Como que era a troca? Vocês trabalhavam?

Ele que botava a despesa pra nós trabalhar. Ele só ia comprar uma roupa, uma coisa pra nós, com que nós nos beneficiava, entendeu? Aí pra nós ir numa festa, ele nos dava um dinheirinho, pra um pra outro, também acabou, acabou, não viesse pedir que não tinha mais.

Então vocês trabalhavam, ele dava um rancho, comida, pela mão de obra. E quanto tempo vocês trabalhavam por dia, quantas horas por dia, o senhor lembra mais ou menos?

Ah! Nós entrava no serviço 7 horas e saía 10 e meia a 11 horas.

Da noite?

Do dia, do dia. Eu entrava 1 hora e saía 5 horas da tarde. Aí nós saía, ia ver gado, bater bola.

Aí no outro dia de novo?

No outro dia de novo.

Por quanto tempo o senhor trabalhou assim na juta?

Senhor eu trabalhei mais ou menos, mais de 15 anos na juta.

Aí o senhor trabalhou com seu pai há quanto tempo?

Rapaz não teve época com meu pai, porque eu parava assim, pra cima e pra baixo, diz o vagabundo (risos).

O senhor trabalhou pouco com ele?

Pouco com ele.

De lá o senhor foi trabalhando sozinho?

Com seu Didi Vieira, dono de tudo esse terreno ai, eu trabalhei com ele 15 anos.

Com juta?

Não, com gado.

Isso já depois da juta?

Isso já depois da juta já. Eles ficaram na juta. Aí mais um tempo, a juta não valeu mais nada. Você plantava um quadro de juta, não dava pra você se manter.

Estava perdendo valor na época?

Estava perdendo valor. Olha, tava dando 2,50 eu escutei aqui no rádio, parece que 2,50 o kilo. Não dava pra comprar 1kl de açúcar.

Eles falavam o porquê estava perdendo o valor a juta?

Não, não falavam. Aqui na Caçapava, ai era que a gente trazia e entregava ai.

Entregavam no Caçapava?

É, no Caçapava.

Qual era o barco, o senhor lembra o barco?

O barco?

É o que trazia, o motor?

Ai tinha José Augusto, tinha Câmara. Tinha vários.

Era o patrão que era responsável?

É, era o patrão que era o responsável.

Vocês embarcavam lá?

É ai nessa ponta aí e trazia pra cá.

O senhor trabalhava nessa época com a juta da Brasília pra cá?

É pra cá, da Brasília pra cá.

Onde caiu tudo ali na frente?

Ali da frente da casa do Totonho, não tem aquele igarapé do início, aquele igarapé, lá nós nos beneficiava tudinho aquilo de juta. Não era só nós, todo aquele povo lá, só trabalhava nela. Depois apareceu aqui, aquele japonês que foi prefeito. Ele botou um trator pra lá pra plantar feijão, muita gente plantou feijão, lá, plantou lá. Mas não deu certo, não deu certo, que não pagou, só fazia entregar na cooperativa, a cooperativa não pagou esse povo. Ai eles deixaram de trabalhar no feijão. Ai voltaram pra juta de novo, e pra pescaria, ai formou a pescaria. Ai formou a Primeira Copesca, era lá na frente, no barracão, no muro de arrima, era bem lá.

Então depois que o senhor é, largou, assim, deixou de trabalhar com seu pai, o senhor foi trabalhando por conta própria?

Por conta própria.

Como que ficou assim sua família, assim seus pais?

Eles ficaram trabalhando.

Eles moravam na Brasília essa época?

Eles não. Moravam lá no Paraná do Espírito Santo, lá trás, lá trás. Ai foi tempo que eles venderam, a mamãe, a tia Nair que parava aqui, parava ali no Limão também. Ai ela pegou e falou com ela, se podia vender o terreno de lá, vim pra cidade, que aqui na cidade ela se dava melhor, ela vivia só doente de reumatismo. Aí ela pegou e vendeu, vendeu o terreno de lá, aí eles compraram esse daí no São Benedito. Esse terreno aí no São Benedito.

Aí dividiram com os filhos, conforme o senhor falou?

É, dividiram com os filhos. Aí compraram motor, e começaram na pesca, eles largaram o serviço da coisa, e começaram na pesca. Foi o tempo que teve a Colônia, e coisa, aí pra receber seguro, essas coisas, aí eles investiram na pesca.

Aqui na cidade o senhor chegou a trabalhar com juta aqui, na cidade, no transporte, levar para as fábricas?

Aqui?

Isso!

Na cidade, não!

O senhor só colhia lá...?

Só colhia lá e entregava aqui na Caçapava.

O senhor vinha pra entregar aqui?

É aqui.

No motor?

É no motor aqui no Caçapava. Uma tonelada, duas toneladas.

E quem eram os patrões, o senhor lembra os nomes deles?

Era José Tavares e Chico Tavares.

Eram irmãos?

Eram irmãos eles dois. Era dono daquele terreno bem da ponta. Toda essa turma da Brasília trabalhava com eles.

Pra onde vinha essa juta?

Vinha pra aí.

Pra Fabril?

É. Não! Vinha pra cá. Tiravam pra cá, pro Caçapava. Não compravam juta aí? Eu acho que ainda compram aí no Caçapava.

E durante todo tempo vinha pra cá?

É vinha pra aí.

Da sua parte lá, da sua equipe...?

É vinha tudo pra aí, tudo pra aí. A gente entregava pro patrão... uma comparação... o senhor era o meu patrão, aí o senhor me financiava até tirara aquela quantia de juta, aí eu entregava tudo que eu arrumava da juta eu entregava, aí ele me pagava, e trazia o beneficiário aqui pro Caçapava.

E nesse período assim, o senhor, o que o Governo falava nessa época pra vocês?

O Governo prometia muitas coisas mano, Ah! Ave Maria, muita coisa, e nada foi feito.

O que mais ou menos eles prometiam o senhor lembra?

Não me lembro, mas Deus o livre.

Era muito benefício?

É. É como agora, é como agora. Esse prefeito agora não define certos trabalhos, e não sai, né, não é verdade?, é assim, era naquela época.

O senhor chegou participar de alguma reunião em relação aos trabalhadores da juta daquela época?

Se eu assistir?

Isso!

Rapaz, uma vez assim, até um paraibano, fez uma reunião aí. Ele trabalhava aqui aonde é a... (pensando), esse como é, aí na frente, onde, oh meu Deus como é o nome daquela porqueira, aí aonde para os, os...

No mercado?

Não, não.

Na Câmara?

É, aí, é aí.

Na Câmara?

É! Mas naquele tempo, era um comércio grande ai. Do lado daqui era, era, era... esqueci o nome dela, vendia pano. Lá então esse cara fazia reunião da juta lá. Já pra te financia pro outro ano. Quando terminava o serviço, aí ele fazia aquela reunião, e tu pagasses bem tivesse um saldo, aí ele já ia financiar pra outro ano.

Essa reunião tratava sobre financiamento?

É!

Dava um ano, contratavam por um ano?

É, por um ano.

Todo ano renovava?

É, todo ano renovava o trabalho.

Esse paraibano do comércio que ele pagava vocês?

É.

E essa reunião era uma vez por ano apenas?

É. Era uma vez por ano.

Além disso, eles tratavam de outra coisa?

Não. Só tratavam do preço assim... olha, a juta vai subir, e coisa e tal. Logo quando tu tirava primeiro, era um preço, depois de lá caia, tinha abaixado, coisa, e tal. Era assim que era. Não vinha severo todo tempo até o fim não.

Em janeiro dava um valor, lá pra dezembro já estava outro?

Já estava outro preço.

E patrões eles faziam alguma reunião com vocês, olha vamos tratar de tal coisa?

Não, não.

Eles só faziam levar a juta?

É.

E durante esses 15 anos que o senhor falou que trabalhava na juta assim. Aconteceu algum acidente com senhor, ou com alguém?

Ah! Muito, muito, muito. Já vinha febre. A juta nunca deu coisa que prestasse. Ela trazia reumatismo, reumatismo é uma doença que dá nos ossos, que até hoje oh, isso aqui (mostra o corpo), é benefício de juta. Aqui eu tinha uma plaquinha em baixo, foi tirado em Manaus, olha como é. Quando eu brouw, ajeito aqui, tá quase toda no jeito.

Alguém morreu trabalhando?

E muito.

O senhor chegou a ver, presenciar?

Muito, muito, muito.

Como que era essa situação?

Às vezes o cara se metia na cachaça, morria afogado.

Às vezes eles iam pra água?

É. E a sucuri, puxava.

É mesmo?

É. E a sangue... a sanguessuga. Matou várias pessoas. Porque aquilo é bicho, parece desse tamanho, mas quando ela, o tamanho da junta dela, é o tamanho do corpo dela. Ela se encolhe e quando se espicha assim um palmo, ai ela vai puxando o sangue da pessoa. Todinho. Aí a pessoa fica fraco e morre.

E como que eram vocês, iam trabalhar de manhã, se alguma coisa acontecesse, encontravam corpo de alguém jogado por lá?

Encontraram.

Às vezes era por picada de cobra ou sanguessuga?

É. Picada de cobra não tinha conta mano. A surucucu todo tempo ela atacava.

O senhor foi alguma vez picado por cobra enquanto trabalhava?

Aqui oh (mostra o pé direito).

Na época da juta?

É. E quando a lua é forte, incha tudo esse meu aqui (mostra o corpo). Aí fico, vou ao hospital, tomo injeção. Aí ela diminui. A cobra, a surucucu, é uma coisa muito venenosa, muito arriscada.

E os seus filhos, chegou a trabalhar com o senhor na juta?

Quem?

Os seus filhos!

E muito. Todos eles.

Eles tinham o quê, uns 10 anos?

É.

O que eles faziam?

Capinar, tirar os filhos pra poder crescer aquela, pra ficar aquela juta.

Assim como seu pai lhe ensinou o senhor estava ensinando pra eles?

É isso aí.

E depois eles não continuaram por que a juta acabou na época?

Acabou.

E as mulheres, o senhor chegou a trabalhar com as mulheres, tinha muita mulher nessa época?

Olha, eu trabalhei com o japonês, trabalhei aí com japonês. Eu que tomava conta do serviço dele. Trabalhamos em 27 hectares aí no Paranazinho. Nós trabalhávamos com 28 pessoas. Era 20 mulher, como então 15 mulher só pra lavar a juta. Naquele tempo era metro. Pegava uma corda e botava assim na vara... pá, pá, pá. Aí pegava o fio, se desse um metro, 2,50 um metro, pagava naquele tempo.

Elas só faziam isso?

É. Elas lavavam, e botavam lá no sol.

O trabalho delas era esse?

É, o trabalho delas era esse.

O senhor comandava essa equipe aí junto com elas?

É, junto com elas.

E elas, como que era assim, o senhor chegou a as ver adoecerem, se faleceram durante o trabalho?

Ah! E muito, e muito. Dessas que trabalhavam junto com nós. Uma morreu de sarampo. Ela pegou sarampo, não se tratou, aí disse que já estava boa, e foi cai n'água, a febre atacou, e morreu.

O senhor chegou a ver alguma grávida trabalhando?

E muito. De primeiro se cara não trabalhasse ele não comia. Agora não, agora tem muito vadio (risos). Desconforme homem vadio. Deus o livre.

Aí era o homem, a mulher grávida...?

Era tudo. Todo mundo trabalhava.

Era comum assim, o senhor levava seus filhos, assim como seu Antônio levava os deles. Os pais levavam os filhos, principalmente os homens, dos 10 aos 11 anos de idade, já saia pra juta?

É. Já saia pra juta.

Eles ganhavam aquilo que vocês ganhavam?

É ganhava aquilo que nós ganhava.

O acordo era com os homens?

O acordo era com eles. É. Agora vou te dizer. As nossas filhas a maior parte delas, não pegaram assim, esse estica. Porque foi o tempo que nós deixemos a juta, nós vivia na pescaria com eles pra sustentar nossos filhos, pra estudar. Nós passava noite e dia na proa da canoa. Nunca eu fui com esse homem no lago, se nós não trouxesse 3 ou 4 pirarucu, nunca. Eu tinha uma cajila, quando ele pulava na popa da minha canoa podia dizer. Vinha mesmo. Nós botava

a astia aqui no ombro, no verão. Botava a astia no ombro... uma traz outra pra frente, a gente ia embora nesse Macuricanã. Em dois dias nos pegava mil, mil e cem. Com esse homem, o avô dela, o Totonho.

O senhor lembra mais ou menos quando foi caindo o preço da juta. Quando acabou mesmo a juta, que viram que não dava mais, depois vocês mudaram pra outro ramo. O senhor lembra o ano mais ou menos, o período?

Eu não me lembro do ano que ela terminou, eu não me lembro dessa época. Não me lembro. Mas eu vou te dizer que depois da juta acabar, assim, parar, ela não acabou assim, parou né. Ela foi parando devagar. Mas as coisas continuam melhor. Porque na juta, a juta não dava lucro. Não dava lucro, e muitos que a gente ia arrumando, ia dar mais lucro. Ai você ia plantar uma roça, ia plantar m feijão, milho, melancia.

Já era sua... Já era de vocês a roça?

É. Já era nossa. Então nós favorecia disso. Não era mais do patrão.

Então depois que a juta acabou ai cada tinha seu terreno ali na Brasília, por lá pelo Paraná, aí vocês plantavam e pescavam, ai vocês perceberam que aquilo estava rendendo mais e começaram a investir...?

Mais do que a juta, mais do que juta. Deus o livre, tu plantava meio quarto de milho tu tava feito. Tu tava feito. O que tu trazia logo era molizinho pra vender aqui, e dava o lucro, aí tu deixava uma parte pra secar, e ia desbulhar e vender em saca.

Então depois que terminou a juta, o senhor entrou na parte da agricultura, e da pesca, os outros, seus filhos e sua família?

Tudo. Eu adquirir esse barco na pesca.

O senhor tem uma bajara, um barco?

Tenho. Pega dois mil kilos, a Mariana.

Como é que foi, acabou a juta, vamos mudar de ramo, como é que foi nesse período aí?

Acabou a juta...

Vieram vender na cidade? Como é que foi que passaram a sobreviver, a viver, a partir daí?
Passamos um tempo aqui, lá na baixa de Itacoatiara. Eu passei 11 anos pra lá trabalhando no Guaraná.

Na baixa de Itacoatiara, no Urucurituba por ali?

Não, lá no... Ali no... Ali entre meio do... Vou te dizer (pensando)... Tem o Arari, corta aqui né, pra cá corta pro Arariá, parava lá dentro do Arariá. Pra Itacoatiara era uma hora e meia. Num 36 era uma hora e meia. Vinha e para bem de frente com Itacoatiara. E pra Maués era nove horas e meia pra Maués, de baixada e subida. Eu trabalhei lá.

Onze anos?

Onze anos eu trabalhei lá. Lá nós mexia, nós ia pro garimpo.

Trabalhou muito tempo no garimpo?

Assim, nós fazia 4 viagem no mês pro garimpo. Fazia 4 viagem com meu patrão. Tinha um patrão lá, um arigó. Trabalhava lá, com esse arigó. Trabalhava com 450 reis lá. Trabalhava no guaraná. Ele tinha 26 hectares de guaraná.

No período que o senhor trabalhou na juta, era ruim assim como o senhor falou, a condição de trabalho era péssima como o senhor falou, tinha animais, adoecia, até morria as pessoas.

O senhor sofreu alguma discriminação, dos patrões, das pessoas lá, eles tratavam vocês mal?

Se tu... Uma comparação, tu trabalhava com duas hectares. Tu tinha que fazer uma média, daquelas duas hectares, tinha que fazer um saldozinho, pra ti comprar uma roupa, uma rede, uma coisa. Tinha que fazer uma média. Tinha só que gastar a metade. Se era duas hectares, tu só ia gastar uma hectare. E uma tu já ia trabalhar pra tirar ela livre pra poder tu se manter. Por que se tu fosses rebolar tudo, no fim tu ficava com uma mão assim outra aqui. Sem nada.

Tinha que saber trabalhar dessa forma aí?

Tinha que saber trabalhar.

O patrão só queria mais trabalho, então ele vendia pra fábrica?

É, aí tu ficava lascado.

Quando acabou a juta, o senhor percebeu que...?

Melhorou muito! Melhorou muito a situação.

O que foi melhor pro senhor, plantar coisas ou a pesca?

Olha! Melhorou a plantação. Melhorou a pescaria. Até hoje a pescaria tá boa. Olha! Quando chega naquela época, tem o seguro. Você se aposenta por pouca idade. Porque se você tem contribuído no INSS, todo tempo pagando o INSS, desde quando... uma comparação, você entra hoje na Copesca. Aí você já vai pagar, nesse outro mês, você já vai pagar o INSS. Naquele tempo a gente pagava R\$ 32,50. Agora tá R\$ 144,00. Do INSS. Ficou alto. Mas tu tem coisa, se tu chega lá, se tu tiver com 15 anos que tu tá contribuindo, aí eles já te aposento, já te aposento. Eu tenho escutado aqui na Hora do Brasil, que já pode se aposentar. Tenho rádio só pra escutar essas coisas mesmo. Já pode se aposentar.

Seu Valdino, eu quero fazer uma pergunta por senhor, o senhor falou do seu Antônio que trabalhou com o senhor. Além dele, o senhor lembra-se de outros homens, outros colegas que trabalhavam com senhor, que ainda estão vivos, que ainda estão na cidade ou que ainda estão no interior. Homens ou mulheres que trabalhavam com o senhor, ah! eu me lembro do fulano...?

Aqui... Tem pouco já, já tem pouco. Tem poucas pessoas já.

O senhor lembra o nome deles?

Eu lembro... é....

Pode falar?

Até o compadre Raimundo morreu de beneficio de negócio de juta. Ele adoeceu muito. Naquele tempo, o médico não descobria a doença. O câncer matou muita gente, muita gente ele matou. Porque o médico era só o doutor toda lá Vila Amazônia. Eu fazendo roçado, o pau me bateu isso aqui, é remontado isso aqui. É remontado. O pau me bateu derrubando, fomos achar o machado e o terçado depois de queimar. Depois de queimar o roçado que nós achemos (risos). Sem cabo, sem nada já (risos). Já tinha queimado tudo. Até o nosso médico era o japonês lá na Vila Amazônia. Lá que era o Dr Toda.

Quando vocês adoeciam na juta, ele que cuidava de vocês?

Cuidava. A gente ia pra lá. Depois passou um posto aqui... Não tem os índios?... Pra cá era um posto, tinha um posto, era o posto Toda, tinha um posto ali. Ai já facilitou pro pessoal daqui de Parintins.

Tem um posto lá com esse nome?

É isso mesmo. E naquele tempo, encanação não tinha, luzes não tinha. Meu tio, o matadouro era aqui na Baixa da Xana, era 4 cajueiros que tinha num caju por lá, redondo, aí era o matadouro. Tinha um curralzinho aí, nós puxava gado, isso tudo aqui era mato... tiriri que o diabo a 14, Deus o livre, isso nosso aqui (braços), escorria sangue correndo atrás de gado quando escapolia da corda. Nós puxava gado de lá, pra vim matar aí. Tu pensa que matava muito? Era cada um matava uma reis, às vezes ainda estragava. Era pouca gente, era pouca gente.

O senhor lembra de outros colegas de trabalho da época? Nome assim?

Ah! Seu eu lembro o nome?

Isso!

Tem o...

O senhor falou desse Raimundo, mas já faleceu né?

Já, mas tem o Doca.

Doca tá vivo?

Doca Teixeira, tá vivo.

Trabalhou com o senhor?

Ele trabalhava com nós também.

O senhor sabe onde ele mora?

Mora aí em baixo do Panpan (Antônio).

Lá na Brasília?

É, ele mora lá. O Mauro também mora lá.

Mauro?

Raissa: Dá família de quem o Mauro é?

O Mauro é da família Ribeiro. Ele é da família Ribeiro é...

Dá Brasília também?

Da Brasília. Foram nascidos e criados lá na Brasília.

Quem mais assim o senhor lembra?

O... Fadô. A sogra dele.

A sogra dele é a dona Maroca?

É a Maroca. O Vivi é o sogro dele. Chamam de Vivi pra ele, eu não sei o nome dele. Esse Vivi era dona daquele terreno ai de frente, que até hoje tão brigando com... que a velha foi daqui e queria ficar com uma parte do terreno do Totonho, eu disse “cunhado deixa já ela ficar”, “fica é porra” (risos). Mas naquele tempo ele ficou muito brabo. Foi lá desfincou o pau e jogou pro igarapé. “mas que velha péssima”. Olha essa Brasília já é uma terça parte de terra. Só a igreja e o campo de futebol, onze já foram embora. A terra caída já levou.

E tá caindo né?

E tá caindo. Ainda vai levar mais. Olha se tu visse o grupo. Tu passava ai na frente do grupo. Oh o grupo ficava numa distancia como daqui ali na travessa, ali como é a orla, o grupo da beirada. Hoje em dia tá mesmo... acho que não tem uns 5 metros, 2 metros por aí. Já caiu muito. Muita gente que tinha terreno lá, já não tem mais. Aqueles terrenos os últimos que nós estamos morando, aquilo ficava muito no Centro. Uma hora pra tu carregar água pra lá. Agora não, bota a bomba. Ainda vai ficar mais perto.

Ainda tem mais gente lá na Brasília, que trabalhou com a juta com vocês, além do Mauro e além do Doca?

Tem.

De mulher, o senhor tem o nome alguma mulher em mente, a mulher fulana de tal trabalhou comigo nessa época?

A mulher desse Osvaldo, ela trabalhou com nós desde a idade de 8 anos.

A mulher do Osvaldo, o Fadô?

A Luzia. Ultimamente ela foi nossa cria, a Luzia. Nós criamos pra bem dizer ela.

Desde pequena com vocês?

Desde pequena com nós.

Daí que ela conheceu o Fadô?

Aí né, depois com 17 anos, que ela se meteu com o Fadô.

Ele também estava com vocês? Então surgiu do trabalho isso?

É.

Raissa: Vocês conversaram com a Luzia e com a Maroca.

A gente conversou com ela depois que terminou a juta, elas entraram na pesca do camarão?

Éééééééééé... Aí elas começaram a rebolar o camarão.

Vocês com a pesca, com peixe normal, e elas com camarão?

Elas com camarão, isso aí!

Vocês com pirarucu, tambaqui, por aí vai. É mais pirarucu que vocês...?

É mais pirarucu.

Então o senhor lembra mais da Dona Luzia que trabalhou com vocês?

É! A Lavina.

Quem é Lavina?

A Lavina é mãe do Aderaldo. Mãe da Joca. Essa aqui conhece eles (aponta pra Raissa).

Conhece Raissa Dona Lavina, é senhora ela?

É. Arsino que é genro do Biro Biro. O pai da Suzy.

O Arsino conhece... o pai da Suzy é?

É. Ela, a mãe dela.

Raissa: O Arsino é que chamam de surdo.

Mora lá próximo?

Mora, encostado a casa do Biro Biro. Vocês querem água?



